

A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

por

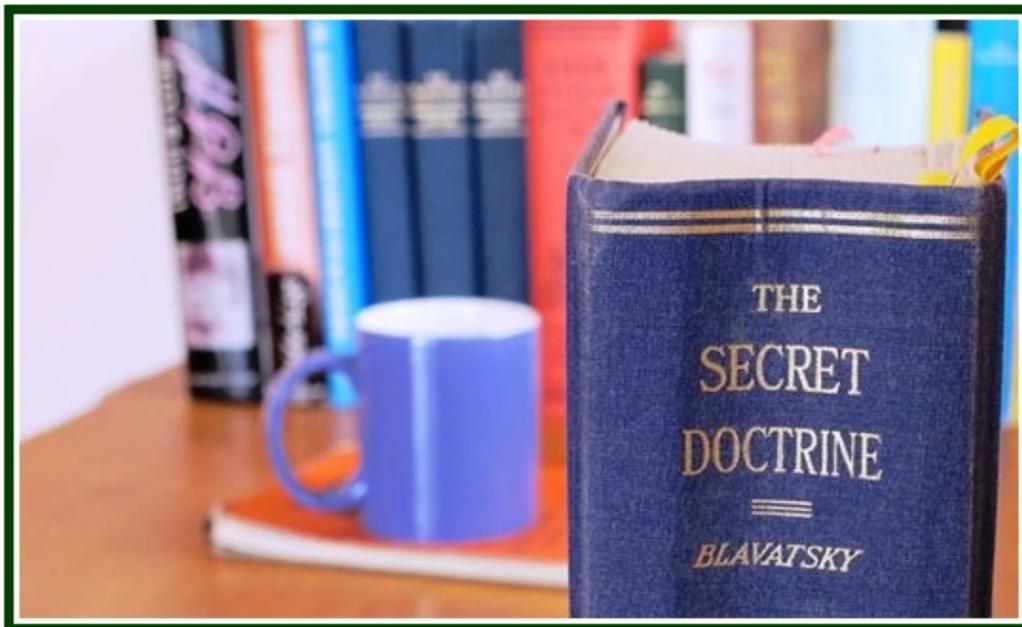
H. P. Blavatsky

Autora de “Ísis Sem Véu”

सत्यात् नास्ति परो धर्मः ।

“Não há Religião mais elevada que a Verdade”

Vol. I – COSMOGÊNESE



Sumário

Da Primeira Etapa da Tradução

Volume I

Cosmogênese

Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947	4
Prefácio da Autora	7
Introdução.....	10
Proêmio	41

Parte I do Volume I **A Evolução Cósmica**

Sete Estâncias do Livro de Dzyan	64
Estância I - A Noite do Universo	72
Estância II - A Ideia de Diferenciação	88
Estância III - O Despertar do Cosmos	96
Estância IV - As Hierarquias Setenárias	119
Estância V - Fohat, O Filho das Hierarquias Setenárias	138
Estância VI - Nosso Mundo, Seu Crescimento e Desenvolvimento	
Concepções Teosóficas Erradas.....	
Explicações Sobre os Globos e as Mônadas.....	
Estância VI - Continuação	
Estância VII - Os Pais do Homem na Terra	
Resumindo	

Parte II do Volume I **A Evolução do Simbolismo em Sua Ordem Aproximada**

(.....) (.....) (.....)

Parte III do Volume I **A Ciência e a Doutrina Secreta, Comparadas**

(.....) (.....) (.....)

Fragmento da Parte I do Volume II

As Estâncias da Antropogênese no Volume Secreto de Dzyan.....	138
---	-----

(A tradução continuará)

Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947

O Movimento Teosófico do século 19 começou em 1875. A DOUTRINA SECRETA, publicada pela primeira vez em 1888, foi escrita pela senhora H. P. Blavatsky para estabelecer um registro autêntico dos ensinamentos da filosofia teosófica. “A DOUTRINA SECRETA”, disse ela, “não é um tratado, ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser dado ao mundo neste século”. [1]

Em torno de 1925, cinquenta anos depois da fundação do Movimento em Nova Iorque, a primeira edição da obra estava esgotada já havia muito tempo. Naquele momento, o ponto médio do ciclo de cem anos do Movimento Teosófico, a Theosophy Company tornou disponível pela primeira vez uma edição fac-similar da grande obra da senhora Blavatsky, com uma reprodução fotográfica da edição original. O atual volume é idêntico às impressões anteriores, embora tenha sido impresso a partir de novas chapas.

Além da edição original de 1888 - a única autorizada pela senhora Blavatsky - apareceram várias outras edições desta obra. Uma delas, a chamada “Terceira Edição Revisada”, de 1893, está distorcida e com muitos milhares de alterações, algumas das quais são triviais, enquanto outras são verdadeiras mutilações do texto original.

Mais adiante, foi incluído nesta suposta “Edição Revisada” de A DOUTRINA SECRETA um ilegítimo “Terceiro Volume”. Ele foi lançado em 1897, seis anos depois da morte de H. P. Blavatsky. Compilado de papéis vários achados em seus arquivos, este volume não faz parte da DOUTRINA SECRETA original escrita pela senhora Blavatsky. [2]

A “Terceira Edição Revisada” deu lugar a outra edição em 1938, esta vez com *seis* volumes, que foi chamada de “Edição de Adyar”. Esta edição é substancialmente a mesma versão “revisada”, com as exceções do acréscimo de índices remissivos, de um texto biográfico sobre a autora, de várias mudanças tipográficas e de um texto tentando justificar a publicação do ilegítimo “terceiro volume”.

Houve ainda outra edição de A DOUTRINA SECRETA. Neste caso, com a exceção de “correções” sem fundamento, feitas nas expressões sânscritas usadas pela autora, e de um acréscimo de material sectário irrelevante, trata-se de uma reprodução virtualmente fiel do texto original. A sua autenticidade exata, no entanto, não pode ser confirmada sem uma cansativa comparação com a edição original.

A DOUTRINA SECRETA autêntica tem apenas dois volumes. Como foi escrito inicialmente, A DOUTRINA SECRETA devia ser publicada em quatro volumes, mas só dois volumes foram dados por H. P. B. ao editor. Os dois volumes restantes,

embora completos, foram retirados por ela por razões claramente indicadas ao final do segundo volume da edição original. [3]

Com a presente impressão de A DOUTRINA SECRETA, a Theosophy Company continua cumprindo sua função de tornar acessíveis aos estudantes e interessados edições inalteradas da literatura original do Movimento Teosófico.

Os dois volumes da edição original estão aqui reunidos em um só volume para maior comodidade dos estudantes; em todos os outros aspectos, esta edição é um fac-símile exato da edição original e isso é algo em que se pode confiar.

The Theosophy Company, 17 de Novembro de 1947.

NOTAS:

[1] “The Secret Doctrine”, Theosophy Company, volume I, p. xxxviii. (Nota do Tradutor)

[2] A edição brasileira da Ed. Pensamento de “A Doutrina Secreta” tem seis volumes. Os dois primeiros correspondem ao primeiro volume da edição falsificada de 1897. Os volumes 3 e 4 correspondem ao volume 2 da edição adulterada. Os volumes 5 e 6 correspondem ao terceiro volume, fabricado por Annie Besant em 1897. (Nota do Tradutor)

[3] “The Secret Doctrine”, Theosophy Company, volume II, p. 798. Trata-se do parágrafo que encerra o volume II da obra. Nele H. P. B. diz:

“Enquanto o lixo acumulado durante eras não for afastado das mentes dos teosofistas a quem estes volumes são dedicados, é impossível que o ensinamento mais prático contido no Terceiro Volume seja compreendido. Em consequência disso, a questão sobre se os dois últimos volumes serão publicados algum dia - embora eles estejam *quase* prontos - depende inteiramente do que os Teosofistas e Místicos fizerem, quando tiverem em suas mãos os volumes I e II.” (Nota do Tradutor)

000000000000

A Doutrina Secreta

A Síntese da
Ciência, Religião e Filosofia

por H. P. Blavatsky

Vol. I - COSMOGÊNESE

*Dedico esta Obra a todos
os Verdadeiros Teosofistas, em
todos os Países e de todas as Raças,
porque eles fizeram com que ela fosse
necessária e ela foi escrita para eles.*

Prefácio

A autora - ou, mais precisamente, a redatora - sente que é necessário desculpar-se pela longa demora na aparição desta obra. O atraso ocorreu devido a problemas de saúde e à magnitude da tarefa. Mesmo os dois volumes agora publicados não completam o projeto, e eles não tratam exaustivamente os assuntos abordados. Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo [1] através das vidas dos grandes Adeptos [2] da Raça Ariana [3], mostrando a influência da filosofia oculta sobre a conduta na vida, tal como é e tal como deveria ser. Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.

Este plano, devemos acrescentar, não existia quando a preparação da obra foi anunciada pela primeira vez. De acordo com a intenção inicial, “A Doutrina Secreta” seria uma versão corrigida e aumentada de “Ísis Sem Véu”. Pouco depois, no entanto, viu-se que era necessário um método diferente para as explicações que se poderia acrescentar ao que já havia sido dado ao mundo em “Ísis Sem Véu” e outras obras dedicadas à ciência esotérica. Por esse motivo, os presentes volumes não contêm, ao todo, nem sequer vinte páginas de “Ísis Sem Véu”.

A autora não considera necessário pedir pela generosa compreensão dos leitores e críticos em relação aos muitos erros de estilo literário, ou em relação ao inglês imperfeito que pode ser encontrado nestas páginas. Ela é estrangeira, e o seu conhecimento deste idioma foi adquirido numa etapa madura da vida. A língua inglesa é usada porque oferece o meio mais amplamente difundido para a transmissão das verdades que é seu dever colocar diante do mundo.

Estas verdades não são apresentadas, de modo algum, como uma *revelação*. A autora tampouco reivindica a posição de reveladora de um conhecimento místico agora divulgado publicamente pela primeira vez na história do mundo. O que está contido nesta obra pode ser encontrado em fragmentos espalhados ao longo de milhares de volumes que formam as escrituras das grandes religiões asiáticas e das primeiras religiões da Europa, oculto sob hieróglifos e símbolos, e até aqui despercebido devido a este véu. O que se tenta fazer agora é reunir os antigos ensinamentos e fazer deles um todo harmonioso e contínuo. A única vantagem que a autora tem em relação aos seus predecessores é que ela não necessita recorrer a especulações e teorias pessoais. Esta obra é o registro parcial do que ela própria aprendeu com estudantes mais avançados, e que foi complementado, apenas em alguns poucos detalhes, pelos resultados do seu próprio estudo e da sua observação.

A publicação de muitos destes fatos tornou-se necessária devido às especulações fantasiosas e sem fundamento em que caíram durante os últimos anos muitos teosofistas e estudantes da tradição mística, enquanto tentavam produzir um sistema completo de pensamento a partir dos poucos fatos comunicados antes a eles.

É desnecessário explicar que este livro não contém a Doutrina Secreta toda, mas um número seletivo de fragmentos dos seus aspectos fundamentais, ao mesmo tempo que é dada, nele, uma especial atenção a certos fatos captados por diversos escritores e distorcidos até uma situação em que passam a estar muito distantes da verdade.

Mas talvez seja desejável afirmar inequivocamente que os ensinamentos contidos nestes volumes, por mais fragmentários e incompletos que sejam, não pertencem exclusivamente ao Hinduísmo, nem ao Zoroastrismo, nem à religião dos caldeus ou à religião egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo, ao Judaísmo ou Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas estas religiões. Inspirados pela Doutrina Secreta em suas origens, os vários esquemas religiosos são agora colocados novamente no seu elemento original, a partir do qual cada mistério ou crença surgiu, cresceu e se materializou.

É mais do que provável que o livro seja visto por grande parte do público como um romance dos mais fantásticos: quem ouviu falar, alguma vez, do livro de Dzyan?

A autora, portanto, está preparada para assumir completa responsabilidade pelo conteúdo desta obra, e para enfrentar a acusação de haver inventado tudo o que escreveu. Ela está plenamente consciente de que a obra tem muitas falhas. O que ela afirma é que, embora a obra pareça romântica para muitos leitores, a sua coerência lógica e a sua consistência capacitam este novo Gênesis para estar, pelo menos, no mesmo nível que a “hipótese de trabalho” tão amplamente aceita pela ciência moderna. Além disso, esta obra merece consideração, não porque tenha como apoio alguma autoridade dogmática, mas porque segue firmemente a Natureza, e obedece às leis da uniformidade e da analogia.

A meta desta obra pode ser descrita do seguinte modo: mostrar que a Natureza não é “uma aglomeração casual de átomos”, e indicar ao ser humano o seu lugar correto no esquema do Universo; resgatar da degradação as verdades arcaicas que estão na base de todas as religiões; e revelar, até certo ponto, a unidade fundamental da qual todas elas surgem; e, finalmente, mostrar que o lado oculto da Natureza nunca foi enfocado pela Ciência da civilização moderna.

Se isso tiver sido obtido, mesmo em pequena medida, a autora estará contente. A obra foi escrita para servir à humanidade, e deve ser julgada pela humanidade e pelas futuras gerações. Sua autora não reconhece a validade de nenhum tribunal inferior a estes. Ela está acostumada ao desrespeito. Calúnia é algo que enfrenta diariamente; diante da maledicência, ela sorri com silencioso desprezo.

De minimis non curat lex. [4]

Londres, Outubro, 1888.

H. P. B.

NOTAS:

[1] Ocultismo, ou filosofia esotérica, nada tem a ver com “artes ocultas”, mas se refere à ciência que leva à compreensão altruísta do universo e da vida, situado além do mundo da forma e por isso “oculto”. O essencial é invisível aos olhos. A filosofia oculta ou esotérica investiga aquilo que é transcendente, e faz isso a partir do ponto de vista da ética universal e com base no princípio do respeito por todos os seres. (Nota do Tradutor)

[2] Adeptos; Sábios, Iniciados, Proficientes na Ciência Secreta (Nota do Tradutor)

[3] Em teosofia, o termo “Raça” corresponde a um tipo humano abrangente, que transcende características físicas, inclui diversas etnias e equivale a quase toda a humanidade, influenciando fortemente a totalidade dela. Através da reencarnação, as mesmas almas devem passar sucessivamente por todas as Raças. A evolução ao longo das Raças é um processo da humanidade como um todo. Seria um absurdo, portanto, pensar em “superioridade” ou “inferioridade” de alguma raça em relação a outras. Durante o século vinte, no entanto, o termo “raça” foi deturpado pelos líderes criminosos do nazismo e do fascismo, que contavam ao atacar a democracia com o discreto apoio do Vaticano, na Itália e na Alemanha. (Veja, a respeito, o texto “**A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial**”, que pode ser localizado através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#), em www.FilosofiaEsoterica.com.) Para a filosofia esotérica, a “Raça Ariana” é o grupo humano descendente dos Árias, os sábios habitantes da Índia antiga. A filosofia teosófica ensina a lei da fraternidade universal entre todos os povos, raças e etnias, e afirma a igualdade de todos perante a lei da justiça universal. (Nota do Tradutor)

[4] “De minimis non curat Lex”. Tradução do latim: “A lei não leva em conta ninharias.” Trata-se de uma paráfrase da frase latina “De minimis non curat praetor”, “o juiz não leva em conta ninharias”. (Nota do Tradutor)

000000

Introdução

“Ouvir gentilmente, julgar com amabilidade”¹

Shakespeare

Desde a aparição da literatura teosófica na Inglaterra, tornou-se um costume chamar os seus ensinamentos de “Budismo Esotérico”. E, como diz um velho provérbio baseado na experiência cotidiana - depois que o Erro se torna um hábito, “ele desce por um plano inclinado, enquanto a Verdade tem que subir laboriosamente abrindo caminho montanha acima.”

As velhas verdades conhecidas de todos são, frequentemente, as mais sábias. A mente humana dificilmente fica completamente livre de preconceitos, e frequentemente opiniões decisivas são formadas antes de um exame atento de todos os aspectos de um assunto. Dizemos isso como uma referência ao duplo erro predominante hoje, (a) de limitar a Teosofia ao Budismo; e (b) de confundir os princípios da filosofia religiosa ensinada por Gautama, o Buda, com as doutrinas esboçadas no livro “O Budismo Esotérico”.² Seria difícil imaginar algo mais errôneo do que isso. O fato tornou possível aos nossos inimigos encontrar uma arma eficiente contra a teosofia, porque, como um destacado estudioso do idioma páli enfaticamente afirmou, não há no volume mencionado “nem esoterismo nem Budismo”. As verdades esotéricas apresentadas na obra do Sr. Sinnett haviam cessado de ser esotéricas no momento em que foram tornadas públicas; e o livro não contém a religião de Buddha, mas simplesmente alguns princípios de um ensinamento até aqui oculto que são agora complementados amplamente, aumentados e explicados nos presentes volumes. Mas mesmo estes últimos, embora divulgando muitos princípios fundamentais *da DOCTRINA SECRETA oriental*, erguem apenas uma pequena ponta do escuro véu. Porque ninguém, nem mesmo o maior adepto vivo, teria permissão para, caso ele pudesse - ou quisesse - divulgar promiscuamente para um mundo desrespeitoso e descrente, aquilo que tem sido tão eficazmente escondido do mundo durante longos éons e eras.

¹ Citação do final do prólogo da peça “A Vida do Rei Henry V”, de William Shakespeare. (Nota do Tradutor)

² Referência ao livro “O Budismo Esotérico”, de A. P. Sinnett. A obra foi publicada no Brasil pela Editora Pensamento. Título original em inglês, “Esoteric Buddhism”. (Nota do Tradutor)

“O Budismo Esotérico” foi uma excelente obra com um título muito infeliz, embora seu título quisesse dizer exatamente o que diz o título da presente obra, “DOCTRINA SECRETA”. Ele demonstrou ser infeliz porque as pessoas têm sempre o hábito de julgar as coisas pela aparência e não pelo significado; e também porque o erro agora se tornou tão universal que até a maior parte dos próprios membros da Sociedade Teosófica³ se tornaram vítimas da mesma concepção errada. Desde o início, no entanto, brâmanes e outros protestaram contra o título. Para ser justa comigo mesma, devo acrescentar que “O Budismo Esotérico” só foi apresentado a mim quando já era um volume completo, e eu não tinha ideia de qual seria a grafia adotada pelo autor para a palavra “Budh-ismo”.

A responsabilidade pela situação deve ser atribuída a aqueles que, tendo sido os primeiros a abordar publicamente o tema, deixaram de assinalar a diferença entre “Buddhismo”⁴ - o sistema religioso de ética ensinado pelo Senhor Gautama, e chamado assim em função do seu título de Buddha, “o Iluminado” - e *Budha*, “Sabedoria” ou conhecimento (*Vidya*), a função cognitiva, que vem da raiz sânscrita “Budh”, *saber*. Nós, teosofistas da Índia, somos os verdadeiros culpados, embora, na época, tenhamos feito o possível para corrigir o erro. (Veja “The Theosophist”, Junho de 1883)⁵. Evitar este erro lamentável de denominação teria sido fácil: seria suficiente mudar a grafia da palavra, e de comum acordo falar e escrever “Budhismo”, ao invés de “Buddhismo”. Este último termo tampouco está

³ Sociedade Teosófica; esta é uma referência à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir pouco depois de 1891, quando morreu Helena Blavatsky. Em 1894-1895, Annie Besant liderou uma campanha política radical contra William Judge, provocando a fragmentação do movimento teosófico. No século 21, o movimento tem um grau bastante grande de diversidade organizativa. Portanto, cada vez que uma obra clássica de teosofia se refere a “Sociedade Teosófica”, deve-se ler “Movimento Teosófico”. (Nota do Tradutor)

⁴ Buddhismo; embora em português a palavra seja grafada normalmente como “budismo”, seguimos neste trecho da tradução a grafia etimológica da palavra - que é mais próxima da língua inglesa - para que o leitor possa acompanhar o raciocínio de H. P. B. O uso em português da grafia etimológica em palavras como “buddhismo” e “Buddha” seria útil para estabelecer uma relação mais direta com o verdadeiro significado destes termos, que se referem a **Buddhi**, o sexto princípio da consciência humana ou “luz espiritual”. No entanto, usaremos na presente tradução a grafia etimológica apenas nas situações que se referem à presente argumentação. Fora dos limites desta discussão etimológica, grafaremos a palavra budismo e termos derivados tal como se usa hoje normalmente no idioma português. (Nota do Tradutor)

⁵ Junho de 1883. A data da referência está errada no original em inglês. Na verdade, a edição de “The Theosophist” em que foi tentado esclarecer o problema é a de junho de 1884. O título do texto, assinado por “A Brahman Theosophist”, é “Esoteric Buddhism and Hinduism”. Veja, naquela edição, as pp. 223-225. (Nota do Tradutor)

corretamente grafado, porque em inglês o correto seria “Buddhism”, e os seus seguidores seriam “Buddhaists”.⁶

Esta explicação é absolutamente necessária no começo de uma obra como esta. A “Religião da Sabedoria” é uma herança de todas as nações, no mundo inteiro, embora tenha sido afirmado em “O Budismo Esotérico” (no *Prefácio* à edição original) que “dois anos atrás (isto é, 1883) nem eu *nem qualquer outro europeu vivo* sabia o alfabeto da Ciência, aqui colocada pela primeira vez em forma científica”, etc. Este erro deve ter surgido inadvertidamente no texto. Porque a presente redatora já conhecia tudo o que está “divulgado” em “O Budismo Esotérico” - e muito mais do que isso - *muitos anos* antes que se tornasse dever dela (em 1880) transmitir uma pequena parcela da Doutrina Secreta a dois cavalheiros *europeus*, um dos quais é o autor de “O Budismo Esotérico”; e seguramente a presente redatora tem o indubitável, embora, para ela, vago, privilégio de ser europeia de nascimento e por educação. Além disso, uma parte considerável da filosofia exposta pelo Sr. Sinnett foi ensinada na América do Norte, inclusive antes que o livro “Ísis Sem Véu” fosse publicado, a dois europeus e a meu colega, o coronel H. S. Olcott. Dos três instrutores que este último cavalheiro teve, o primeiro foi um Iniciado húngaro, o segundo um egípcio, o terceiro um hindu. Na medida do que foi permitido, o coronel Olcott transmitiu de várias maneiras uma parte destes ensinamentos; se os outros dois não fizeram isso, foi simplesmente porque não tiveram autorização, e porque o momento para eles trabalharem publicamente não chegou. Mas para outros indivíduos já chegou o momento de trabalhar em público, e a aparição de vários livros interessantes do Sr. Sinnett é uma prova visível deste fato. É importante acima de tudo compreender que nenhum livro teosófico adquire qualquer valor adicional com base em pretensão de autoridade.

Etimologicamente, *Adi*, ou *Adhi* Budha, a *única* (ou a Primeira) “Suprema Sabedoria” é um termo usado por Aryasanga em seus tratados secretos, e, hoje, por todos os místicos budistas do Norte. É um termo Sânscrito, e um título dado pelos primeiros Árias à divindade Desconhecida; a palavra “Brahmâ” não é encontrada nos Vedas e nas primeiras obras. Significa a Sabedoria absoluta, e “Adi-bhuta” é traduzido como “a causa primeira e não-criada de tudo” por Fitzedward Hall. Éons de duração indizível devem ter passado antes de o epíteto “Buddha” ter sido tão humanizado, digamos assim, a ponto de permitir o seu uso em relação a seres mortais, e finalmente a sua atribuição a um ser cujas virtudes e conhecimento fizeram com que recebesse o título de “Buddha de Sabedoria inalterada”. *Bodha* significa a posse inata de uma “compreensão” ou intelecto divinos; “Buddha”, a sua aquisição através de esforços pessoais e mérito próprio; enquanto *Buddhi* é a faculdade de conhecer o canal através do qual o conhecimento divino chega até o “Ego”, o discernimento do bem e do mal, e também a “consciência divina”; e a “Alma Espiritual”, que é o veículo de Atma. “Quando *Buddhi* absorve nosso EGO-ísmo (quando o destrói) com todos os seus *Vikaras*, Avalôkitêshvara se torna manifesto para nós, e Nirvana, ou *Mukti*, é alcançado”. “Mukti” é o mesmo que

⁶ Buddhism, Buddhaists; em português, os termos equivalentes seriam “Buddhaísmo” e “Buddhaístas”. (Nota do Tradutor)

Nirvana, isto é, liberdade das redes de “Maya” ou *ilusão*. “Bodhi” é também o nome de um estado específico de êxtase, chamado *Samadhi*, e durante o qual o indivíduo alcança a culminação do conhecimento espiritual.

Insensatos são aqueles que, com um ódio cego e já inviável contra o buddhismo - e, por extensão, contra o “budhismo” - negam os seus ensinamentos esotéricos (que são os mesmos dos brâmanes) apenas porque o título sugere o que para eles, monoteístas, são doutrinas nocivas. *Insensatos* é o termo correto em relação a eles. Porque só a filosofia esotérica pode enfrentar, nesta época de materialismo crasso e ilógico, os repetidos ataques contra tudo o que o ser humano considera mais valioso e sagrado em sua vida espiritual interna. O verdadeiro filósofo, o estudante da Sabedoria Divina, deixa inteiramente de lado as personalidades, crenças dogmáticas e religiões específicas. Além disso, a filosofia esotérica reconcilia todas as religiões, retira de cada uma as suas vestes externas e humanas, e mostra que a raiz de cada uma delas é idêntica à raiz de todas as outras grandes religiões. Isto comprova a necessidade de um Princípio Divino absoluto na natureza. Ela não nega a Divindade, assim como não nega o Sol. A filosofia esotérica nunca negou Deus na Natureza, nem a Divindade como o *Ente*⁷ absoluto e abstrato. Ela apenas se recusa a aceitar qualquer um dos deuses das chamadas religiões monoteístas, deuses criados pelo ser humano à sua própria imagem e semelhança, uma blasfêmia e uma triste caricatura do Sempre Incognoscível. Além disso, as evidências que pretendemos colocar diante do leitor incluem os ensinamentos esotéricos de todo o mundo, desde o início da nossa humanidade, e o ocultismo buddhista ocupa neles apenas o seu legítimo lugar e nada mais. De fato, as partes secretas de “Dan” ou “Jan-na”⁸ (“*Dhyan*”) da metafísica de Gautama - embora pareçam grandiosas para alguém que não esteja familiarizado com os princípios da antiga Religião da Sabedoria - são apenas uma porção muito pequena do todo. O Reformador Hindu limitou os seus ensinamentos públicos ao aspecto puramente moral e fisiológico da Religião da Sabedoria, à Ética e ao SER HUMANO, apenas. O grande Instrutor jamais abordou em suas palestras públicas as coisas “invisíveis e incorpóreas” e o mistério do Ser fora da nossa esfera terrestre, reservando as coisas ocultas para o círculo seletivo dos seus Arhats. Estes recebiam a sua Iniciação na famosa caverna Saptaparna (ou a *Sattapanni* de Mahavansa), perto do Monte Baibhâr (Webhâra nos manuscritos páli). Esta caverna estava em Rajagriha, a antiga capital de Mogadha, e foi a caverna *Cheta* de Fa-hian, como supõem corretamente alguns arqueólogos.⁹

⁷ Ente; no original em inglês, “ens”, ente ou entidade, algo que tem existência real. (Nota do Tradutor)

⁸ *Dan*, que agora se transformou, na fonética do chinês e do tibetano modernos, *ch’an*, é o termo usado para as escolas esotéricas e sua literatura. Nos livros antigos, a palavra *Jnana* é definida como “reformular a si mesmo através da meditação e do conhecimento”, um segundo nascimento *interior*. Disso vem o termo Dzan, foneticamente *Djan*, o “Livro de *Dzyan*”. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹ Acreditamos que o Sr. Beglor, engenheiro-chefe em Buddhagaya e um destacado arqueólogo, foi o primeiro a descobrir isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

O tempo e a imaginação humana empobreceram a pureza e a filosofia destes ensinamentos, depois que eles foram transplantados - durante o processo do seu trabalho de proselitismo - do círculo secreto e sagrado dos Arhats para solos menos preparados que a Índia para receber concepções metafísicas; ou seja, quando foram transferidos para a China, o Japão, o Sião¹⁰ e a Birmânia. O modo como a pureza prístina destas revelações grandiosas foi tratada pode ser visto quando se observa as formas modernas de algumas das antigas escolas budhistas chamadas “esotéricas”, não só na China e outros países budhistas em geral, mas também em não poucos casos no Tibet, onde foram deixadas sob a direção de Lamas não-iniciados e inovadores mongóis.

Assim, pedimos ao leitor que tenha presente a diferença muito importante entre *Buddhismo ortodoxo* - isto é, os ensinamentos públicos de Gautama, o Buddha - e o seu *Budhismo* esotérico. A sua Doutrina Secreta, no entanto, não era de modo algum diferente da doutrina esotérica dos brâmanes da época. O Buddha era filho do solo ária, nascido hindu, Kshatrya¹¹ e discípulo dos “nascidos pela segunda vez” (os brâmanes iniciados) ou Dwijas. Os ensinamentos do Buddha, portanto, não podiam ser diferentes das doutrinas dos brâmanes, porque toda a reforma budhista consistiu apenas em divulgar uma parte daquilo que havia sido mantido fora do alcance dos que não faziam parte do círculo “encantado” dos Iniciados do Templo e dos ascetas. Mesmo impossibilitado - devido a seus votos de segredo - de transmitir tudo o que lhe havia sido ensinado, o Buddha divulgou uma filosofia construída sobre o solo do verdadeiro conhecimento esotérico, e deu ao mundo apenas o corpo *externo* material do conhecimento, mantendo a sua *alma* para os Eleitos. (Ver também o volume II.) Muitos eruditos chineses, entre os orientalistas, ouviram falar da “Doutrina da Alma”. Nenhum deles parece ter compreendido a sua real importância e seu significado.

Esta doutrina foi preservada secretamente - demasiado secretamente, talvez - dentro do santuário. O mistério que envolvia o seu principal conceito e suas principais aspirações - o Nirvana - desafiou e estimulou tanto a curiosidade dos eruditos que a estudaram, que, sendo incapazes de resolver o problema logicamente e de desatar o nó Górdio, eles o cortaram¹², declarando que o Nirvana significava *absoluta aniquilação*.

¹⁰ Sião; atual Tailândia. (Nota do Tradutor).

¹¹ Kshatrya; o termo é sânscrito e designa a casta indiana dos guerreiros. (Nota do Tradutor)

¹² Nó Górdio; um nó, em uma corda, que é praticamente impossível de desatar, e que simboliza, portanto, um problema aparentemente sem solução. Uma alternativa que surge é “cortar o nó”, isto é, adotar uma medida radical e fora das regras convencionais. A

Em torno da primeira quarta parte deste século ¹³, apareceu no mundo um novo tipo de literatura que, a cada ano, se tornou mais bem definida em sua tendência. Sendo baseada, segundo ela própria afirma, nas pesquisas eruditas de especialistas em sânscrito e orientistas em geral, era considerada científica. Atribuiu-se às religiões, aos mitos e aos símbolos indianos, egípcios e de outros povos qualquer coisa que o especialista em símbolos quisesse ver neles, adotando-se, deste modo, a rudimentar forma *externa* ao invés do significado *interno*. Obras extremamente notáveis por suas hábeis deduções e especulações em círculo vicioso, com conclusões previamente determinadas trocando de lugar com as premissas, como nos silogismos de mais de um especialista em sânscrito e páli, apareceram em rápida sucessão e inundaram bibliotecas com dissertações mais dedicadas a religiosidades fálicas e sexuais do que à verdadeira simbologia, e cada uma contradizendo as outras.

Esta talvez seja a verdadeira razão pela qual o esboço de algumas verdades fundamentais da Doutrina Secreta das eras Arcaicas tem agora autorização para vir a público, depois de longos milênios do mais profundo silêncio e do mais profundo segredo. Digo de propósito “*algumas* verdades”, porque o que deve permanecer no silêncio não poderia ser dito ainda que escrevêssemos cem volumes, nem poderia ser transmitido às gerações atuais de saduceus.¹⁴ Mas mesmo o pouco que agora é dado ao público é melhor do que um completo silêncio sobre estas verdades de importância decisiva. O mundo de hoje, na sua corrida enlouquecida em direção ao desconhecido - algo que ele tende a confundir com o incognoscível sempre que o problema está além do alcance da ciência física - está progredindo rapidamente no plano material, o plano inverso ao da espiritualidade. Tornou-se agora uma vasta arena - um verdadeiro vale da discórdia e da eterna luta - uma necrópole em que estão enterradas as aspirações mais sagradas da nossa Alma Espiritual. A cada geração, esta alma se torna mais paralisada e atrofiada.¹⁵ Os “afáveis infieis e

expressão se refere a uma lenda segundo a qual Alexandre, o Grande, cortou o “nó Górdio” com sua espada. (Nota do Tradutor)

¹³ “Deste século”; isto é, do século 19. (Nota do Tradutor)

¹⁴ Saduceus; sacerdotes profissionais das classes aristocráticas judaicas, no mundo antigo. Os saduceus defendiam a leitura literal da Bíblia judaica (conforme “*Webster Unabridged Encyclopedic Dictionary*”). Eles foram responsáveis pela morte de Jesus, segundo dizem as narrativas do Novo Testamento. Ver “*A Concise Encyclopedia of Christianity*”, by Geoffrey Parrinder, OneWorld, Oxford. (Nota do Tradutor)

¹⁵ “Alma se torna mais paralisada”. Ao escrever esta frase na década de 1880, o futuro diante de H. P. Blavatsky incluía o século vinte, com duas grandes guerras mundiais que iriam destruir uma e outra vez a Europa, além das bombas atômicas e da guerra fria que ameaçariam com a possibilidade de uma hecatombe capaz de aniquilar subitamente a população humana. Em relação ao século 20, a missão de H. P. B. visava, entre outras

consumados libertinos da sociedade”, de que fala Greeley, dão pouca importância ao renascimento das ciências *mortas* do passado; mas há uma minoria expressiva de estudantes sérios que têm direito a aprender as poucas verdades que podem ser dadas a eles agora; e *agora* muito mais do que há dez anos atrás, quando “Ísis Sem Véu” foi publicada; ou mesmo do que quando apareceram outras tentativas - posteriores a “Ísis Sem Véu” - de explicar os mistérios da ciência esotérica.

Um dos maiores argumentos - e o mais sério deles - a serem usados contra o valor e a confiabilidade da obra diz respeito às ESTÂNCIAS preliminares: “Como é possível verificar as afirmações feitas nelas?” É verdade que, embora grande parte das obras sânscritas, chinesas, e mongóis citadas nos presentes volumes sejam conhecidas por alguns orientistas, a principal obra, da qual são reproduzidas as Estâncias, não está em poder de bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou “Dzan”) é completamente desconhecido dos nossos filólogos, ou, pelo menos, eles nunca ouviram falar dele com este nome. Isso, naturalmente, é um grande obstáculo para aqueles que seguem os métodos de pesquisa recomendados pela Ciência oficial; mas para os estudantes de Ocultismo e para todo Ocultista legítimo o fato terá pouca importância. A maior parte das Doutrinas divulgadas está espalhada por centenas e milhares de manuscritos sânscritos, alguns já traduzidos - e desfigurados como de costume em suas interpretações -; outros ainda esperando por sua vez. Todo estudioso tem, portanto, a possibilidade de verificar as afirmativas feitas aqui e de testar a maior parte das citações. Será difícil localizar a origem das referências a alguns fatos novos (*novos* apenas para o orientalista profano), e de algumas passagens reproduzidas dos Comentários. Além disso, vários dos ensinamentos foram transmitidos até agora oralmente; no entanto, mesmo estes são, todos, mencionados indiretamente nos volumes quase incontáveis das literaturas sagradas dos templos bramânicos, chineses e tibetanos.

Em todo caso, e sejam quais forem as críticas malévolas a serem feitas contra a redatora desta obra, há um fato inegável. Os membros de várias escolas esotéricas, cuja sede central está além dos Himalaias ¹⁶, e cujas ramificações podem ser encontradas na China, no Japão, na Índia, no Tibete e mesmo na Síria, além da América do Sul, afirmam ter em sua posse a *soma total* das obras sagradas e filosóficas, em volumes manuscritos e impressos; todas as obras, de fato, que já foram escritas, em quaisquer idiomas ou caracteres, desde que começou a arte de

coisas, impedir o pior fortalecendo as bases da fraternidade universal. A missão teve êxito. A situação no século 21 é bem diferente. (Nota do Tradutor)

¹⁶ Além dos Himalaias; isto é, ao Norte desta Cordilheira. (Nota do Tradutor)

escrever, incluindo os hieróglifos ideográficos, o alfabeto de Cadmo¹⁷ e o Devanagari¹⁸.

Tem sido afirmado ao longo do tempo que desde a destruição da Biblioteca de Alexandria (veja “Ísis Sem Véu”¹⁹, Ed. Pensamento, Vol. III, pp. 33-34) cada uma das obras cujo conteúdo poderia levar o profano a uma descoberta e uma compreensão nítidas de alguns dos mistérios da Ciência Secreta foi cuidadosamente localizado, graças aos esforços combinados dos membros das Fraternidades. Aqueles que sabem acrescentam, além disso, que, uma vez localizadas, três cópias de cada obra foram deixadas de lado e guardadas em segurança, e todas as outras foram destruídas. Na Índia, os últimos manuscritos preciosos foram reunidos e ocultados durante o reinado do imperador Akbar.²⁰

Afirma-se, além disso, que cada um dos livros sagrados desta categoria, cujo texto não estava suficientemente velado através de simbolismos, ou que fazia qualquer referência direta aos mistérios da antiguidade, foi cuidadosamente copiado em caracteres criptográficos, de modo a impossibilitar a sua leitura por parte até mesmo dos melhores e mais inteligentes paleógrafos, sendo depois também destruído até a última cópia. Durante o reinado de Akbar²¹, alguns fanáticos membros da corte, descontentes com o interesse pecaminoso do imperador por investigar a religião dos infiéis, ajudaram, eles próprios, aos brâmanes no esforço de ocultar os seus manuscritos. Entre eles estava Badáoni, que sentia um *horror indisfarçável* diante da mania de Akbar em relação às religiões idólatras.²²

¹⁷ Cadmo; na mitologia clássica, herói fenício que introduziu no mundo grego o alfabeto e a escrita. Fundou a cidade de Tebas. (Nota do Tradutor)

¹⁸ Devanagari; etimologicamente “A língua ou as letras dos devas (deuses)”. O alfabeto do idioma sânscrito. O mesmo alfabeto é usado para outros idiomas indianos, como o hindi. (Nota do Tradutor).

¹⁹ Na edição original; “Isis Unveiled”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, volume II, p. 27. (Nota do Tradutor).

²⁰ O professor Max Müller mostra que nenhuma oferta de suborno ou ameaça feita por Akbar foi suficiente para obter dos brâmanes o texto original dos Vedas; e, afirma, orgulhosamente, que os orientistas europeus o possuem (*Palestras sobre “A Ciência da Religião”, Lectures on the “Science of Religion”, p. 23*). Que a Europa possua o *texto completo* é altamente duvidoso, e no futuro os orientistas podem ter surpresas muito desagradáveis. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹ Akbar foia um imperador muçulmano, liberal e que estimulava as artes, a ciência e a literatura. (Nota do Tradutor)

²² Badáoni escreveu em seu *Muntakhab em Tawarikh*: “Sua Majestade gostava de investigações sobre as seitas destes infiéis (que são tão numerosos que não podem ser contados, e possuem um número infindável de *livros de revelações*) Dado o fato de que eles (os Sramana e brâmanes) ultrapassam outros eruditos em seus tratados sobre moral e

Além disso, em todas as lamaserías ²³ grandes e ricas há galerias subterrâneas e *bibliotecas em cavernas*, cortadas na rocha, sempre que o *gonpa* ²⁴ e o *lhakhang* ²⁵ estão situados em montanhas. Mais além do Tsydam, nas passagens solitárias de *Kuen-lun* ²⁶, há vários locais ocultos com estas características. ²⁷ Ao longo da cordilheira de Altyn-Toga, cujo solo nenhum europeu jamais pisou até o momento, há uma certa aldeia perdida em um profundo desfiladeiro. É um pequeno agrupamento de casas, mais uma vila do que um monastério, com um templo de aparência pobre, e um velho lama, um eremita, que vive perto para cuidar dele. Os peregrinos dizem que as galerias e salões subterrâneos sob a aldeia contêm uma coleção de livros cujo número, de acordo com os informes dados, é tão grande que eles não poderiam ser alojados nem mesmo no Museu Britânico. ²⁸

sobre ciências físicas e religiosas, e alcançam um alto grau de *conhecimento do futuro*, de poder espiritual e de perfeição humana, eles trouxeram provas baseadas na razão e em testemunhos e estabeleceram estas doutrinas de modo tão firme que já ninguém podia provocar uma só dúvida na consciência de Sua Majestade, ainda que montanhas se transformassem em pó ou o céu se abrisse ao meio.” Esta obra “foi mantida em segredo, e não foi publicada até o reinado de Jahangir.” (“Ain i Akbari”, tradução do Dr. Blockmann, p. 104, nota.) (Nota de H. P. Blavatsky)

²³ Lamaserías; monastérios dos lamas. (Nota do Tradutor)

²⁴ Gonpa; palavra tibetana que significa “monastério”. (Nota do Tradutor)

²⁵ Lhakhang; palavra tibetana. Significa templo, especialmente subterrâneo. (Nota do Tradutor)

²⁶ As montanhas Karakorum, na região ocidental do Tibete. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷ Um Mestre de Sabedoria escreveu em 1880 sobre esta região dos Himalaias: “... Um dia destes, eu descia os desfiladeiros do Kouenlun - que vocês chamam Karakorum - e vi desabar uma avalanche. Eu tinha ido pessoalmente até o nosso chefe para submeter a ele a importante oferta do Sr. Hume, e estava cruzando o desfiladeiro em direção a Ladakh na volta para casa. (...) Exatamente quando eu estava desfrutando a tranquilidade impressionante que geralmente se segue a esse cataclisma (...) fui bruscamente chamado aos meus sentidos. (...) .” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Editora Teosófica, Brasília, 2001, Volume I, Carta 5, p. 54.) (Nota do Tradutor)

²⁸ De acordo com a mesma tradição, as regiões agora desoladas da terra seca de Tarim - um verdadeiro deserto no coração do Turquestão - estavam cobertas na antiguidade por cidades ricas e florescentes. Hoje em dia, só alguns poucos oásis verdes dão alívio à sua solidão sem vida. Um deles, surgido no sepulcro de uma vasta cidade engolida e encoberta pelo solo arenoso do deserto, não pertence a ninguém, mas é com frequência visitado por mongóis e budistas. A mesma tradição fala de imensos prédios subterrâneos, e de grandes corredores cheios de cerâmicas e cilindros. Pode ser que seja apenas um rumor sem fundamento. Talvez seja um fato real. (Nota de H. P. Blavatsky)

É muito provável que tudo isso cause um sorriso de dúvida. Mas antes de negar a autenticidade de tais relatos ²⁹, o leitor deve fazer uma pausa e refletir sobre os seguintes fatos, que são bem conhecidos. As pesquisas coletivas dos orientalistas, e especialmente os esforços de anos recentes feitos por estudiosos de filologia comparada e da Ciência das Religiões, levaram à comprovação de que um número imenso, incalculável, de manuscritos, e mesmo de livros impressos *que se sabe que existiram, agora já não podem ser encontrados*. Eles desapareceram sem deixar o menor vestígio. Se fossem obras sem importância, poderiam ter sido deixados à mercê da destruição natural ao longo do tempo, e até os seus nomes teriam sido apagados da memória humana. Mas não é isso o que acontece, porque, como agora foi comprovado, a maior parte deles continha as verdadeiras chaves interpretativas de obras ainda existentes, e *inteiramente incompreensíveis* para a maior parte dos seus leitores, *sem estes volumes adicionais de Comentários e explicações*. Este é o caso, por exemplo, das obras de Lao-tzu, o predecessor de Confúcio. ³⁰

Afirma-se que ele escreveu 930 livros sobre Ética e religiões, e *setenta* sobre magia, com *um total de mil*. Sua grande obra, no entanto, o *coração* da sua doutrina, o “Tao-te-King”, ou a sagrada escritura do *Tao-tzu*, possui, como mostra Stanislas Julien ³¹, apenas “cerca de 5.000 palavras” (*Tao-te-King*, p. XXVII), não mais que uma dúzia de páginas; e no entanto o professor Max Müller considera que “o texto é ininteligível sem comentários, de modo que o Sr. Julien teve que consultar mais de

²⁹ Em “Cartas dos Mahatmas” há descrição de um dos refúgios usados pelos Mestres dos Himalaias. O raja-iogue escreve para um discípulo leigo inglês: “Em certo lugar que não pode ser mencionado a estranhos, existe um abismo, atravessado por uma frágil ponte de fibras entrelaçadas, com uma impetuosa correnteza em baixo. O mais intrépido membro dos seus clubes de alpinismo dificilmente ousaria aventurar-se a passá-la, porque a ponte está pendurada como uma teia de aranha e *parece* apodrecida e intransponível. E, no entanto, não é assim; e aquele que ousa enfrentar a prova e tem êxito - como o terá se for correto que ele tenha permissão - chega a um desfiladeiro cujo cenário é de uma beleza insuperável - a um dos *nossos* lugares, e a algumas pessoas *nossas*, algo em relação ao qual não há anotação ou registro entre geógrafos europeus. À distância do arremesso de uma pedra desde o velho monastério de Lamas ergue-se a antiga torre dentro da qual surgiram gerações de *Bodhisatwas*. (...)” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Volume I, Carta 29, pp. 153-154.) (Nota do Tradutor)

³⁰ “Se olharmos para a China, veremos que a religião de Confúcio se baseia nos cinco livros *King* e nos quatro livros *Shu*, eles próprios de uma extensão considerável e rodeados de volumosos Comentários, sem os quais nem mesmo o mais sábio dos eruditos tentaria explorar *as profundezas do seu cânone sagrado*.” (*Palestras sobre “A Ciência da Religião”, Lectures on the “Science of Religion”*, p. 185, Max Müller). Mas eles não as exploraram, e este é o motivo de um protesto por parte dos confucionistas, conforme reclamou um destacado erudito daquela corrente de pensamento, em Paris, em 1881. (Nota de H. P. Blavatsky)

³¹ O sinólogo Stanislas Julien (13 de Abril 1797 - 14 de Fevereiro de 1873) publicou sua versão do *Tao-te-King* em 1842, em francês. (Nota do Tradutor)

sessenta comentadores para realizar a sua tradução”, o mais antigo dos quais é do ano 163 antes da era cristã, e *não antes*, como vemos. Durante os quatro séculos e meio que precederam *o mais antigo* dos comentadores houve tempo suficiente para que a verdadeira doutrina de Lao-tzu fosse velada para todos, com a exceção dos seus sacerdotes iniciados.³² Os japoneses, entre os quais encontramos hoje os mais eruditos sacerdotes e seguidores de Lao-tzu, simplesmente riem diante dos erros grosseiros e das hipóteses formuladas pelos especialistas europeus em cultura chinesa; e a tradição afirma que os comentários aos quais os sinólogos ocidentais têm acesso não são os registros *realmente ocultos*, mas apenas véus intencionais, e que os verdadeiros comentários, assim como quase todos os textos, *desapareceram* há muito tempo dos olhos do profano.

Se observamos a literatura antiga das religiões semíticas, e a escritura dos caldeus, a irmã mais velha e instrutora (se não a fonte direta) da Bíblia de Moisés, que é por sua vez a base e o ponto inicial do cristianismo - quais são as descobertas dos eruditos? O que resta, atualmente, para perpetuar a memória das antigas religiões da Babilônia, para registrar o vasto ciclo de observações astronômicas dos magos caldeus, e para justificar a tradição da sua literatura esplêndida e notavelmente oculta? Apenas uns poucos fragmentos, que *são atribuídos* a Beroso.

Tais fragmentos, no entanto, são quase destituídos de valor, mesmo como uma pista que poderia indicar a natureza do que foi perdido, porque passaram pelas mãos do reverendo Bispo de Cesarea³³ - o automeado censor e editor dos documentos sagrados das religiões de outros povos - e sem dúvida têm até hoje a marca de suas mãos notavelmente verazes e confiáveis. Qual é a história deste tratado sobre aquela que foi a grande religião da Babilônia?

Ele foi escrito em grego por Beroso, um sacerdote do templo de Baal³⁴, para Alexandre o Grande, a partir dos registros astronômicos e cronológicos preservados pelos sacerdotes daquele templo, que cobriam um período de 200.000 anos. Agora está perdido. No século um antes da era cristã, Alexander Polyhistor fez uma série de transcrições parciais da obra - *também perdidas*. Eusébio usou estas transcrições ao escrever sua *Chronicon* (270-340, era cristã). Os pontos de semelhança - quase identidade - entre as escrituras judaicas e caldaicas³⁵ tornaram estas últimas³⁶

³² Sobre a importância da China para os Mestres de Sabedoria, cabe levar em conta estas palavras escritas por um deles a um discípulo leigo ocidental: “...Nós, do Tibete e da China...” (“Cartas dos Mahatmas”, Vol. II, Carta 136, p. 314.) Os Mestres não veem separação entre os dois países. (Nota do Tradutor)

³³ Cesarea; cidade fundada por Herodes no século um antes da era cristã, e situada no atual território de Israel. (Nota do Tradutor)

³⁴ Baal; “Belus” em latim. Divindade babilônica e do primeiro período da história judaica, mais tarde transformada em “demônio”. (Nota do Tradutor)

³⁵ Algo que foi descoberto só *agora*, através das descobertas feitas por George Smith (veja-se o seu livro “Chaldean Account of Genesis”), e que, graças a este falsificador armênio,

extremamente perigosas para Eusébio, em seu papel de defensor e proclamador da nova fé que havia adotado as escrituras judaicas, e que havia adotado, com elas, uma cronologia absurda. Está confirmado que Eusébio não preservou as Tabelas Sincrônicas Egípcias, de Manetho ³⁷, e tanto é assim que Bunsen ³⁸ o acusa de mutilar a história de modo extremamente inescrupuloso. E tanto Sócrates, um historiador do século cinco, como Syncellus, vice-patriarca de Constantinopla (século oito), o denunciam como o mais audaz e desesperado falsificador.

Será então provável que ele tenha tratado com mais respeito os documentos caldeus, que já estavam ameaçando a nova religião - aceita de modo tão apressado?

De modo que, com a exceção destes fragmentos mais do que duvidosos, toda a literatura sagrada dos caldeus desapareceu dos olhos do profano tão completamente quanto a perdida Atlântida. Alguns fatos que fazem parte da História escrita por Beroso são dados na parte II do volume II da presente obra, e podem lançar alguma luz sobre a verdadeira origem dos Anjos Caídos, personificados por Bel ³⁹ e pelo Dragão.

Examinando agora a literatura ariana mais antiga, o Rig-Veda, se o estudante seguir estritamente os dados fornecidos pelos próprios orientistas citados acima, verá que embora o Rig-Veda contenha apenas “cerca de 10.580 versos, e 1.028 hinos”, e apesar dos Brahmanas ⁴⁰ e da massa de interpretações e comentários, ele até hoje não é compreendido corretamente. Qual é a razão disso? Evidentemente, isso ocorre porque os próprios Brahmanas, “os tratados escolásticos e mais antigos dos hinos primitivos”, *requerem também uma chave interpretativa*, a que os orientistas não tiveram acesso.

enganou a todas as *nações civilizadas* durante mais de 1500 anos, fazendo com que elas aceitassem os relatos judaicos como *Revelação Divina direta!* (Nota de H. P. Blavatsky)

³⁶ A edição de 1876 do livro “**Chaldean Account of Genesis**”, de George Smith - citada por H. P. B. na nota imediatamente anterior a esta - foi reeditada em 1994 por Wizards Bookshelf, de San Diego, Califórnia, em 1994. A edição é facsimilar e tem 320 pp., incluindo um índice remissivo. (Nota do Tradutor)

³⁷ Manetho, ou Maneton; historiador egípcio antigo. (Nota do Tradutor)

³⁸ “Egypt’s Place in History”, Bunsen, vol. I, p. 200. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁹ Bel; uma variante do nome Baal. Ver nota algumas linhas acima. (Nota do Tradutor)

⁴⁰ Brahmanas; literalmente “que pertencem aos brâmanes”. Textos compostos por, e para, os brâmanes. Parte dos Vedas que ensina aos brâmanes sobre o uso dos hinos. (“A Classical Dictionary of Hindu Mythology”, John Dowson, Munshiram Manoharlal Publishers, New Delhi, India, 1973). Os Brahmanas contêm instruções para os iniciados. (“Theosophical Glossary”, Theosophy Co.) (Nota do Tradutor)

O que dizem sobre a literatura budista os eruditos? Será que eles a possuem toda e completa? Seguramente não. Apesar dos 325 volumes do *Kanjur* e do *Tanjur* dos budistas do norte - dos quais cada volume, conforme nos é dito, “pesa entre meio quilo e dois quilos e meio” - nada, na verdade, é conhecido sobre o lamaísmo. No entanto, considera-se que o cânone sagrado dos templos do Sul contém 29.368.000 letras no Saddharma alankâra ⁴¹, ou, sem contar tratados e comentários, “cinco ou seis vezes mais que a Bíblia”, já que esta última, segundo as palavras do professor Max Müller, tem apenas 3.567.180 letras. Apesar, portanto, destes “325 volumes” (*na realidade*, são 333 volumes, com o *Kanjur* possuindo 108, e o *Tanjur* 225 volumes), “os tradutores, ao invés de fornecer-nos versões corretas, intercalaram nas obras os *seus próprios comentários*, com a intenção de justificar as doutrinas das suas várias escolas. ⁴² Além disso, “de acordo com uma tradição preservada pelas escolas budistas tanto do Sul como do Norte, o cânone sagrado budista incluía inicialmente 80.000 ou 84.000 tratados, *mas a maior parte deles foi perdida*, de modo que permaneceram apenas 6.000”, diz o professor ao seu público. Foram “perdidas”, como de costume, para os europeus. Mas quem pode ter certeza de que elas estão perdidas também para os budistas e os brâmanes?

Considerando o caráter sagrado que os budistas atribuem a cada linha escrita sobre Buddha ou sua “Boa Lei”, a perda de cerca de 76.000 *tratados* parece miraculosa ⁴³. Se fosse o *contrário*, qualquer um que conheça o curso natural dos fatos aceitaria a afirmação de que, destes 76.000, cinco ou seis mil tratados *poderiam ter sido* destruídos durante as perseguições na Índia e a emigração daquele país. Mas como está bem estabelecido que os Arhats budistas começaram o seu êxodo religioso para propagar a nova fé além de Caxemira e dos Himalaias já no ano 300 antes da era atual ⁴⁴, e que eles chegaram à China no ano 61 da era cristã ⁴⁵, quando Kashyapa, convidado pelo imperador Ming-ti, foi até lá para familiarizar o “Filho do Céu” com as doutrinas budistas, parece estranho ouvir os orientalistas falarem de uma tal perda como se ela fosse realmente possível. Eles parecem não admitir nem por um momento a possibilidade de que os textos estejam *perdidos* apenas para o Ocidente e para *eles próprios*; ou de que o povo asiático possa ter a audácia, quase

⁴¹ Spence Hardy, “The Legends and Theories of the Buddhists”, p. 66. (Nota de H. P. Blavatsky).

⁴² “Buddhism in Tibet”, p. 78. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴³ H. P. B. está mencionando aqui um número médio. A estimativa do número de tratados oscila entre os extremos de 80.000 e 84.000. No caso do número menor, 80.000 menos 6.000 textos que foram preservados seriam 74.000. Na outra ponta, 84.000 menos 6.000 preservados são 78.000. A média entre 74.000 e 78.000 é 76.000. (Nota do Tradutor)

⁴⁴ Lassen (“Ind. Althetsumkunde”, vol. II, p. 1072) mostra um monastério budista construído na serra de Kailas no ano de 137 antes da era cristã; e o general Cunningham menciona data anterior a esta. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴⁵ Reverendo T. Edkins, “Chinese Buddhism”. (Nota de H. P. Blavatsky)

inimaginável, de manter os seus textos mais sagrados fora do alcance dos estrangeiros, recusando-se assim a entregá-los para a profanação e o uso inadequado por parte de povos tão “vastamente superiores” a eles.

Devido às lamentações feitas e às numerosas confissões de parte de quase todos os orientalistas (veja-se, por exemplo, as “Lectures” [“Palestras”] de Max Müller) o público pode ter certeza de que, (a) os estudantes de religiões antigas têm na verdade informações excessivamente escassas para construir conclusões finais, como geralmente fazem, em relação às religiões antigas; e (b) esta falta de dados não impede de modo algum que eles sejam dogmáticos a esse respeito. Poderíamos pensar que, graças aos numerosos registros da teogonia e mistérios egípcios ainda preservados nos clássicos, e em um bom número de obras dos escritores antigos, pelo menos os ritos e as doutrinas do Egito dos faraós deveriam estar bem compreendidos; e melhor compreendidos, pelo menos, do que as filosofias e o panteísmo abstrusos da Índia, de cuja religião e idioma a Europa dificilmente tinha alguma ideia antes do começo do século atual.⁴⁶ Ao longo do Nilo e de todo o país, existem até agora e são exumadas a cada ano e todos os dias novas relíquias que contam com eloquência a sua própria história. Apesar disso, a compreensão não ocorre. O próprio filólogo erudito de Oxford confessa a verdade ao dizer: “Embora (.....) tenhamos ainda erguidas as pirâmides e as ruínas de templos e labirintos, com suas paredes cobertas de inscrições hieroglíficas e estranhas pinturas de deuses e deusas (.....) Em rolos de papiros que parecem desafiar a passagem do tempo, temos até fragmentos do que podemos chamar de livros sagrados dos antigos egípcios; e no entanto, apesar de muitos dos antigos registros desta raça misteriosa terem sido decifrados, a tendência dominante da religião do Egito e a intenção original da sua adoração cerimonial *estão longe de serem completamente* compreendidas por nós.”⁴⁷ Neste caso, novamente, os misteriosos documentos em hieróglifos permanecem, mas desapareceram as chaves indispensáveis para que eles sejam inteligíveis.

No entanto, tendo descoberto que “há uma conexão natural entre a língua e a religião”, e, em segundo lugar, que houve uma religião ariana *comum* antes da separação da raça ariana; uma religião semítica *comum* antes da separação da raça semítica; e uma religião turaniana⁴⁸ *comum* antes da separação dos chineses e das outras tribos pertencentes ao grupo turaniano; e tendo, na realidade, descoberto

⁴⁶ “Século atual”; século 19. (Nota do Tradutor)

⁴⁷ Nossos maiores egiptólogos sabem tão pouco dos ritos funerários dos egípcios e das marcas externas diferenciando o sexo das múmias, que cometem erros ridículos. Um ou dois anos atrás, um equívoco deste tipo foi descoberto em Boulaq, no Cairo. A múmia, segundo se pensava, da esposa de um faraó sem importância, foi identificada, afinal - graças a uma inscrição descoberta em um amuleto pendurado ao seu pescoço - como sendo a múmia de Sesostris, o maior rei do Egito! (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴⁸ Turaniana, turaniano; relativo aos povos do sul da Rússia e do Turquestão, e com traços mongólicos. (Nota do Tradutor)

apenas “três centros antigos de religião” e “três centros linguísticos”, e embora ignore tudo sobre aquelas religiões e línguas primitivas, o professor não hesita ao declarar que “foi obtida uma *base* verdadeiramente *histórica* para um enfoque científico daquelas primeiras religiões do mundo!”

Um “enfoque científico” sobre um assunto não garante que haja uma “base histórica”; e com dados disponíveis tão escassos, nenhum filólogo, nem sequer entre os mais eminentes, tem condições de apresentar suas próprias conclusões como fatos *históricos*. Sem dúvida, o eminente orientalista comprovou diante do mundo que, de acordo com a lei das regras fonéticas formuladas por Grimm, Odin e o Buddha eram dois personagens diferentes, bastante diferentes um do outro; e ele demonstrou isso *cientificamente*. No entanto, quando ele aproveita a oportunidade para acrescentar que Odin “foi adorado como divindade suprema *durante um período muito anterior à época dos Vedas* e de Homero” (*Comp. Theol.*, p. 318), diz isso sem a menor “base histórica”. Ele trata a *história* e os *fatos* como se estivessem a serviço das suas próprias conclusões, o que pode ser muito “científico”, do ponto de vista dos estudiosos de temas orientais, mas fica extremamente longe da verdade dos fatos. No caso dos Vedas, as visões contraditórias sobre a questão cronológica, defendidas pelos vários eminentes orientalistas e filólogos desde Martin Haug até o próprio Sr. Max Müller, são uma prova evidente de que a afirmação não tem base *histórica*, e que a suposta “evidência interna”, ao invés de ser um farol confiável por cuja luz alguém pode orientar-se, é frequentemente como uma abóbora iluminada do dia das bruxas ⁴⁹. A Ciência da moderna Mitologia Comparada tampouco tem qualquer prova melhor para mostrar que os doutos escritores que insistiram ao longo dos últimos cem anos, mais ou menos, que deve ter havido “fragmentos de uma revelação primitiva, dada aos ancestrais de toda raça humana (.....) preservados nos templos da Grécia e Itália”, estavam inteiramente errados. Porque é isso que todos os Iniciados e pândits ⁵⁰ Orientais têm estado dizendo ao mundo de tempos em tempos. Um destacado sacerdote cingalês ⁵¹ assegurou à autora ser um fato bem conhecido que os tratados budistas mais importantes, pertencentes ao cânone sagrado, estavam guardados à parte *em países e lugares inacessíveis aos pândits europeus*. O falecido Swami Dayanand Sarasvati, o maior sanscritista da Índia em sua época, disse a mesma coisa a alguns membros da Sociedade Teosófica, com relação a antigas obras bramânicas. Quando foi dito a ele que o professor Max Müller havia declarado ao público das suas “Palestras” que as teorias (.....) “segundo as quais *havia uma revelação primitiva e sobrenatural*, dada aos pais da raça humana, tem o apoio de poucos atualmente”, - o homem santo e sábio riu. Sua resposta foi significativa. “Se o Sr. *Moksh Mooler*”, era assim que ele pronunciava

⁴⁹ Abóbora iluminada, *Jack-o'-lantern*, no original em inglês. Referência à abóbora iluminada usada no dia das bruxas, ou Halloween. Em Portugal, o enfeite é chamado de coca. (Nota do Tradutor)

⁵⁰ Pândits; do sânscrito, “eruditos”. (Nota do Tradutor)

⁵¹ Cingalês; nativo do Ceilão, atual Sri Lanka. (Nota do Tradutor)

o nome, “fosse um brâmane e viesse falar comigo, eu poderia levá-lo a uma caverna *gupta* (uma cripta secreta) perto de Okhee Math, nos Himalaias, onde ele não demoraria muito para descobrir que tudo aquilo que cruzou o *Kalapani* (as águas escuras do oceano) desde a Índia até a Europa foram só *pedaços de cópias descartadas de algumas passagens dos nossos livros sagrados*. Um dia *existiu* e ainda existe uma ‘primitiva revelação’; ela jamais se perderá, e irá reaparecer; embora os Mlechchhas ⁵² tenham, é claro, que esperar.”

Diante de novas perguntas sobre este ponto, ele nada respondeu. Isso ocorreu em Meerut ⁵³, em 1880. Sem dúvida foi cruel o embuste que os brâmanes aplicaram em Calcutá no século passado ao coronel Wilford e ao Sir William Jones. Mas foi merecido, e a culpa naquele episódio cabe apenas aos próprios Missionários e ao coronel Wilford. Os missionários, com base no testemunho do próprio Sir William Jones (ver *Asiat. Res.*, Vol. I, p. 272), foram suficientemente tolos para sustentar a ideia de que “os hindus mesmo hoje em dia são quase cristãos, porque o seu Brahmâ, Vishnu e Mahesa são nada mais e nada menos que a trindade cristã”. ⁵⁴ Foi uma boa lição. O fato fez com que os eruditos orientalistas ficassem duplamente cautelosos. Mas talvez isso os tenha tornado também excessivamente tímidos, e pode ser que tenha feito, como reação, com que o pêndulo das conclusões abandonadas se inclinasse demasiado para o outro lado. Porque aquele “primeiro acesso ao mercado bramânico”, feito pelo coronel Wilford, agora criou uma necessidade e um desejo evidentes, nos orientalistas, de declararem quase todos os manuscritos sânscritos arcaicos como textos tão modernos quanto o adequado para que seja dada uma oportunidade aos missionários. O fato de que estes últimos aproveitam tais oportunidades até o limite máximo das suas capacidades mentais é demonstrado pelas tentativas absurdas dos missionários no sentido de provar que toda a história purânica sobre Krishna foi *plagiada da Bíblia pelos brâmanes!* Mas os fatos citados pelo professor de Oxford em suas Palestras sobre a “Ciência da Religião”, e que se referem às agora famosas interpolações feitas para o benefício e a tristeza do Cel. Wilford, não interferem de modo algum com as conclusões a que deve chegar inevitavelmente alguém que estuda a Doutrina Secreta. Porque, se os resultados mostram que nem o *Novo* nem o *Velho* Testamento pegaram nada emprestado da religião mais antiga dos brâmanes e dos budistas, isso não significa que os judeus não obtiveram tudo o que sabiam dos documentos caldaicos, estes

⁵² Mlechchhas; poucas páginas mais adiante, na p. xxxiv do original em inglês, H.P. Blavatsky traduz o termo “Mlechchhas” como “párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária”. (Nota do Tradutor)

⁵³ Meerut; cidade situada no Estado indiano de Uttar Pradesh. Fica a 70 quilômetros da capital da Índia, Nova Delhi. Meerut é uma cidade antiga. (Nota do Tradutor)

⁵⁴ Veja “Introduction to the Science of Religion” (“Introdução à Ciência da Religião”), de Max Müller, palestra “Sobre Falsas Analogias em Teologia Comparada”, pp. 288 e 296 e pp. seguintes. Isso tem relação com a habilidosa falsificação (em folhas inseridas em velhos manuscritos purânicos), em idioma sânscrito correto e arcaico, de tudo aquilo que os pândits do Cel. Wilford haviam escutado dele sobre Adão e Abraão, Noé e os seus três filhos, etc., etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

últimos tendo sido mutilados mais tarde por Eusébio. Quanto aos caldeus, eles obtiveram sem dúvida alguma o seu conhecimento original com os brâmanes. Rawlinson mostra uma influência inegavelmente védica na mitologia mais antiga da Babilônia; e o coronel Vans Kennedy há muito tempo declarou corretamente que a Babilônia foi, desde a sua origem, um local da sabedoria sânscrita e brâmane. Mas todas estas provas devem perder valor, devido à última teoria produzida pelo Prof. Max Müller. Todos sabem do que se trata. O código das leis fonéticas se tornou agora um solvente universal para toda identificação e “ligação” entre os deuses das muitas nações. Assim, embora a mãe de Mercúrio (Budha, Thot-Hermes, etc.) fosse Maia, a mãe de Buddha (Gautama), sendo também Mâyâ; e embora a mãe de Jesus fosse igualmente Maya (ilusão, porque Maria é *Mare*, o Mar, a grande ilusão simbolicamente) -, ainda assim, estes três personagens não estão conectados, nem podem ter qualquer ligação, desde que Bopp “estabeleceu seu código de leis fonéticas”.

Nos seus esforços para reunir os muitos fios da história não-escrita, foi um passo audacioso da parte dos nossos orientistas a negação, *a priori*, de tudo o que não seja compatível com as suas conclusões específicas. Assim, enquanto a cada dia são feitas novas descobertas sobre grandes artes e ciências que existiram em momentos situados muito longe na noite do tempo, até o conhecimento da escrita é recusado a algumas das nações mais antigas, e atribui-se a elas barbarismo, ao invés de cultura. No entanto, os vestígios de uma imensa civilização, mesmo na Ásia Central, ainda são encontrados. Esta civilização é inegavelmente *pré-histórica*. E como poderia haver uma civilização sem forma alguma de literatura, sem anais ou crônicas? O simples bom senso deveria ser suficiente para suplementar os elos perdidos da história das nações que já não existem mais. O muro gigantesco e ininterrupto de montanhas que cerca o planalto do Tibete, desde o curso superior do rio Khuan-Khé até as montanhas Kara-Korum foi testemunha de uma civilização durante milhares de anos e teria estranhos segredos a contar para a humanidade. As porções oriental e central destas regiões - a Nan-Schayn e a Altyne-taga - estiveram em certa época cobertas de cidades que bem poderiam competir com as da Babilônia. Todo um período geológico passou pela terra desde que aquelas cidades deixaram de viver, conforme comprovam os pequenos morros de areia em movimento, e o solo estéril, e agora morto, das imensas planícies centrais da bacia do Tarim. Só as suas zonas de fronteira são conhecidas, e superficialmente, pelo viajante. Nestas planícies arenosas há água, e são encontrados, nelas, oásis plenos de vida que nenhum europeu jamais pisou, e cujo solo agora é traiçoeiro. Entre estes oásis verdejantes há alguns que são inteiramente inacessíveis mesmo para o trabalhador profano nativo. Furacões podem “mudar as areias de lugar e levar para longe planícies inteiras”; mas eles não têm o poder de destruir o que está além do seu alcance. Construídos em níveis profundos da Terra, os depósitos subterrâneos estão seguros. E como as entradas para eles estão escondidas nestes oásis, não há perigo de que alguém possa descobri-los, ainda que vários exércitos invadissem as áreas abandonadas e arenosas onde -

“Nenhum pequeno lago, arbusto algum, casa nenhuma são vistos,
E a cordilheira rodeia como um biombo irregular
As planícies ressequidas do deserto sem umidade alguma ...”

Mas não é necessário que o leitor atravessasse este deserto, porque as mesmas provas de civilizações antigas podem ser encontradas em regiões relativamente populosas do mesmo país. O oásis de Tchertchen, por exemplo, situado cerca de 1.330 metros acima do nível do rio Tchertchen-D'arya, está rodeado em todos os lados pelas ruínas de cidades antigas. Ali, cerca de 3.000 seres humanos são os remanescentes de cerca de uma centena de raças e nações, e até os nomes destes povos são desconhecidos dos nossos etnólogos. Um antropólogo se sentiria mais do que perplexo se quisesse classificar, dividir e subdividir tais nações; especialmente porque, como se tivessem caído da lua, os respectivos descendentes destas raças e tribos *antediluvianas* desconhecem os seus próprios ancestrais. Quando questionados sobre sua origem, respondem que não sabem de onde vieram seus ancestrais, mas que ouviram dizer que as suas *primeiras* gerações (as mais antigas) eram governadas pelos grandes espíritos destes desertos. Isso pode ser atribuído à ignorância e à superstição; mas, tendo em vista os ensinamentos da Doutrina Secreta, esta resposta pode estar baseada na tradição primitiva. Apenas a tribo de Khorassan alega ter vindo do que agora se conhece como Afeganistão, muito antes da época de Alexandre, e traz conhecimentos lendários que corroboram esta afirmativa. Um viajante russo, o coronel (agora general) Prjevalsky, encontrou perto do oásis de Tchertchen as ruínas de duas cidades enormes, a mais velha das quais, de acordo com a tradição local, foi arruinada por um herói gigante; e a outra foi destruída pelos mongóis no século 10 da era atual. “Devido à movimentação das areias e ao vento do deserto, o local das duas cidades está agora encoberto por relíquias estranhas e heterogêneas, inclusive louça quebrada, utensílios de cozinha e ossos humanos. Os nativos frequentemente encontram moedas de cobre e ouro, prata fundida, lingotes, diamantes e turquesas, e o que é mais interessante, vidro quebrado.....”. “Caixões funerários feitos de alguma madeira perene, e também material com corpos embalsamados e bem conservados As múmias masculinas são todas de homens extremamente altos, fortes, com longos cabelos ondulados Foi encontrada uma galeria com doze homens mortos *sentados*. Em outra ocasião, em uma urna funerária separada, encontramos uma mulher jovem. Seus olhos estavam fechados com discos dourados, e as mandíbulas eram mantidas firmes graças a uma espécie de diadema de ouro que ia desde abaixo do seu queixo até o topo da cabeça. Estava vestida com uma roupa de lã estreita, com o peito coberto de estrelas douradas, e os pés permaneciam nus.” (De uma palestra de N. M. Prjevalsky.) A isso, o famoso viajante acrescenta que ao longo de toda a sua jornada pelo rio Tchertchen ele e seus companheiros de viagem ouviram lendas sobre vinte e três cidades que foram enterradas, eras atrás, pelas mutáveis areias do deserto. A mesma tradição existe no Lob-nor e no oásis de Kerya.

Os vestígios desta civilização e outras tradições semelhantes nos levam a acreditar nos conhecimentos lendários, aceitos por eruditos da Índia e da Mongólia, segundo os quais há imensas bibliotecas resgatadas das areias, cuidadosamente preservadas junto com várias relíquias dos antigos conhecimentos MÁGICOS.

Recapitulemos. A Doutrina Secreta foi a religião universalmente propagada no mundo antigo e pré-histórico. As provas da sua difusão, os registros autênticos da

sua história, e um conjunto completo de documentos mostrando o seu caráter e sua presença em todas as nações, junto com o ensinamento de todos os grandes adeptos, existem até hoje nas criptas secretas das bibliotecas que pertencem à Fraternidade Oculta.

Esta afirmativa se torna mais aceitável se levarmos em conta os seguintes fatos: a tradição segundo a qual milhares de antigos pergaminhos foram salvos quando a biblioteca de Alexandria foi destruída; os milhares de obras sânscritas que desapareceram na Índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal, na China e no Japão, segundo a qual os verdadeiros textos antigos, com os comentários indispensáveis para a sua compreensão e somando muitos milhares de volumes, foram retirados há longo tempo do alcance de mãos profanas; a desapareição da vasta literatura oculta e sagrada da Babilônia; a perda das chaves indispensáveis para a solução de milhares de enigmas apresentados pelos registros hieroglíficos do Egito; a tradição na Índia segundo a qual os verdadeiros comentários secretos imprescindíveis para que o Veda seja compreendido, embora já não visíveis para olhos profanos, ainda permanecem ao alcance do iniciado, ocultos em cavernas e criptas secretas; e uma crença idêntica entre os budistas, com relação aos seus próprios livros secretos.

Os Ocultistas afirmam que todas estas obras existem e permanecerão em segurança, fora do alcance das mãos saqueadoras do Ocidente, até uma era mais iluminada, pela qual, segundo as palavras do Swami Dayanand Sarasvati, “os Mlechchhas (párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária) terão de esperar”.

Porque não é por culpa dos iniciados que estes documentos estão agora “perdidos” para o profano. As normas adotadas por eles a este respeito não foram ditadas por um sentimento de egoísmo, ou por algum desejo de monopolizar o conhecimento sagrado que é fonte de vida. Houve porções da Ciência Secreta que tiveram que ficar afastadas do olhar profano durante eras incalculáveis, mas isso ocorreu porque transmitir segredos de tamanha importância para multidões despreparadas seria o mesmo que dar a uma criança uma vela acesa em um paiol cheio de pólvora.

Uma pergunta surge frequentemente nas mentes dos estudantes, quando são feitas afirmações como esta, e cabe esboçar uma resposta.

“Podemos entender”, dizem eles, “a necessidade de esconder da multidão segredos tais como o Vril⁵⁵, a força que destrói rochas, descoberta por J. W. Keeley, da Filadélfia. Mas não podemos compreender que haja qualquer perigo na revelação de uma doutrina tão puramente filosófica como a evolução das cadeias planetárias.”

⁵⁵ Vril; força sutil que rompe os muros do mundo físico e é usada pela humanidade no romance póstumo de Sir Edward Bulwer-Lytton “**The Coming Race**” (“**A Próxima Raça**”). Tem relação com o poder do som. A atual energia atômica é uma expressão grosseira da mesma energia. (Nota do Tradutor)

O perigo era o seguinte: doutrinas como a das cadeias planetárias, ou a das sete raças, dão de imediato uma indicação sobre a natureza setenária do ser humano, porque cada princípio tem uma correlação com um plano, um planeta, e uma raça; e os princípios humanos estão, em cada plano, correlacionados a forças ocultas setenárias, das quais, as que operam nos planos mais elevados dispõem de um poder tremendo. De modo que toda divisão setenária dá imediatamente uma pista na direção de poderes ocultos tremendos. O abuso destes poderes causaria uma desgraça incalculável para a humanidade. Esta talvez não seja uma pista para a geração atual ⁵⁶ - especialmente no Ocidente. Ela está protegida pela sua própria cegueira e sua descrença materialista e ignorante em relação ao que é oculto; mas trata-se de uma pista, mesmo assim, que teria sido, no entanto, muito real nos primeiros séculos da era cristã, para pessoas profundamente convictas da realidade do ocultismo, vivendo no início de uma era de degradação, que os tornava vulneráveis ao abuso de poderes ocultos e à feitiçaria do pior tipo.

Os documentos foram ocultados, é verdade, mas a existência deste conhecimento nunca foi tratada como um segredo pelos Hierofantes do Templo, no qual os MISTÉRIOS têm sido sempre uma disciplina e um estímulo à virtude. A notícia deste conhecimento é muito antiga, e foi divulgada repetidamente pelos grandes adeptos, desde Pitágoras e Platão até os neoplatônicos. Foi a nova religião dos nazarenos que provocou uma mudança para o pior ao longo dos séculos.

Além disso, há um fato bastante conhecido e curioso, confirmado para esta redatora por um respeitável cidadão que esteve vinculado durante anos a uma embaixada russa. Vários documentos guardados nas Bibliotecas Imperiais de São Petersburgo demonstram que, mesmo em um período tão recente quanto os dias em que a maçonaria florescia sem restrições na Rússia, isto é, no final do último século e princípio do século atual ⁵⁷, mais de um místico russo viajou até o Tibete através dos Urais ⁵⁸, em busca de conhecimento e iniciação *nas criptas desconhecidas da Ásia*

⁵⁶ Geração atual; como “A Doutrina Secreta” foi publicada em 1888, a expressão “geração atual” inclui até o início do século vinte. No plano físico, na década de 1930 começou a corrida atômica entre a Alemanha nazista e os países democráticos. Em 1945, bombas atômicas dos Estados Unidos destruíram Hiroshima e Nagasaki. No plano mental, na mesma década de 1930, o nazismo desenvolveu novas técnicas de propaganda subliminar e semi-hipnótica, capazes de controlar a consciência de populações inteiras através de fatores subconscientes. Estas técnicas de manipulação foram em grande parte absorvidas e incorporadas ao mundo democrático depois da segunda guerra mundial, e são hoje usadas como táticas de propaganda para fins comerciais ou políticos. No século 21, ocorrem também outras formas de despertar das forças mentais. Graças à boa lei do carma, quando elas são colocadas a serviço do egoísmo, o resultado é desastroso. (Nota do Tradutor)

⁵⁷ Isto é, final do século 18 e começo do século 19. (Nota do Tradutor)

⁵⁸ Montes Urais; cadeia de montanhas que forma uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia. (Nota do Tradutor)

Central. E mais de um deles voltou, anos depois, com um generoso estoque de informações que jamais poderiam ser adquiridas na Europa. Vários exemplos poderiam ser citados, e nomes bem conhecidos seriam divulgados se tal publicidade não fosse causar perturbação aos parentes, que ainda vivem, de tais iniciados. Que seja feita uma pesquisa nos anais e na história da franco-maçonaria nos arquivos da metrópole russa, e esta afirmação será confirmada.

Esta é uma corroboração de algo que já foi dito muitas vezes antes, infelizmente de modo imprudente. Ao invés de beneficiar a humanidade, as violentas acusações de invenção deliberada e falsificação, feitas contra quem divulgava um fato verdadeiro embora pouco conhecido, geraram mau Carma para os injuriadores. Mas agora a divulgação é um fato consumado e a verdade não deve mais ser negada, sejam quais forem as consequências. “Esta é uma nova religião?” - pode-se perguntar. De modo algum. Não é uma *religião*, nem é uma filosofia *nova*; porque, como já foi dito, ela é tão antiga quanto o ser humano pensante. Os seus princípios não são publicados agora pela primeira vez, e foram cautelosamente divulgados, e ensinados, por mais de um Iniciado Europeu - especialmente por Ragon.⁵⁹

Mais de um grande erudito já afirmou que nenhum fundador de religião, seja ariano, semita ou turaniano, jamais *inventou* uma religião nova, ou revelou uma verdade nova. Todos os fundadores foram *transmissores* e não professores originais. Foram autores de novas formas e interpretações; mas as verdades sobre as quais estas se baseavam eram tão antigas quanto a humanidade. Eles selecionavam uma ou mais grandes verdades - reais e visíveis apenas para um verdadeiro sábio e vidente. Eles as destacavam das muitas verdades reveladas à humanidade no começo, e que foram preservadas e perpetuadas nos *áditos*⁶⁰ dos templos através da iniciação, durante os MISTÉRIOS e através de transmissão pessoal. E então eles ensinavam estas verdades às massas. Assim, cada nação recebeu por sua vez uma ou outra destas verdades sob o véu do seu próprio simbolismo local e específico. À medida que o tempo passava, surgia um culto mais ou menos filosófico, um panteão sob a forma de mitos. Deste modo, Confúcio, um legislador muito antigo na cronologia histórica, mas um Sábio bastante moderno na História do Mundo, é apresentado pelo Dr. Legge⁶¹ como “enfaticamente um transmissor, não um produtor”. E o Dr. Legge transcreve estas palavras de Confúcio: “Eu só passo adiante; não crio coisas novas. Acredito nos antigos e portanto sou amigo deles.”⁶² (Citado em “Science of Religions” - “A Ciência das Religiões” - de Max Müller.)

⁵⁹ Ragon; o pensador J. M. Ragon nasceu em 25 de fevereiro de 1781 e viveu até 1866. No volume II da edição original em inglês da presente obra, H. P. B. menciona o fato de que Ragon fundou a famosa sociedade maçônica dos Trinosofistas (p.575). J. M. Ragon escreveu numerosas obras, entre elas “Maçonnerie Occulte”. (Nota do Tradutor)

⁶⁰ Áditos; câmaras secretas nos templos antigos. (Nota do Tradutor)

⁶¹ “Lun-Yu” (“Analectos”), parágrafo 1, A, Schott, “Chinesische Literatur”, p. 7. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁶² “Life of Confucius”, p. 96. (Nota de H. P. Blavatsky)

Esta escritora também é amiga dos antigos, e portanto acredita neles, assim como nos herdeiros modernos da antiga Sabedoria. E, como acredita em ambos, ela transmite o que recebeu e aprendeu a todos os que o aceitarem. Quanto àqueles que irão rejeitar o testemunho dela - isto é, a grande maioria - ela não atribuirá a eles má intenção, porque eles estarão tão corretos à sua própria maneira, ao negar, quanto ela estará correta ao afirmar, já que eles e ela olham para a VERDADE desde dois pontos de vista inteiramente diferentes. De acordo com as regras do conhecimento crítico acadêmico, o orientalista deve rejeitar *a priori* qualquer evidência que não puder verificar completamente por si mesmo. E como poderia um erudito ocidental aceitar por ouvir dizer algo sobre o qual não sabe coisa alguma? De fato, o que é dado nestes volumes é selecionado a partir tanto de ensinamentos *orais* quanto de ensinamentos escritos. Esta primeira parcela das doutrinas esotéricas está baseada em Estâncias que são os registros documentais de um povo desconhecido pela Etnologia. Alega-se que estas doutrinas estão escritas em um idioma ausente da lista de línguas e dialetos conhecidos pela filologia; afirma-se que elas emanam de uma fonte (o Ocultismo) que é repudiada pela ciência; e, finalmente, elas são oferecidas através de um instrumento incessantemente atacado perante o mundo por todos os que detestam verdades desconfortáveis, ou que pretendem defender algum passatempo predileto seu. Portanto, deve-se esperar e aceitar antecipadamente a rejeição destes ensinamentos. Ninguém que descreva a si mesmo como um “erudito acadêmico” em qualquer departamento das ciências exatas terá permissão para levar a sério estes ensinamentos. Eles serão ridicularizados e rejeitados *a priori* neste século; mas só neste século. Por que no século vinte da nossa era os eruditos acadêmicos irão começar a reconhecer que a *Doutrina Secreta* não foi inventada nem exagerada, mas, ao contrário, apenas esboçada⁶³; e, finalmente, que os seus ensinamentos são anteriores aos Vedas.⁶⁴ Estes últimos não foram até cinquenta anos atrás ridicularizados, rejeitados e qualificados como uma “falsificação moderna”? O sânscrito não foi proclamado em certo momento como um dialeto derivado do grego, segundo Lemprière e outros eruditos? Em torno de 1820, diz o Prof. Max Müller, os livros sagrados dos brâmanes, dos zoroastristas e dos budistas “eram todos quase completamente desconhecidos, a sua própria existência era motivo de dúvidas, e não havia um só erudito capaz de traduzir uma linha dos Vedas

⁶³ Albert Einstein era leitor de “A Doutrina Secreta”, segundo informa documentadamente Sylvia Cranston no livro “Helena Blavatsky” (Editora Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp.; ver pp. 20, 474, 651, e 594). Outros exemplos notáveis, entre os muitos cientistas que trabalharam já no século vinte com conceitos da filosofia esotérica, são Fritjof Capra (“O Tao da Física” e “O Ponto de Mutação”), Rupert Sheldrake, David Bohm, Amit Goswami e Fred Hoyle (“O Universo Inteligente”). Os nomes são tão numerosos que seria impossível elencá-los. (Nota do Tradutor)

⁶⁴ Não há pretensão a fazer *profecia*. Esta é uma afirmação baseada em conhecimento dos fatos. A cada século, é feito um esforço para mostrar ao mundo que o Ocultismo não é uma vã superstição. Uma vez que surge permissão para deixar a porta entreaberta, ela se abrirá um pouco mais a cada século. Chegou o tempo de um conhecimento mais sério do que foi permitido até aqui, embora ainda muito limitado. (Nota de H. P. Blavatsky)

..... do Zend Avesta, ou do Tripitaka budista”, e agora está demonstrado que os Vedas são uma obra da mais alta antiguidade, cuja “preservação é quase um milagre” (“Lecture on the Vedas”).

O mesmo será dito da Doutrina Secreta Arcaica, quando forem dadas provas da sua inegável existência, e da existência dos seus registros e documentos. Mas será necessário que passem séculos, antes que muito mais material possa ser divulgado. Ao afirmar que as chaves para os mistérios do zodíaco foram quase perdidas para o mundo, esta escritora destacou, em “Ísis Sem Véu”, cerca de dez anos atrás: “A chave mencionada deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema se revele. Nós daremos a ela apenas *uma* volta, e assim permitiremos ao profano um vislumbre do mistério. Feliz é aquele que compreende o todo!”⁶⁵

O mesmo pode ser dito do sistema Esotérico inteiro. Uma volta na chave, e não mais do que isso, foi dada com “Ísis”. Um grande número de explicações adicionais é dado nos presentes volumes. Naquela época a escritora tinha um conhecimento limitado da língua em que a obra foi escrita, e ainda era proibida a divulgação de muitas coisas de que hoje se fala livremente. No século vinte, algum discípulo melhor informado, e muito mais adequado, pode ser mandado pelos Mestres de Sabedoria para dar provas finais e irrefutáveis de que existe uma ciência chamada *Gupta Vidya*; e de que - assim como as nascentes antigamente desconhecidas do rio Nilo - a fonte de todas as religiões e filosofias hoje conhecidas no mundo ficou esquecida e perdida para a humanidade, mas agora é, finalmente, reencontrada.

Uma obra como esta não deve ser iniciada com um simples *Prefácio*. Seria melhor iniciá-la com um volume⁶⁶; e um volume que apresente *fatos*, não apenas especulações, porque a DOUTRINA SECRETA não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século.

Seria pior que inútil publicar nestas páginas os trechos dos ensinamentos esotéricos que agora foram liberados do confinamento, a menos que ficasse estabelecida antes a confirmação - ou pelo menos a *probabilidade* - da existência autêntica de tais ensinamentos. A respeito das afirmações que agora serão feitas, deve ficar claro que elas são confirmadas por várias autoridades, os filósofos da antiguidade, os clássicos e até mesmo certos Pais da Igreja, alguns dos quais conheciam estas doutrinas porque as haviam estudado, e haviam visto e lido obras sobre elas. Alguns deles haviam sido inclusive iniciados pessoalmente nos Mistérios antigos, durante os

⁶⁵ Página 461, volume II, da edição original em inglês de “Isis Unveiled”. Na edição brasileira da Ed. Pensamento de “Ísis Sem Véu”, a mesma passagem é traduzida com outras palavras à p. 97 do volume IV. (Nota do Tradutor)

⁶⁶ De fato, somando as páginas do Prefácio, da Introdução e do Proêmio de “A Doutrina Secreta”, o leitor tem material equivalente ao de um volume, pequeno, mas substancial. (Nota do Tradutor)

quais as doutrinas arcanas eram simbolicamente representadas. Teremos de dar nomes históricos, confiáveis. Citaremos autores bem conhecidos, antigos e modernos, de capacitação reconhecida, de bom discernimento e com legitimidade. E também iremos indicar o nome de alguns sábios das artes e da ciência secretas, e ainda os mistérios destas últimas, tal como eles são divulgados, ou melhor, *parcialmente* apresentados diante do público na sua estranha forma arcaica.

“Como será feito isso? Qual é a melhor maneira de alcançar tal objetivo?” Estas foram as perguntas sempre recorrentes. Para tornar o nosso plano mais claro, vamos usar uma imagem. Quando um viajante, vindo de um país que já foi bem explorado, chega subitamente à fronteira de uma *terra incognita* que está separada e fora do seu campo de visão, devido a uma formidável barreira de rochas que torna a passagem impossível, ele ainda pode recusar-se a aceitar o fim dos seus planos de explorador. O avanço está fora de cogitação. O viajante não conseguirá visitar pessoalmente a região misteriosa, mas está ao seu alcance descobrir um meio de examiná-la do ponto mais próximo possível. Com base no conhecimento das paisagens que viu antes, ele sabe que obterá uma ideia geral bastante correta do que está além da barreira se subir até o pico mais elevado das alturas que estão à sua frente. Uma vez lá, poderá olhar à vontade para a paisagem além da barreira, comparando o que percebe vagamente com o que já deixou para trás. Graças a seus próprios esforços, ele agora está além da linha do nevoeiro e dos rochedos íngremes rodeados de nuvens.

Um tal ponto de observação preliminar não pode ser oferecido nestes dois volumes a aqueles que gostariam de obter uma compreensão mais correta dos mistérios dos períodos pré-arcaicos dados nos textos. Mas, se o leitor tiver paciência, poderá olhar para o estado atual das crenças e religiões na Europa, comparando-o com o que a História conhece das eras anteriores e posteriores ao começo da era Cristã. Então ele será capaz de ver isso tudo no Volume III desta obra.

O Volume III apresentará uma breve recapitulação dos principais adeptos conhecidos pela história ⁶⁷, e será descrita nele a decadência dos mistérios, depois da

⁶⁷ No primeiro parágrafo do Prefácio à presente obra, H. P. B. escreveu: “Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo através das vidas dos grandes Adeptos (.....) . Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.” O terceiro e o quarto volume jamais foram publicados por H. P. B. É possível, portanto, que a recepção dada pelos teosofistas aos dois primeiros volumes não tenha sido suficientemente boa. De fato, pouco depois da morte de H. P. B. em 1891, o movimento teosófico passou a ficar desorientado, afastou-se dos ensinamentos originais e fragmentou-se. O reerguimento do esforço teosófico autêntico, começado no século 20, deverá acelerar-se no século 21. Felizmente, uma parte do material a que alude H. P. B. está publicada no volume XIV dos “Collected Writings” (Escritos Reunidos) de H. P. Blavatsky, editados por Boris de Zirkoff. O volume XIV apareceu em 1985. (Nota do Tradutor)

qual começou a desapareção, e finalmente a eliminação na memória humana, da real natureza da iniciação e da Ciência Sagrada. A partir daquele momento os seus ensinamentos se tornaram Ocultos, e a Magia passou a usar com demasiada frequência o nome - respeitável, mas frequentemente enganoso - de Filosofia Hermética. Assim como o verdadeiro Ocultismo predominou entre os Místicos durante os séculos anteriores à nossa era, a Magia, ou mais precisamente a Feitiçaria, com suas Artes Ocultas, seguiu-se ao começo do cristianismo.

Por maiores e mais intensos que tenham sido os esforços dos fanáticos para apagar durante aqueles primeiros séculos todos os vestígios do trabalho intelectual e mental dos pagãos, eles fracassaram. Mas o mesmo espírito do demônio escuro do fanatismo e da intolerância perverteu sistematicamente, desde então, cada página iluminada das épocas pré-cristãs. Mesmo nos seus registros imprecisos, a História tem reunido o suficiente daquilo que sobreviveu para lançar uma luz imparcial sobre o conjunto. Que o leitor, então, permaneça um pouco junto à redatora, no ponto de observação que foi selecionado. A ele é solicitado que dê toda atenção àquele milênio que separa o período pré-cristão do período pós-cristão, em torno do ano UM da Natividade. Este acontecimento - seja ou não historicamente correto - tem servido apesar de tudo como um primeiro sinal da construção dos muitos baluartes de defesa contra qualquer possível retorno, ou mesmo contra qualquer compreensão, das odiadas religiões do Passado. Elas são odiadas e *temidas* porque lançam uma luz clara sobre a nova, e intencionalmente velada, interpretação daquilo que agora é conhecido como “Nova Revelação”.

Apesar dos esforços sobre-humanos dos primeiros padres cristãos para apagar a Doutrina Secreta da memória humana, todos eles falharam. A verdade nunca pode ser destruída; por isso aconteceu o fracasso da tentativa de eliminar da face da Terra qualquer vestígio daquela Sabedoria antiga, e de acorrentar e amordaçar cada testemunha que a conhecia. Basta pensar nos milhares, e talvez milhões de manuscritos que foram queimados; nos monumentos, com suas inscrições e símbolos pictóricos demasiado reveladores, que foram transformados em pó; nos bandos de eremitas e ascetas primitivos que percorreram as ruínas das cidades do Alto Egito e do Baixo Egito, no deserto e nas montanhas, procurando e destruindo todo obelisco e pilar, manuscrito ou pergaminho que tivessem o símbolo do *tau* ou qualquer outro signo adotado como seu pela nova fé. Assim o leitor verá claramente por que restaram tão poucas coisas dos registros do Passado. Verdadeiramente, os espíritos demoníacos do fanatismo do Cristianismo primitivo e medieval e do Islamismo preferiram permanecer desde o início na escuridão e na ignorância; e ambos fizeram

“ ----- o sol ficar vermelho de sangue, a terra ser um túmulo,
o túmulo um inferno, e o próprio inferno ser feito de trevas ainda mais escuras!”

As duas religiões conquistaram os seus seguidores com a ponta da espada; ambas construíram seus templos sobre o *sacrifício religioso de vítimas humanas*. No portal do século I da nossa era, pairam fatalmente as palavras de mau agouro CARMA DE ISRAEL. Sobre o portal do nosso próprio século, o futuro vidente poderá ver outras

palavras, que assinalarão o Carma da astuciosa manipulação da HISTÓRIA, com acontecimentos sendo distorcidos conscientemente, e grandes personagens sendo caluniados pela posteridade, fatos sendo alterados até ficarem irreconhecíveis, entre os dois carros de Jaganâtha ⁶⁸ - o Fanatismo e o Materialismo; um deles aceitando coisas em excesso, o outro negando tudo. Sábio é aquele que permanece no ponto de ouro, o ponto intermediário, e acredita na eterna justiça que equilibra todas as coisas. Diz Faigi Diwan, a “testemunha dos discursos maravilhosos de um livre-pensador que pertence a mil seitas”: “Na assembleia do dia da ressurreição, quando as coisas do passado forem perdoadas, os pecados dos Ka’bah serão perdoados pelo bem do pó das igrejas cristãs”. ⁶⁹ A isso, o professor Max Müller responde: “Os pecados do Islamismo são tão destituídos de valor como o pó do Cristianismo. No dia da ressurreição tanto os muçulmanos como os cristãos verão a vaidade das suas doutrinas religiosas. Os homens entram em conflito por causa da religião na terra; no céu eles descobrirão que só há uma religião verdadeira - a adoração do ESPÍRITO de Deus.” ⁷⁰

Em outras palavras, “NÃO HÁ RELIGIÃO (OU LEI) MAIS ELEVADA QUE A VERDADE” - “SATYAT NASTI PARO DHARMAH” - o lema do Maharajá de Benares, adotado pela Sociedade Teosófica.

Como já foi dito no *Prefácio*, “A Doutrina Secreta” não é uma versão de “Ísis Sem Véu”, embora esta tenha sido a intenção inicial. “A Doutrina Secreta” explica aquela obra, e, embora seja inteiramente independente de “Ísis Sem Véu”, é um corolário indispensável para ela. Muito do que foi escrito em ÍSIS não pôde ser compreendido pelos teosofistas naquela época. “A Doutrina Secreta” vai lançar agora uma nova luz sobre muitos problemas deixados sem resolver na primeira obra, especialmente nas suas primeiras páginas, que nunca foram compreendidas.

Como “Ísis” está voltada principalmente para as filosofias dos nossos tempos históricos e para o simbolismo das nações que não existem mais, só foi possível colocar nos seus dois volumes uma visão rápida do panorama do Ocultismo. Na presente obra, são dadas uma detalhada Cosmogonia e a evolução das quatro raças que precederam a nossa Humanidade da Quinta raça. Agora, dois grandes volumes explicam apenas aquilo que foi afirmado na primeira página de ÍSIS SEM VÉU e em algumas alusões espalhadas por vários lugares daquela obra toda. Os presentes volumes também não são uma tentativa de apresentar um catálogo abrangente das Ciências Arcaicas, antes de serem superados problemas tão importantes como a

⁶⁸ Carro de Jaganâtha - a expressão, do sânscrito, significa alguma força ou objeto de grande poder destrutivo. Também se refere a uma imagem de Krishna anualmente carregada em uma grande carroça, na Índia antiga, e sob cujas rodas diz a tradição que devotos se atiravam para serem esmagados. Ver “Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language”. (Nota do Tradutor)

⁶⁹ Na ocasião, só restará pó das igrejas cristãs. (Nota do Tradutor)

⁷⁰ “Lectures on the Science of Religion”, F. Max Müller, p. 257. (Nota de H. P. Blavatsky)

Evolução Cósmica e Planetária, e o desenvolvimento gradual das misteriosas Humanidades e raças que precederam a Humanidade “Adâmica”. Portanto, a presente tentativa de elucidar alguns mistérios da Filosofia Esotérica é na verdade bastante diferente da obra anterior. Como exemplo, o leitor pode fazer um exame do que segue.

O volume I de “Ísis” começa fazendo uma referência a “um livro antigo”, -

“... Tão antigo que os nossos antiquários modernos poderiam ficar um tempo indefinido avaliando as suas páginas, sem chegar a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual foi escrito. Atualmente existe um único exemplar original do livro. O mais antigo dos textos hebreus sobre o conhecimento oculto - o *Siphrah Dzeniouta* - foi compilado dele, quando ele já era considerado uma relíquia literária. Uma das suas ilustrações representa a Essência Divina emanando de ADÃO⁷¹ como um arco luminoso que passa a formar um círculo; e depois, tendo alcançado o ponto mais alto da sua circunferência, a glória inefável se inclina ao retorno outra vez, e volta à terra trazendo em seu vórtice um tipo mais elevado de humanidade. Na medida em que ela se aproxima cada vez mais do nosso planeta, a Emissão se torna menos iluminada, até que, ao tocar o chão, ela é tão escura como a noite.”⁷²

O “Livro muito antigo” é a obra original da qual os muitos volumes de *Kiu-ti* foram compilados. Não só *Kiu-ti* e *Siphrah Dzeniouta*, mas até mesmo o *Sepher Jesirah*⁷³, a obra atribuída pelos cabalistas hebreus ao seu Patriarca Abraão (!)⁷⁴, o livro do *Shu-King*, a Bíblia primitiva da China, os sagrados volumes de Thot-Hermes no Egito, os Puranas, na Índia, e o *Livro dos Números* dos caldeus, assim como o

⁷¹ O nome é usado no sentido da palavra grega *ἄνθρωπος*. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷² Neste ponto há uma complexidade adicional. Na Carta 18, à p. 121 do volume I de “Cartas dos Mahatmas” (Ed. Teosófica, Brasília, 2001), um Mestre de Sabedoria assinala um erro de revisão no trecho inicial de “Ísis” que H. P. B. está comentando. Ele afirma que na verdade Adão emana da Essência Divina, ao contrário do que diz, equivocadamente, “Ísis”. O fato confirma a ideia de que nenhum trabalho editorial é infalível. Os bons editores são aqueles que admitem os seus erros e os corrigem. A imperfeição externa estimula a pesquisa independente, e a compreensão deve ser interna. (Nota do Tradutor)

⁷³ O rabino Jehoshua Ben Chananea, que morreu em torno do ano 72 da era atual, declarou abertamente que havia feito “milagres” através do *Livro de Sepher Jesireh*, e desafiou todos os cétricos. Franck, fazendo uma citação do Talmude babilônico, menciona outros dois taumaturgos, os rabinos Chanina e Oshoi. (Veja “Jerusalem Talmud, Sanhedrin”, c. 7, etc.; e “*Franck*”, pp. 55-56. Muitos dos Ocultistas, Alquimistas, e Cabalistas diziam a mesma coisa, e mesmo um *Mago* moderno e mais recente, Eliphas Levi, afirma isso publicamente em seus livros sobre Magia. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷⁴ Na sua edição de “The Secret Doctrine”, Boris de Zirkoff dá mais dados sobre a obra de “Franck”, citada na nota anterior. Trata-se de “La Kabbale”, A. Franck, edição de 1843, I, p. 78. (Nota do Tradutor)

próprio *Pentateuco*, todos eles são derivados daquele pequeno volume original.⁷⁵ A tradição diz que o livro foi escrito em *Senzar*, a língua sacerdotal secreta, com base nas palavras dos Seres Divinos, que as ditaram aos filhos da Luz, na Ásia Central, logo no início da (nossa) quinta raça; porque houve um tempo em que o seu idioma, (o *Sen-zar*) era conhecido pelos Iniciados em todas as nações. Os ancestrais dos Toltecas⁷⁶ entendiam este idioma com tanta facilidade como os habitantes da perdida Atlântida, que o herdaram por sua vez, dos sábios da terceira Raça, os *Manushis*, que o aprenderam diretamente dos *Devas* da segunda e primeira Raças. A “ilustração” mencionada em “Ísis” se refere à evolução destas Raças e da nossa Humanidade da quarta e da quinta Raças, no Manvântara ou “Ronda” de Vaivasvata. Cada Ronda é composta dos Yugas dos sete períodos da Humanidade.⁷⁷ Quatro destes períodos já foram ultrapassados em *nosso* ciclo de vida; e a região do ponto médio do quinto período foi alcançada. A ilustração é simbólica, naturalmente; e ela abrange o processo desde o início. O velho livro, tendo descrito a Evolução Cósmica e explicado a origem de tudo na terra, inclusive do ser humano físico, ele descreve a verdadeira história das raças desde a *Primeira* até a Quinta (a nossa) raça, e não vai mais além. Ele se interrompe no início do *Kali Yuga*, há precisamente 4989 anos atrás⁷⁸, quando ocorreu a morte de Krishna, o brilhante “Deus-Sol”, o herói e reformador.

Mas há outro livro. Nenhum dos que o possuem o veem como muito antigo, porque nasceu ao mesmo tempo que a Idade Negra⁷⁹ e é tão velho quanto ela, isto é, tem 5.000 anos. Dentro de aproximadamente nove anos⁸⁰ se completará o primeiro ciclo de 5.000 anos do grande ciclo de Kali Yuga. E então a última profecia contida neste livro (o primeiro livro dos registros proféticos da Idade Negra) se terá realizado. Não será preciso esperar um longo tempo. Muitos de nós testemunharão o

⁷⁵ Cabe destacar um fato de grande importância potencial: nestas linhas H. P. Blavatsky está afirmando claramente que a literatura judaica tem uma origem esotérica e autêntica. (Nota do Tradutor)

⁷⁶ Toltecas; povo indígena pré-colombiano do altiplano central do México. (Nota do Tradutor)

⁷⁷ Yuga; uma das quatro Idades do mundo que formam o ciclo manvantárico. Assim, a evolução humana tem sete períodos, mas o manvântara do mundo se divide em quatro Yugas. (Nota do Tradutor)

⁷⁸ “Precisamente 4.989 anos atrás”. Podemos ver na p. 665 do volume I da edição original em inglês de “The Secret Doctrine” que o Kali Yuga começou em 17 / 18 de fevereiro de 3102 antes da era cristã. Portanto, este parágrafo de H. P. B. deve ter sido escrito no ano de 1887. (Nota do Tradutor)

⁷⁹ Idade Negra: Kali Yuga. (Nota do Tradutor)

⁸⁰ “Dentro de aproximadamente nove anos”. Poucas notas acima (veja a nota de pé de página que inicia com a palavra “Precisamente”), constatamos que este trecho de “A Doutrina Secreta” foi escrito em 1887. Portanto, as palavras “Dentro de aproximadamente nove anos” se referem a 1896-1897. (Nota do Tradutor)

Nascimento do Novo Ciclo, em cujo final não poucas contas serão acertadas entre as raças. O volume II das Profecias está quase pronto, e vem sendo preparado desde o tempo do grande sucessor de Buddha, Shankaracharia.

Deve ser registrado ainda um ponto importante e que - pelo menos para os Cabalistas Cristãos e seus estudantes - está em primeiro lugar na lista de provas da existência de uma Sabedoria primordial e universal. Os ensinamentos eram pelo menos parcialmente conhecidos por vários Pais da Igreja. Afirma-se, com base em dados puramente históricos, que Orígenes, Sinésio, e mesmo Clemente de Alexandria foram iniciados nos mistérios antes de acrescentar ao neoplatonismo da escola de Alexandria o neoplatonismo dos Gnósticos, sob um véu cristão. Além disso, algumas das doutrinas das escolas Secretas - embora não todas, longe disso - foram preservadas no Vaticano, e tem sido, desde então, parte dos mistérios desfigurados pela igreja latina a partir do programa original do cristianismo. Um exemplo é o dogma da Conceção Imaculada, agora interpretado como algo material. Disso surgiram as maiores perseguições promovidas pela igreja católica romana contra o Ocultismo, a Maçonaria, e o misticismo *heterodoxo* em geral.

Os dias de Constantino foram o último ponto de mutação da história, o período da Suprema luta, que terminou, no mundo Ocidental, por suprimir as velhas religiões em favor da nova, construída sobre os corpos das mais antigas. Desde Constantino a visão do Passado distante, além do "Dilúvio" e do Jardim do Éden, passou a ser forçosa e implacavelmente impedida através de todos os meios, justos e injustos, impedindo-se o olhar indiscreto das gerações posteriores. Cada assunto foi bloqueado. Cada registro histórico capturado foi objeto de destruição. E, no entanto, ainda permanece um número suficiente de registros, mesmo mutilados, que nos permitem dizer que eles constituem farta comprovação da real existência de uma Doutrina Original. Os fragmentos sobreviveram a cataclismos geológicos e políticos, para contar a história; e cada um deles nos mostra evidências de que a Sabedoria atualmente *Secreta* foi antes a origem, a fonte perene e sempre ativa, na qual se alimentaram todas as suas correntes - as religiões de todos os povos - desde a primeira até a última. Este período, iniciado com Buddha e Pitágoras numa extremidade e terminado com os Neoplatônicos e Gnósticos na outra ponta, é o único foco ainda presente na História no qual convergem pela última vez os raios claros da luz vinda dos éons de tempo passado, e não obscurecida pelas mãos do fanatismo.

Isso se refere à necessidade que a redatora tem de sempre explicar os fatos do Passado mais remoto através de evidências reunidas no período histórico. Era o único meio disponível, sob pena de ser mais uma vez acusada de não ter método ou sistema. O público deve ser informado dos esforços de muitos adeptos de dimensão mundial, de poetas, escritores e clássicos de todas as eras que eram iniciados, no sentido de preservar nos registros da Humanidade o Conhecimento da existência, pelo menos, de uma tal filosofia, se não dos seus princípios fundamentais. Os Iniciados de 1888 permaneceriam de fato incompreensíveis e sempre como um mito aparentemente impossível, se não fosse demonstrado que Iniciados semelhantes viveram em todas as outras eras da história. Isto só poderia ser feito dando

indicações detalhadas sobre onde se pode encontrar menções a estes grandes personagens, que foram precedidos e seguidos por uma linha longa e interminável de outros Mestres das artes, Antediluvianos e Pós-diluvianos. Só assim poderia ser demonstrado, com base em fontes pertencendo em parte à tradição e em parte à História, que o conhecimento do Oculto e dos poderes que ele confere ao ser humano não é de modo algum uma ficção, mas é tão antigo quanto o próprio mundo.

Aos meus juízes passados e futuros, portanto - sejam eles críticos literários sérios ou apenas aqueles dervixes ⁸¹ uivantes da literatura que julgam um livro conforme a popularidade ou impopularidade do nome do autor, e que, tendo lançado no máximo um rápido olhar sobre o seu conteúdo, apressam-se como *bacilos* mortais a buscar os pontos mais fracos do corpo -, eu nada tenho a dizer. Tampouco vou levar em conta os caluniadores enlouquecidos - felizmente poucos - que esperam chamar atenção do público lançando descrédito sobre cada escritor cujo nome é mais conhecido que os deles próprios, escumando e latindo diante da sua sombra. Estes, depois de manter durante anos a tese de que as doutrinas ensinadas em “The Theosophist”, e que culminaram no livro “O Budismo Esotérico”, *tinham sido todas inventadas por esta redatora*, finalmente se voltaram em outra direção e denunciaram “Ísis Sem Véu” e o resto como plágio de Eliphaz Levi (!), Paracelso (!!), e, *mirabile dictu* ⁸², do budismo e do bramanismo (!!!). Do mesmo modo Renan poderia ser acusado de haver roubado sua obra “Vie de Jésus” dos Evangelhos, e Max Müller de haver roubado seus “Sacred Books of the East” ou seus “Fragmentos” das filosofias dos brâmanes e de Gautama, o Buddha. Mas, para o público em geral e os leitores de “A Doutrina Secreta”, posso repetir o que tenho dito constantemente, e que agora coloco nas palavras de Montaigne: Senhores, “EU FIZ AQUI APENAS UM BUQUÊ DE FLORES SELECIONADAS, E NADA TRAGO QUE SEJA MEU, EXCETO O LAÇO QUE AS REÚNE.”

Despedacem o cordão, ou cortem-no em tiras menores, se quiserem. Quanto ao buquê de FATOS - vocês nunca poderão destruí-lo. Podem apenas ignorá-lo e nada mais.

Concluiremos com algumas palavras sobre este volume I. Esta INTRODUÇÃO prefacia a Parte da obra dedicada principalmente à Cosmogonia, e alguns dos temas trazidos podem parecer fora de lugar; mas há mais uma consideração a fazer, além das que foram mencionadas acima, em relação aos motivos que me levam a fazer tal abordagem aqui. Cada leitor irá inevitavelmente julgar as afirmativas feitas desde o ponto de vista do seu próprio conhecimento, da sua experiência, da sua consciência, e com base no que ele já aprendeu. A redatora é obrigada a ter sempre presente este fato. Disso decorrem também as frequentes referências neste primeiro volume a questões que, propriamente falando, pertencem a uma parte posterior da obra -, mas

⁸¹ Dervixes; ascetas religiosos muçulmanos que expressam sua religiosidade dançando e girando. (Nota do Tradutor)

⁸² “*Mirabile dictu*”; interjeição que significa: “palavras maravilhosas!” (Nota do Tradutor)

pelas quais não se poderia passar em silêncio, sob pena de o leitor desprezar o livro como uma verdadeira história de fadas, uma ficção fabricada em cérebro moderno.

Assim, o *Passado* irá ajudar a compreender o PRESENTE, e o *Presente* ajudará a apreciar melhor o PASSADO. Os erros de hoje devem ser explicados e eliminados. No entanto é mais do que provável - e nas circunstâncias atuais isso equivale a uma certeza - que, mais uma vez, o testemunho da História e de longas eras não será suficiente para impressionar a ninguém, além daqueles que são muito intuitivos, e isso significa dizer, muito poucos. Mas neste, como em todos os casos semelhantes, os *sinceros* e os *fiéis* podem ter a satisfação de apresentar ao cético saduceu moderno a prova matemática e o registro de sua endurecida obstinação e fanatismo. Ainda existe em algum lugar na Academia Francesa a famosa lei das probabilidades, que certos matemáticos expressaram por um processo algébrico para benefício dos céticos. A lei diz o seguinte: se duas pessoas dão seu testemunho sobre um fato, e assim transmitem a ele, cada uma, $5 / 6$ de certeza, este fato terá então $35 / 36$ de certeza, isto é, a sua probabilidade terá uma relação de 35 para 1 se comparada com a sua improbabilidade. Se três evidências semelhantes forem reunidas, a margem de certeza chegará a $215 / 216$. A concordância de dez pessoas, dando cada uma $1/2$ de certeza, irá produzir $1023 / 1024$, etc., etc.⁸³ O Ocultista pode ficar satisfeito com isso, e não necessita de mais nada.

00000

⁸³ Esta é uma expressão matemática do processo pelo qual emerge um novo hábito social, mais saudável, e do modo como um carma novo e regenerador é plantado. Se dez pessoas percebem corretamente a realidade, será mais fácil que uma décima-primeira pessoa alcance a mesma visão: trata-se de uma reação em cadeia. Citando a Academia Francesa, H. P. B. antecipa deste modo o que ficaria conhecido no século vinte - no campo da ciência popular - como “o fenômeno do centésimo macaco”. Veja-se o livro “The Hundredth Monkey” (“O Centésimo Macaco”, de Ken Keyes (Vision Books, 1982). A base científica do fenômeno específico do centésimo macaco, um evento supostamente ocorrido na ilha de Koshima, é questionada por Ron Amundson e outros autores. Isso não invalida de modo algum a ideia central do “mito do centésimo macaco”, que indica o processo de adoção de novos hábitos saudáveis na dinâmica social dos animais superiores, a partir de pequenas experiências inovadoras. (Nota do Tradutor)

Proêmio

Páginas de um Período Pré-Histórico

Diante da visão da redatora está um Manuscrito Arcaico, uma coleção de folhas de palmeira que, devido a algum processo específico desconhecido, se tornaram imunes em relação a água, fogo e ar.

Na primeira página há um disco imaculadamente branco sobre um fundo preto embaçado. Na página seguinte, o mesmo disco, mas com um ponto central. A primeira imagem representa o Cosmos em sua Eternidade, antes do redespertar da Energia ainda adormecida; a emanção da Palavra segundo os sistemas posteriores.

O ponto no Disco até aqui imaculado - o Espaço e a Eternidade em Pralaya ⁸⁴ - simboliza a aurora da diferenciação. Este é o ponto no “Ovo do Mundo” (Veja a parte II do volume I, “O Ovo do Mundo”), é o germe dentro deste último, que se transformará no Universo, o TODO, o Cosmos cíclico e ilimitado. Este germe é latente e ativo, periódica e alternadamente. O círculo único é a Unidade divina, de

⁸⁴ Pralaya; o universo não só vive, mas tem seus períodos cíclicos de manifestação externa e de repouso. Os pralayas são os momentos de repouso, assim como os manvântaras são os períodos de atividade. Na linguagem do físico David Bohm, que escreveu nas décadas finais do século 20, trata-se da alternância entre “ordem implícita” e “ordem explícita”. A lei da alternância opera tanto em grande escala como em pequena escala; a reencarnação individual é um dos seus aspectos. (Nota do Tradutor)

onde tudo emerge, e para onde tudo retorna. A sua circunferência - símbolo necessariamente precário devido às limitações da mente humana - indica a PRESENÇA abstrata e eternamente incognoscível, e o seu plano indica a Alma Universal, embora os dois sejam um. O fato de que o Disco é claro e tudo ao redor dele é preto mostra de modo definido que o seu plano, embora seja ainda vago e obscuro, é o único conhecimento alcançável pelo ser humano. É neste plano que começam as manifestações manvantáricas, nesta ALMA dorme, durante o Pralaya, o Pensamento Divino⁸⁵ em que está oculto o plano de todas as futuras Cosmogonias e Teogonias.

É a VIDA UNA, que é eterna, invisível, e no entanto Onipresente; que é sem começo ou fim, e no entanto é cíclica nas suas manifestações regulares, períodos entre os quais reina o obscuro mistério do não-Ser; que é inconsciente, porém é Consciência absoluta; que é incompreensível, no entanto é a única realidade que existe por si mesma; verdadeiramente, “um caos para os sentidos, um Cosmo para a razão”. O seu único atributo absoluto, o Movimento eterno e incessante em si mesmo, é chamado em linguagem teosófica de “Grande Respiração”⁸⁶, que consiste na movimentação perpétua do universo, no sentido de ESPAÇO ilimitado e sempre-presente. O que é destituído de movimento não é divino. Mas a verdade é que não há coisa alguma absolutamente imóvel dentro da alma universal.

⁸⁵ É quase desnecessário dizer mais uma vez ao leitor que o termo “Pensamento Divino”, assim como a expressão “Mente Universal”, não tem qualquer semelhança com o processo intelectual exercido pelo ser humano. O “Inconsciente”, segundo von Hartmann, chega ao vasto plano criativo, ou mais precisamente ao Plano Evolutivo, “através de uma sabedoria clarividente superior a toda consciência”, o que na linguagem Vedanta significaria Sabedoria absoluta. Só aqueles que compreendem até que distância a Intuição se ergue acima dos lentos processos do pensamento raciocinado podem ter uma ideia, mesmo vaga, daquela absoluta Sabedoria que transcende as ideias de Tempo e Espaço. A Mente, tal como a conhecemos, existe em estados de consciência cuja duração, intensidade, complexidade, etc., são variáveis - e todos estes fatores dependem, em última instância, de sensações, que são Maya. Sensação, devemos reiterar, implica necessariamente limitação. O Deus pessoal do Deísmo ortodoxo percebe, pensa e é atingido por emoções; ele se arrepende e sente “intensa raiva”. Mas a noção de tais estados mentais claramente envolve o postulado impensável da externalidade de estímulos, para não falar da impossibilidade de atribuir caráter imutável a um Ser cujas emoções flutuam de acordo com os acontecimentos ocorridos no mundo que ele próprio preside. As concepções de um Deus Pessoal como imutável e infinito não fazem sentido do ponto de vista psicológico e, o que é pior, não fazem sentido do ponto de vista filosófico. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸⁶ Platão demonstra ser um Iniciado ao dizer em “Crátilo” que *θεός* [theós] tem como origem o verbo *θέειν*, “mover-se”, “correr”, porque os primeiros astrônomos que observavam os movimentos dos corpos celestes chamaram os planetas de *θεοί*, deuses. (Veja, no Volume II de “A Doutrina Secreta”, o texto “O Simbolismo dos Nomes de Mistério Iao e Jeová, em sua relação com a Cruz e o Círculo”. Mais tarde, a palavra produziu outro termo, *ἀλήθεια*, “a respiração de Deus”. (Nota de H. P. Blavatsky)

Quase cinco séculos antes da era cristã, Leucipo, o instrutor de Demócrito, sustentava que o Espaço estava eternamente cheio de átomos impulsionados por uma movimentação incessante, e que esta movimentação gerava, a seu devido tempo - quando os átomos se agregavam - uma movimentação em círculo, através de colisões mútuas que produziam movimentos laterais. Epicuro e Lucrecio ensinaram o mesmo, apenas acrescentando à movimentação lateral dos átomos a ideia da afinidade - um ensinamento oculto.

Desde o começo da evolução hereditária dos seres humanos, desde que apareceram pela primeira vez os arquitetos do globo em que eles vivem, a Divindade não-revelada foi identificada e considerada sob o seu único aspecto filosófico - o movimento universal, a vibração da Respiração criadora na Natureza. O Ocultismo resume a “Existência Una” da seguinte maneira: “A Divindade é um FOGO arcano, vivo (ou em movimento), e as eternas testemunhas desta Presença não-vista são a Luz, o Calor, a Umidade”; e esta trindade inclui todos os fenômenos da Natureza, e é a causa deles.⁸⁷ O movimento intra-cósmico é eterno e incessante; o movimento cósmico (o visível, ou que é sujeito à percepção) é finito e periódico. Como abstração eterna ele é SEMPRE-PRESENTE; como manifestação é finito tanto numa direção como na outra, e as duas são o alfa e o ômega de sucessivas reconstruções. O Cosmos - o NÚMENO⁸⁸ - nada tem a ver com as relações causais do Mundo fenomênico. É só em relação à alma intra-cósmica, o Cosmos ideal no imutável Pensamento Divino, que podemos dizer: “Ela nunca teve um início nem terá um final.” Com relação a este corpo ou organização Cósmica, embora não se possa dizer que ele teve uma primeira construção, nem que terá uma última construção, a cada

⁸⁷ Os nominalistas, argumentando com Berkeley que “é impossívelformar a ideia abstrata de movimento como algo independente do corpo que se move” (“Prin. of Human Knowledge”, *Introd., par. 10*) podem questionar: “Que corpo é aquele, que produz tal movimento? É uma substância? Então vocês acreditam em um Deus Pessoal?”, etc., etc. Este ponto será respondido mais adiante neste livro. Enquanto isso, defendemos nossas posições como Concepcionalistas, e contra a visão materialista de Roscelini a respeito do Realismo e do Nominalismo. “Será que a Ciência”, diz um dos seus defensores mais hábeis, Edward Clodd, “revelou alguma coisa que enfraqueça ou se oponha às antigas palavras em que a Essência de toda religião, passada, presente e futura, é expressada, ou seja; agir com justiça, valorizar o sentimento de compaixão, e caminhar humildemente diante do seu Deus?” O argumento é aceitável, uma vez que a palavra Deus *não* signifique *o grosseiro antropomorfismo que ainda domina a nossa teologia atual, mas sim a concepção simbólica da Vida e do Movimento do Universo*, cujo conhecimento no plano físico é o mesmo que conhecer o tempo presente, passado e futuro, na existência dos fenômenos sucessivos; e cujo conhecimento no plano moral é o mesmo que saber o que existiu, existe e existirá, na consciência humana. (Veja “*Science and the Emotions*”. *A Discourse delivered at South Place Chapel, Finsbury, London, Dec. 27th, 1885.*) (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸⁸ Númeno - palavra derivada do grego. Significa um objeto, evento ou substância que ocorre num plano subjetivo essencial e deve ser conhecido sem a ajuda dos cinco sentidos, num plano filosófico ou intuitivo. O *númeno* dá origem aos *fenômenos* observáveis. (Nota do Tradutor)

novo Manvântara a sua organização pode ser vista como a primeira e a última do seu tipo, porque ele evolui cada vez em um plano mais elevado

Há alguns anos nós afirmamos que: -

“Assim como o Budismo, o Bramanismo e mesmo a Cabala, a doutrina esotérica ensina que a Essência única, infinita e desconhecida existe por toda eternidade, e que é ativa e passiva em fases cuja sucessão é regular e harmoniosa. Na fraseologia poética do Manu, estas condições são chamadas de ‘Dias’ e ‘Noites’ de Brahmâ. Este último está ‘acordado’ ou ‘dormindo’. Os Svabhavikas⁸⁹, ou filósofos da escola mais antiga do Budismo (que ainda existe no Nepal) especulam apenas sobre a condição ativa desta ‘Essência’, que chamam de Svabhavat⁹⁰; e consideram uma tolice teorizar sobre a força abstrata e ‘incognoscível’ em sua condição passiva. Por isso eles são chamados de ateus tanto pelos teólogos cristãos como pelos cientistas modernos. Nenhum destes dois grupos consegue compreender a lógica profunda da filosofia dos Svabhavikas. Os teólogos cristãos não aceitarão qualquer Deus diferente dos poderes secundários personificados que produziram o universo visível, e que se transformaram no pensamento deles no Deus antropomórfico dos cristãos - o Jeová masculino, rugindo entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os Budistas e os Svabhavikas como os ‘positivistas’ das eras arcaicas. Se adotarmos uma visão unilateral da filosofia destes últimos, os nossos materialistas podem estar certos, à sua maneira. Os Budistas afirmavam que não há um Criador, mas uma infinidade de poderes criadores que formam coletivamente a substância una e eterna, e cuja essência é inescrutável, não sendo, portanto, objeto de especulação para nenhum verdadeiro filósofo. Sócrates invariavelmente se recusava a discutir sobre o mistério do ser universal; no entanto, ninguém jamais poderia pensar em acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que visavam a sua destruição. Ao inaugurar um período de atividade, diz a Doutrina Secreta, ocorre uma expansão desta essência Divina desde fora para dentro e desde dentro para fora, de acordo com a lei eterna e imutável⁹¹; e o universo visível, ou fenomênico, é o resultado último

⁸⁹ No original em inglês, “Svâbhâvikas”, com dois acentos circunflexos. Na presente tradução, não mantemos acentos nas transliterações de todas as palavras. Consideramos que é preciso dar passos para que palavras de origem sânscrita sejam absorvidas e popularizadas na língua portuguesa. A preservação do sânscrito é uma meta louvável; no entanto, estamos abordando aqui apenas modestas transliterações, acentuadas ou não. O alfabeto devanagari do sânscrito é amplamente diferente do nosso alfabeto. Na língua portuguesa, a tendência histórica aponta para a redução do número de acentos, que, em inglês, praticamente não existem. (Nota do Tradutor)

⁹⁰ Svabhavat. Ao longo de “A Doutrina Secreta”, H.P. Blavatsky escreve esta palavra algumas vezes com “w”, *swâbhâvat*, e outras vezes com “v”, *svâbhâvat*. Na presente tradução, usamos a palavra sempre como “**svabhavat**”, eliminando também os acentos da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

⁹¹ O símbolo do movimento teosófico moderno inclui dois triângulos entrelaçados, um apontando para baixo, o outro apontando para cima. A imagem expressa este processo, que

da longa cadeia de forças cósmicas assim colocadas progressivamente em movimento. De modo semelhante, quando é retomada a condição passiva, ocorre uma contração da essência Divina e o trabalho anterior de criação é gradual e progressivamente desfeito. O universo visível fica desintegrado, e o seu material, disperso; e só a ‘escuridão’, solitária, domina uma vez mais a face do ‘profundo’. Para usar uma metáfora dos Livros Secretos, que transmite a ideia ainda mais claramente, uma exalação da ‘essência desconhecida’ produz o universo; e uma inalação faz com que ele desapareça. Este processo vem ocorrendo desde toda a eternidade, e o nosso universo atual é apenas um, de uma série infinita que não teve início e não terá fim.”

(Veja “Ísis Sem Véu”⁹², e o texto “Dias e Noites de Brahmâ”, na parte II⁹³.)

Esta passagem será explicada, tanto quanto possível, na presente obra. Embora, tal como está agora, ela não contenha nada novo para o orientalista, a sua interpretação esotérica pode conter muita informação até agora inteiramente desconhecida para o estudante ocidental.

A primeira ilustração é um disco simples: . A segunda ilustração dos símbolos arcaicos mostra um disco com um ponto, , a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da natureza sempre-eterna, o “Aditi NAQUILO” (Rig Veda), destituído de sexo, e infinito. O ponto no círculo é o Espaço potencial no Espaço abstrato. No seu terceiro estágio, o ponto é transformado num diâmetro, assim: . A figura agora simboliza uma Mãe-Natureza divina e imaculada, dentro da absoluta Infinitude que tudo abrange. Quando a linha do diâmetro é atravessada por uma linha vertical, , ela se torna a cruz do mundo. A Humanidade agora chegou à sua terceira-raça; este é, em primeiro lugar, o signo da origem da vida humana. Quando a circunferência desaparece e deixa apenas a , este é um sinal de que a queda do homem na matéria se completou, e a QUARTA raça começa. A Cruz dentro de um círculo simboliza o puro Panteísmo; quando a Cruz foi deixada sem círculo, se tornou fálica. Ela tinha, entre outros, o mesmo significado que um TAU dentro de um círculo, , ou que “o martelo de Thor”, a chamada cruz Jaina, ou simplesmente uma suástica dentro de um círculo, .

ocorre tanto em pequena como em grande escala ou “assim na terra como no céu”. O símbolo é conhecido como selo de Salomão ou estrela de David. (Nota do Tradutor)

⁹² “Ísis Unveiled”, Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p. 264-265. Na edição brasileira, veja outra tradução do mesmo trecho em “Ísis Sem Véu”, H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, vol. III, pp.234-235. (Nota do Tradutor)

⁹³ Referência à parte II do primeiro volume de “The Secret Doctrine”, edição original. O texto começa à p. 368. (Nota do Tradutor)

O terceiro símbolo - o círculo dividido em dois pela linha horizontal do diâmetro - significa a primeira manifestação da Natureza criativa (ainda passiva, porque feminina). A primeira e vaga percepção do ser humano em relação à procriação é feminina, porque o homem conhece sua mãe mais do que conhece seu pai. Assim, as divindades femininas eram mais sagradas que as masculinas. A Natureza é portanto feminina, e, até certo ponto, objetiva e tangível, e o espírito do Princípio que a faz frutificar é oculto. Ao acrescentar-se ao círculo e sua linha horizontal uma linha perpendicular, foi formado o tau - \top - a forma mais antiga da letra. Este foi o glifo da terceira raça-raiz até o dia da sua Queda simbólica - isto é, quando ocorreu a separação dos sexos através da evolução natural -, quando a figura se tornou $\textcircled{\top}$, o círculo, ou vida sem sexo modificada ou separada - um glifo ou símbolo duplo. No caso das raças da nossa Quinta Raça, ele se tornou em simbologia o *sacr'*, e em hebraico o *n'cabvah* das primeiras raças formadas⁹⁴; mais tarde transformou-se no $\textcircled{\top}$ egípcio (símbolo da vida), e ainda depois no signo de Vênus, $\textcircled{\text{♀}}$. Em seguida vem a Suástica (o martelo de Thor, ou a “cruz hermética”, atualmente) inteiramente separada do seu círculo, e tornando-se assim puramente fálica.⁹⁵ O símbolo esotérico de Kali Yuga é a estrela de cinco pontas invertida, assim: $\textcircled{\text{★}}$ - o símbolo da feitiçaria humana, com suas duas pontas (dois chifres) voltadas para cima, uma posição que todo Ocultista reconhecerá como pertencendo ao “caminho da esquerda”, e usado em magia cerimonial.⁹⁶

Esperamos que durante o exame desta obra as ideias errôneas do público em geral em relação ao Panteísmo sejam corrigidas. É errado e injusto ver os Ocultistas

⁹⁴ Veja a sugestiva obra “The Source of Measures”, em que o autor explica o real significado da palavra *sacr'*, de onde derivam as palavras “sagrado” e “sacramento”. Hoje estas palavras se tornaram sinônimos de “santo” e “santidade”, embora sejam puramente fálicas em sua origem! (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁵ Durante o século vinte, este símbolo foi usado para fins de feitiçaria pelos criminosos do nazismo alemão. O nazi-fascismo usava técnicas de magia negra para dominar mentalmente populações inteiras. Discretamente apoiada pelo Vaticano, a máfia nazista combinava em seus crimes contra a humanidade o uso de medo, violência, mentira sistemática, hipnotismo coletivo e “lavagem cerebral”. (Nota do Tradutor)

⁹⁶ Matemáticos ocidentais e alguns cabalistas norte-americanos nos dizem que na Cabala, também, “o valor do nome de Jeová é igual ao diâmetro de um círculo”. Acrescente-se a isso o fato de que Jeová é o terceiro sefirote, *Binah*, palavra feminina, e se terá a chave para o mistério. Através de certas transformações Cabalísticas, este nome, *andrógino* nos primeiros capítulos do Gênesis, passa a ser inteiramente masculino, cainita e fálico. O fato de escolher uma divindade entre os deuses pagãos e de fazer dele um Deus nacional especial, e de chamá-lo de “único Deus vivo”, de “Deus dos Deuses”, e depois proclamar esta adoração como Monoteística, não transforma esta divindade no Princípio ÚNICO cuja “Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma”, especialmente no caso de uma divindade priápica, como Jeová agora demonstra ser. (Nota de H. P. Blavatsky)

budistas e advaitas como ateus. Se nem todos eles são filósofos, todos estudam Lógica, pelo menos, e suas objeções e argumentos são baseados em raciocínios claros. De fato, o Parabrahm dos hindus pode ser visto como representante das divindades ocultas e sem nome das outras nações, e este Princípio absoluto será reconhecido como o protótipo do qual todos os outros foram copiados. Parabrahm não é “Deus”, porque Ele não é *um* Deus. “Ele é aquilo que é supremo, e não supremo (paravara)”, conforme explica o Mandukya Upanixade (2.28). Ele é “Supremo” como CAUSA, e não é supremo como efeito. Parabrahm é simplesmente, como uma “Realidade Única”, o Cosmos que tudo abrange - ou melhor, o Espaço Cósmico infinito, no mais elevado sentido espiritual, é claro. Como Brahma (neutro) é a Raiz imutável, pura, livre, imperecível e suprema, “a ÚNICA verdadeira Existência, Paramarthika”, e também a absoluta Chit e Chaitanya (inteligência, consciência), Brahma não pode ser um conhecedor, “porque AQUILO não pode ter um tema de conhecimento”. Será que a chama pode ser chamada de essência do Fogo? Esta Essência é “a VIDA e a LUZ do Universo, o fogo visível e a chama são destruição, a morte, e o mal”. “O Fogo e a Chama destroem o corpo de um Arhat, a essência deles o torna imortal.” (*Bodhi-mur, Livro II*). “O conhecimento do Espírito absoluto, como o esplendor do sol, ou como o calor do fogo, não é nada mais que a própria Essência absoluta”, diz Shankaracharia. ELE - é “o Espírito do Fogo”, e não o próprio fogo; portanto, “os atributos deste último, calor ou chama, não são os atributos do Espírito, mas daquilo que é originado, inconscientemente, pelo Espírito.” Não é verdade que a frase acima constitui a verdadeira nota-chave da filosofia Rosacruz mais recente? Parabrahm é, em resumo, o agregado coletivo do Cosmos em sua infinitude e eternidade, o “AQUILO” e “ISSO” aos quais estes agregados distributivos não podem ser aplicados.⁹⁷ “No começo ISSO era o Ser, o único (*Aitareya Upanixade*); o grande Shankaracharia explica que “ISSO” se refere ao Universo (Jagat); as palavras “No começo” significam “antes da reprodução do universo fenomênico”.

Portanto, quando os panteístas repetem as palavras dos Upanixades, que afirmam, como na Doutrina Secreta, que “ISSO” não pode criar, eles não negam um Criador, ou melhor, um *agregado coletivo* de criadores, mas apenas se recusam, de maneira muito lógica, a atribuir uma “criação”, e especialmente uma formação, algo finito, a um Princípio Infinito. Para eles, Parabrahm é passivo porque é uma Causa Absoluta, *Mukta* incondicionada. Só a Onisciência e a Onipotência limitadas são impossíveis para a *Mukta*, porque estes são ainda atributos (tal como se refletem nas percepções do ser humano); e porque Parabrahm, sendo o “TODO Supremo”, o sempre invisível espírito e Alma da Natureza, imutável e eterno, não pode ter atributos; o seu caráter absoluto naturalmente elimina qualquer ideia de conexão entre ele e o que é finito ou condicionado. E se o Vedanta postula que os atributos pertencem simplesmente à sua emanção, e o chama de “Ishwara *misturado com Maya*”, e Avidya (Agnosticismo e Insensatez, mais que ignorância), é difícil encontrar qualquer

⁹⁷ Ver “Vedanta Sara”, do major G. A. Jacob; assim como “The Aphorisms of S’ândilya”, traduzidos por Cowell, p. 42. (Nota de H. P. Blavatsky)

ateísmo nesta concepção.⁹⁸ Já que não pode haver dois INFINITOS nem dois ABSOLUTOS em um Universo que se considera Ilimitado, esta Autoexistência dificilmente pode ser concebida como algo que cria personalidade. No sentido e nas percepções de “Seres” finitos, AQUILO é um Não-“ser”, no sentido de que é a EXISTENCIALIDADE única⁹⁹; porque neste TODO está oculta a sua emanção co-eterna e coeva, ou sua radiação inerente, a qual, transformando-se periodicamente em Brahmâ (a Potência masculina-feminina) se converte no Universo manifestado, ou se expande até se transformar nele. Narayana movendo-se nas águas (abstratas do Espaço) passa a ser as Águas da substância concreta movimentada por ele, que agora se transforma na PALAVRA manifestada, ou Logos.

Os brâmanes ortodoxos - que estão entre os primeiros a erguer-se contra os panteístas e os advaitas, chamando-os de ateus - são forçados, se o Manu é aceito como autoridade nesta questão, a admitir a morte de Brahmâ, o criador, ao final da “Era” desta divindade (criativa) (100 anos divinos, um período que em nossos números requer 15 algarismos para ser expressado). No entanto, nenhum filósofo entre eles verá esta “morte” de qualquer outra maneira exceto como uma

⁹⁸ No entanto, orientalistas cristãos, preconceituosos e um tanto fanáticos, gostariam de provar que se trata de puro ateísmo. Uma prova disso pode ser encontrada em “Vedanta Sara”, de Major Jacob. No entanto, toda a Antiguidade ecoa este pensamento Vedântico:

“Omnis enim per se divom natura necesse est
Immortali aevosumma cum pace fruatur”. (Nota de H. P. Blavatsky)

[Tradução da citação feita por H.P.B. em latim:

“Porque é necessário que todos os deuses, por sua própria natureza, desfrutem da vida eterna em perfeita paz.” - Nota do Tradutor.]

⁹⁹ Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de “A Doutrina Secreta” que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 - e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 - é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Além disso, o volume “The Secret Doctrine Commentaries” (I.S.I.S., The Netherlands, 2010), transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus - em uma reunião em Londres - sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness, porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (pp. 23-24). Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness” (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles). (Nota do Tradutor)

desaparição temporária do plano manifestado da existência, ou como um descanso periódico.

Os Ocultistas estão, portanto, em unidade com os filósofos advaitas e vedantinos em relação ao ponto mencionado acima. Eles mostram a impossibilidade de aceitar no contexto filosófico a ideia de o TODO absoluto criar ou mesmo emanar o “Ovo de Ouro”, no qual afirma-se que ele entra para transformar-se em Brahmâ - o Criador, que se expande mais tarde transformando-se em deuses em todo o universo visível. Os Ocultistas dizem que a Unidade Absoluta não pode passar para o infinito, porque o infinito pressupõe a extensão ilimitada de *algo*, e a duração deste “algo”; e o Todo Uno é como o Espaço - que constitui a sua única representação mental e física nesta Terra ou em nosso plano de existência. Se fosse possível supor que o Todo Eterno Infinito, a Unidade Onipresente, ao invés de existir na Eternidade se transforma através da manifestação periódica em um Universo multidimensional, ou em uma personalidade múltipla, aquela Unidade deixaria de ser uma Unidade. A ideia de Locke segundo a qual “o Espaço puro não é capaz de resistência nem de Movimento” é uma ideia errada. O Espaço não é nem um “vazio ilimitado” nem uma “plenitude condicionada”, mas ambos; porque ele está no plano da abstração absoluta, da Divindade sempre incognoscível, que é um vazio apenas para as mentes finitas e no plano da percepção *maivica*. O Espaço é o Plenum, o Recipiente absoluto de tudo o que é; seja manifestado, seja não manifestado. Ele é, portanto, aquele TODO ABSOLUTO. Não há diferença entre a afirmativa do Apóstolo cristão segundo a qual “Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” e a do Rishi hindu: “O Universo vive em Brahma, teve sua origem em Brahma, e voltará a Brahma (Brahmâ)”. Porque Brahma (neutro), o imanifestado, é esse Universo *in abscondito*; e Brahmâ, o manifestado, é o Logos, que é transformado em masculino-feminino ¹⁰⁰ nos dogmas simbólicos ortodoxos. O Deus do Apóstolo-Iniciado, assim como o do Rishi, é tanto o ESPAÇO visível como o ESPAÇO invisível. No simbolismo esotérico, o Espaço é chamado “o Eterno Mãe-Pai de Sete Peles”. Desde a sua superfície indiferenciada até sua superfície diferenciada, ele é composto de sete camadas.

O Catecismo esotérico Senzar pergunta: “O que é que existiu, existe e existirá, quer haja um Universo ou não, e quer haja deuses ou não?” E a resposta dada é: “O ESPAÇO.”

Não é a Natureza *in abscondito* ¹⁰¹, o Deus Único e Desconhecido sempre-presente na Natureza, que é rejeitado, mas o Deus do dogma humano e a sua “Palavra” *humanizada*. Em sua infinita presunção e no orgulho e vaidade que lhes são inerentes, seres humanos criaram eles mesmos Deus com suas mãos sacrílegas,

¹⁰⁰ Veja a narrativa de Manu sobre como Brahmâ divide o seu corpo em um macho e uma fêmea, sendo ela a fêmea Vâch, na qual ele cria Viraj; e compare isso com o esoterismo dos capítulos II, III e IV do Gênesis. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰¹ Natureza *in abscondito*; Natureza oculta, invisível. (Nota do Tradutor)

tendo como base o material que encontraram em suas próprias e reduzidas estruturas cerebrais; e o impuseram à humanidade como se fosse uma revelação vinda do ESPAÇO não-revelado.¹⁰² O Ocultista aceita uma revelação como algo vindo de Seres divinos, mas ainda assim finitos; de vidas manifestadas, nunca da VIDA UNA Imanifestável; daquelas entidades que são chamadas de Homem Primordial, de Dhyani-Buddhas, ou Dhyani-Chohans; e que são os “Rishi-Prajapati” dos hindus, os Elohim ou “Filhos de Deus”, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens. O Ocultista também vê a Adi-Shakti¹⁰³ - a emanção direta de Mulaprakriti, a Raiz eterna DAQUILO e aspecto feminino da Causa Criadora Brahmâ, em sua forma akáshica¹⁰⁴ ou Alma Universal,

¹⁰² O Ocultismo está realmente no ar, neste final de século. Entre muitas outras obras publicadas recentemente, recomendamos especialmente uma, aos estudantes de Ocultismo teórico que não quiserem aventurar-se além do reino do nosso plano humano específico. Está intitulado “New Aspects of Life and Religion” (“Novos Aspectos da Vida e da Religião”), e o autor é o médico Henry Pratt. Está repleto de princípios esotéricos e de filosofia esotérica, esta última um tanto limitada, nos capítulos finais, pelo que parece ser um espírito de positivismo condicionado. No entanto, o que o livro diz sobre o Espaço como “a Primeira Causa Desconhecida” merece ser citado. “Este algo desconhecido, assim reconhecido como, e identificado com, a primeira corporificação da Unidade Simples, é invisível e impalpável” (espaço *abstracto*, sem dúvida); e porque é invisível e impalpável, é também incognoscível. E esta qualidade de incognoscível levou ao erro de supor que ele seja um simples vazio, que tenha uma função meramente receptiva. Mas, mesmo quando o vemos como vazio absoluto, o espaço deve ser reconhecido como sendo autoexistente, infinito e eterno, ou como algo que teve uma primeira causa fora, atrás ou mais além de si mesmo.

“E no entanto, se que esta causa pudesse ser encontrada e definida, isso apenas nos levaria a transferir para ela as características até aqui atribuídas ao espaço, e assim somente lançaríamos a dificuldade da origem um passo mais para trás, sem obter mais esclarecimento quanto à causa primária.” (p. 5)

Isso é precisamente o que foi feito pelos que acreditam em um Criador antropomórfico, um Deus extra-cósmico, ao invés de intra-cósmico. Muitos dos assuntos abordados pelo Sr. Pratt - a maior parte deles, pode-se dizer - são velhas ideias e teorias cabalísticas que ele apresenta em roupagem totalmente nova: “New Aspects” (“Novos Aspectos”) do Oculto na Natureza, de fato. O espaço, no entanto, visto como uma “Unidade Substancial” - a “Fonte viva da Vida” - é como a “desconhecida Causa sem Causa”, o princípio mais antigo do Ocultismo, anterior por milênios ao *Pater-Aether* dos gregos e latinos. O mesmo pode ser dito da “Força e Matéria como Potências do Espaço, inseparáveis, e como os Desconhecidos reveladores do Desconhecido”. Todos eles são encontrados na filosofia ariana, personificados como Visvakarman, Indra, Vishnu, etc., etc. De qualquer modo eles são expressos de forma muito filosófica, e sob muitos aspectos pouco usuais, na obra a que nos referimos. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰³ No original, Adi-Sakti. Usamos um “sh” para assinalar a pronúncia, ficando a palavra “Adi-shakti”. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁴ Akáshica; no original, “A’kásic”. Estamos aportuguesando a transliteração, e colocamos “sh” para indicar o som da penúltima sílaba. O mesmo vale para “A’kâsa” -- “Akasha”. (Nota do Tradutor).

filosoficamente como uma Maya e como causa da Maya humana. Mas este ponto de vista não o impede de acreditar na sua existência enquanto ela dura, isto é, durante um Maha-manvântara ¹⁰⁵; nem de empregar Akasha, a radiação de Mulaprakriti ¹⁰⁶, para propósitos práticos, já que a Alma do Mundo está conectada com todos os fenômenos naturais, sejam eles conhecidos ou desconhecidos pela ciência.

As religiões mais antigas do mundo - exotericamente, já que a raiz ou base esotérica é uma só - são o hinduísmo, o zoroastrismo, e a religião egípcia. Em seguida, e como resultado delas, vêm os caldeus, hoje totalmente ausentes do mundo com a exceção do desfigurado sabeianismo ¹⁰⁷, hoje apresentado pelos arqueólogos. Depois, passando por um bom número de religiões que serão mencionadas mais adiante, vem a religião judaica, que segue esotericamente a linha do Magismo da Babilônia, como na Cabala; exotericamente, como no Gênesis e no Pentateuco, uma coleção de lendas alegóricas. Lidos à Luz do Zohar, os quatro capítulos iniciais do Gênesis são parte de uma seção altamente filosófica da Cosmogonia do Mundo. (Veja o Livro III, “A Gupta Vidya e o Zohar”) ¹⁰⁸. Mantidos em sua forma simbólica, eles são como uma história para crianças, um espinho cravado na ciência e na lógica, um efeito evidente do Carma. Que eles sirvam de prólogo para o Cristianismo foi uma vingança cruel da parte dos rabinos, que sabiam mais sobre o significado do seu Pentateuco. Foi um protesto silencioso contra a espoliação, e os judeus têm hoje certamente vantagem sobre os seus tradicionais perseguidores. As crenças exotéricas

¹⁰⁵ Maha-manvântara: Grande Manvântara. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁶ Em contraste com o universo manifestado e material, o termo *Mulaprakriti* (derivado de *Mula*, “a raiz”, e *prakriti*, “natureza”), significa a matéria primordial imanifestada, que os alquimistas ocidentais chamam de Terra de Adão. O termo é aplicado pelos Vedantinos a *Parabrahm*. A matéria é dual na metafísica religiosa, e setenária nos ensinamentos esotéricos, como todas as outras coisas do universo. Como *Mulaprakriti*, a matéria é indiferenciada e eterna; como *Vyakta*, ela se torna diferenciada e condicionada, de acordo com o *Svetasvatara Upanixade*, I, 8, e *Devi Bhagavat Purâna*. O autor das quatro palestras sobre o Bhagavad Gita diz, ao falar de *Mulaprakriti*: “Desde o ponto de vista objetivo do Logos, *Parabrahman* aparece para o Logos como *Mulaprakriti* Naturalmente este *Mulaprakriti* é material para nós, assim como qualquer objeto material é material para nós. *Parabrahman* é uma realidade incondicionada e absoluta, e *Mulaprakriti* é uma espécie de véu lançado sobre ele.” (“The Theosophist”, Vol. VIII, p. 304.) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁷ Sabeianismo; religião de um povo antigo da península arábica. Promove a adoração do Sol e de outros corpos celestes, como representantes de um princípio universal supremo e indescritível. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁸ Livro III; referência ao volume III de “A Doutrina Secreta”, que H. P. Blavatsky não chegou a publicar, e teve destino ignorado. Para mais detalhes, veja a nota 10, de Boris de Zirkoff, à p. 679 do volume I de “The Secret Doctrine”, Adyar, TPH, 1979. (Nota do Tradutor)

citadas acima serão explicadas à luz da doutrina Universal à medida que prosseguirmos.

O Catecismo Oculto contém as seguintes perguntas e respostas:

“O que é que sempre existe?” “O Espaço, o eterno Anupadaka.” ¹⁰⁹ “O que é que sempre existiu?” “O Germe na Raiz.” “O que é que está sempre vindo e indo?” “A Grande Respiração.” “Então, há três Eternos?” “Não, os três são um. Aquilo que sempre existe é um, aquilo que sempre existiu é um, e aquilo que está sempre existindo e se transformando também é um: e ele é o Espaço.”

“Explica, ó Lanu (discípulo).” - “O Um é um Círculo (anel) ininterrupto, sem circunferência, porque não está em lugar algum e está em todas as partes; o Um é o plano sem limites do Círculo, manifestando um diâmetro apenas durante os períodos manvântáricos; o Um é o ponto indivisível que não é encontrado em parte alguma, que é percebido em todas as partes durante estes períodos; ele é o Vertical e o Horizontal, o Pai e a Mãe, a cúpula e a base do Pai, as duas extremidades da Mãe, que não chegam na realidade a lugar algum, porque o Um é o Anel assim como também os anéis que estão dentro daquele Anel. Luz na escuridão e escuridão na luz; a ‘respiração que é eterna’. Ela surge de fora para dentro, quando está por toda parte (isto é, maya ¹¹⁰, um dos centros ¹¹¹). Ela se expande e se contrai (exalação e inalação). Quando ela se expande, a mãe difunde e espalha; quando ela se contrai, a mãe recua e se interioriza. Isso produz os períodos de Evolução e Dissolução, Manvântara e Pralaya. O Germe é invisível e tem a natureza do fogo; a

¹⁰⁹ Anupadaka; o termo significa “sem pais” - veja mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁰ A filosofia esotérica vê como Maya (a ilusão da ignorância) todas as coisas finitas. Em consequência disso, ela deve ver da mesma forma necessariamente todo planeta ou corpo celeste intra-Cósmico, na medida em que é organizado, e portanto finito. Portanto, a expressão “Ela surge de fora para dentro”, etc., se refere na primeira parte da frase ao alvorecer do período manvântárico, ou à grande re-evolução, depois de uma das periódicas dissoluções completas de todas as formas compostas na Natureza (desde os planetas até as moléculas), quando elas se reduzem à sua última essência ou elemento último. Na segunda parte da frase, a expressão se refere ao manvântara local ou parcial, que pode ser um manvântara solar ou mesmo planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹¹ Aqui a palavra “centro” significa um centro de energia ou um foco Cósmico. Quando a chamada “Criação”, ou formação de um planeta, é realizada por aquela força que os Ocultistas designam como VIDA, e que a Ciência chama de “energia”, então o processo ocorre de dentro para fora, e cada átomo, afirma-se, contém em si mesmo a energia criativa da respiração divina. Como resultado, por um lado, depois de um pralaya absoluto, ou quando o material pré-existente consiste apenas de UM Elemento, e a RESPIRAÇÃO “está por toda parte”, e esta última atua “de fora para dentro”; por outro lado, depois de um pralaya pequeno, quando tudo permaneceu em *statu quo*, ou paralisado - em um estado refrigerado, digamos assim, como a lua. Com a primeira vibração do manvântara, o planeta ou planetas começam a ressurreição da vida de dentro para fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

Raiz (o plano do círculo) é fria; mas durante a Evolução e o Manvântara as suas vestes são frias e radiantes. A Respiração Quente é o Pai que devora os filhos do Elemento que têm muitas faces (os heterogêneos), e deixa os que têm uma só face (os homogêneos). A Respiração Fria é a Mãe, que concebe, forma, produz, e os recebe de volta em seu âmago, para reformá-los no momento da Aurora (do dia de Brahmâ, ou Manvântara)”.

Para uma compreensão mais clara por parte do leitor, deve ser dito que a Ciência Oculta reconhece *sete* Elementos Cósmicos - quatro deles inteiramente físicos, e o quinto (Éter), semi-material, já que irá tornar-se visível no ar perto do final da nossa Quarta Ronda, reinando supremo sobre os outros elementos durante a Quinta Ronda. Os dois elementos restantes estão ainda absolutamente além da percepção humana. No entanto, eles aparecerão como pressentimentos durante a sexta e a sétima Raças da Ronda atual, e se tornarão conhecidos respectivamente na sexta e na sétima Rondas. ¹¹² Estes sete elementos, com os seus inúmeros Sub-Elementos (muito mais numerosos do que os conhecidos pela Ciência) são simplesmente modificações *condicionais* do ÚNICO Elemento existente. Este último não é o Éter ¹¹³, nem sequer o Akasha, mas a Fonte destes dois. O Quinto Elemento, cuja existência é agora defendida bastante livremente pela ciência, não é o Éter levantado como hipótese por Sir Isaac Newton, embora Newton o chame por este nome provavelmente depois

¹¹² É curioso perceber que, nos ciclos evolutivos das ideias, o pensamento antigo parece estar refletido nas especulações modernas. Terá o Sr. Herbert Spencer lido e estudado textos antigos dos filósofos hindus, quando ele escreveu uma certa passagem em seu livro “First Principles” (“Primeiros Princípios”) (p. 482)? Também pode ser que tenha tido um relâmpago de percepção interna, que fez com que ele dissesse o seguinte, de modo parcialmente incorreto: “como o movimento, tal qual a matéria, têm uma quantidade constante (?), e como parece ser que a mudança na distribuição da Matéria que é provocada pelo Movimento chega a um limite seja qual for direção em que ela ocorre (?), o indestrutível Movimento necessita de uma distribuição inversa. Aparentemente, as forças universalmente coexistentes da atração e da repulsão, que, como vimos, necessitam de um ritmo em todas as mudanças menores ao longo do Universo, também necessitam de um ritmo na totalidade das suas mudanças -, produzindo agora um período imensurável durante o qual as forças de atração predominam, o que causa uma concentração universal, e mais adiante um período imensurável durante o qual as forças de repulsão predominam, o que causa uma difusão universal. Há uma alternância entre era de Evolução e de dissolução”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹³ Sejam quais forem os pontos de vista da Ciência física a respeito, a Ciência Oculta vem ensinando há eras que o A’kâs a [*Akasha*] - do qual o Éter é a sua forma mais grosseira - , o quinto Princípio Cósmico Universal (ao qual corresponde e do qual surge a mente humana, Manas), é, cosmicamente, uma matéria diatérmica, plástica, fria, radiante, criativa em sua natureza física, correlativa em seus aspectos e suas porções mais grosseiras, imutável em seus princípios superiores. Na condição anterior, ela é chamada de Sub-Raiz; e, em conjunção com o calor radiante, ela faz com que “mundos mortos revivam”. No seu aspecto superior ela é a Alma do Mundo; no seu aspecto inferior, o DESTRUIDOR. (Nota de H. P. Blavatsky)

de associá-lo em sua mente com o *Aether*, o “Pai-Mãe” da antiguidade. Como diz Newton, demonstrando intuição, “A Natureza faz um trabalho perpetuamente circulatório, gerando fluídos a partir de sólidos, coisas fixas a partir de coisas voláteis, coisas voláteis a partir de coisas fixas, coisas sutis a partir de coisas grosseiras, e coisas grosseiras a partir de coisas sutis. Assim, talvez, todas as coisas possam ser originadas do Éter”. (Hypoth, 1675.)¹¹⁴

O leitor deve levar em conta que as Estâncias dadas tratam apenas da Cosmogonia do nosso próprio Sistema planetário, e do que é visível ao seu redor, depois de um Pralaya Solar. Os ensinamentos secretos sobre a Evolução do Cosmo Universal não podem ser dados, porque não poderiam ser compreendidos pelas mentes mais elevadas da época atual; e parece haver muito poucos Iniciados, mesmo entre os maiores, que têm permissão para especular a respeito. Além disso, os Instrutores dizem abertamente que nem sequer os mais elevados Dhyani-Chohans¹¹⁵ penetraram jamais os mistérios que estão além das fronteiras graças às quais os bilhões de sistemas solares estão separados do “Sol Central”, conforme ele é chamado. Portanto, o que é dado diz respeito apenas ao nosso Cosmo visível, depois de uma “Noite de Brahma”.

Antes que o leitor passe a considerar as Estâncias do Livro de Dzyan, que formam a estrutura da presente obra, é absolutamente necessário que ele seja informado das poucas concepções fundamentais que estão na base e permeiam todo o sistema de pensamento para o qual é chamada a sua atenção. Estas ideias básicas são poucas em número, e é da clara percepção delas que depende tudo o que se segue; portanto, não é necessário pedir desculpas por solicitar ao leitor que se familiarize primeiro com elas, antes de começar o exame da obra propriamente dita.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais:

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento - nas palavras do Mandukya, é “impensável e indescritível”.

¹¹⁴ Na bem cuidada edição de 1979 de “The Secret Doctrine” (TPH), Boris de Zirkoff dá mais detalhes bibliográficos sobre o texto de que faz parte esta afirmação de Newton. Zirkoff informa que se trata de uma carta datada de 7 de dezembro de 1675, e indica o seu título completo: “An Hypothesis explaining the Properties of Light discoursed of in my several Papers”. Fonte: “*Register of the Royal Society*”, Vol. V, p. 65. (Nota do Tradutor)

¹¹⁵ Conforme H. P. B. indicou mais acima, os Dhyani-Buddhas, Dhyani-Chohans ou Dhyani-Chohans são “os ‘Rishi-Prajapati’ dos hindus, os Elohim ou ‘Filhos de Deus’, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens.” (Nota do Tradutor)

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna - vagamente formulada nas ideias de “Inconsciente” e “Incognoscível” da filosofia europeia atual - é a raiz sem raiz de “tudo o que foi, é, ou será algum dia”. Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a “existencialidade”, mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*)¹¹⁶, e está além de todo pensamento e especulação.

Essa “existencialidade” é simbolizada na Doutrina sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que nenhuma mente humana pode nem conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e é o movimento que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade também é simbolizado pela expressão “A Grande Respiração”, uma imagem tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO - A EXISTENCIALIDADE - , simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da “Causa Primeira”¹¹⁷ - que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da “Causa Sem Causa”, o “Eterno” e “Incognoscível” - pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina.¹¹⁸

¹¹⁶ Veja mais acima a nota em que discutimos a tradução do termo “Be-Ness” (*Sat*) como “Existencialidade” (Nota do Tradutor).

¹¹⁷ A palavra “primeira” indica necessariamente algo que é “o primeiro a ser produzido”, “o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia”, e portanto finito e condicionado. O “primeiro” não pode ser o absoluto, porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo Oriental chama o Todo Abstrato de “Causa Una Sem Causa”, a “Raiz Sem Raiz”, e limita a “Causa Primeira” ao *Logos*, no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁸ Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista “The Theosophist”, de fevereiro de 1887. (Nota de H. P. Blavatsky)

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do “Universo Manifestado”. Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo¹¹⁹ material que a consciência surge como “eu sou eu”, sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O “Universo Manifestado”, portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como “manifestação”. Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há “aquilo” que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a “ponte” pela qual as “Ideias” que existem no “Pensamento Divino” são impressas na substância Cósmica como “leis da Natureza”. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação,

¹¹⁹ Chamado em sânscrito de “Upadhi”. (Nota de H. P. Blavatsky)

o “Pensamento Divino” transmitido e tornado manifesto pelos Dhyán Chohans ¹²⁰, os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a autoconsciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO ; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do “manifestado”. Esta é a “Primeira Causa”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.

(3.) Espírito-matéria, VIDA ; o “Espírito do Universo”, o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal ; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA ; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também: -

(b) A Eternidade do Universo *in toto* como um plano ilimitado ; sendo periodicamente “cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente”, chamados de “estrelas em manifestação” e “centelhas da Eternidade”. “A Eternidade do Peregrino” ¹²¹ é como um piscar do Olho da Autoexistência (Livro de Dzyan). “A aparição e a desaparecimento de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré. (Veja, na Parte II, “Dias e Noites de Brahmâ”.)

¹²⁰ Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹²¹ “Peregrino” é um termo para designar a nossa Mônada (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral - o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas em inglês. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença. (Nota de H. P. Blavatsky)

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza.

Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também: -

(C) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida ; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da Alma-Superior Universal - através do Ciclo da Encarnação (ou “da Necessidade”), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, - ou ALMA-SUPERIOR - tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos autoinduzidos e autoplanejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahmâ, por que Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados - os aspectos diversamente diferenciados - do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou micro-cósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiávicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja o Adendo “Deuses, Mônadas e Átomos”, e também “Teofania”, “Bodhisatvas e Reencarnação”, etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahm e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanção periódica (manvantárica) - ou radiação primária - também é una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor

(esse último deixa os mundos em *statu quo*¹²²), o primeiro que redesperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de “a Mãe”, antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do despertar. (Veja os Comentários à Estância II.) Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas enquanto para a doutrina Oriental estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu “Atma-Buddhi-Manas” (Espírito, Alma, Inteligência), a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha, Hari e Sankara* - as três hipóstases do “Espírito do Supremo Espírito” em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda Vishnu em seu primeiro Avatar) - são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que “não morre com as coisas criadas” (ou Achiuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanath* - “falsa compreensão”, algo “concebido como uma forma material devido a aparências errôneas”, o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purâna. “Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal do Supremo Brahma.¹²³ O aspecto seguinte é duplo - Prakriti, tanto exteriorizado

¹²² Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas “fotografias” astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela “Noite”, os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹²³ Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico - reverentemente formula o grande mistério ; “aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo.” É só a audaciosa Teologia - nunca a Ciência ou a Filosofia - que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível. (Nota de H.P. Blavatsky)

como não exteriorizado, e o tempo é o último.” Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do despertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo \oplus , chamando-o de “a União da Rosa e da Cruz”, o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome - rosacruz (Rosa Cruz) !

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruz, existe um que nunca até agora foi compreendido nem mesmo pelos místicos modernos. É o símbolo do “pelicano” que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes - o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto Brahma (neutro) é hamsa, e “Ahamsa”, como será explicado no comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahm¹²⁴ não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno “Todo em Tudo”.

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta. Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos - embora demasiado frequentemente sob aparências enganosas - em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu. Passo adiante, portanto, abordando o assunto das Estâncias tal como elas são dadas neste volume, e acrescentando um esboço mínimo delas, com a esperança de tornar a tarefa do

¹²⁴ Vemos aqui a grafia “Parabrahmam”, mas na maior parte da obra é usada a grafia “Parabrahm”. (Nota do Tradutor)

estudante mais fácil colocando diante dele, em poucas palavras, a ideia geral que é explicada através delas.

Estância I. A história da evolução cósmica, tal como descrita nas Estâncias, é, digamos assim, a fórmula algébrica abstrata desta Evolução. Assim, o estudante não deve pensar que encontrará na Estância I um relato de todos os estágios e de todas as transformações que ocorrem entre o primeiro começo da evolução “Universal” e o nosso estado atual. Publicar um tal relato seria impossível porque ele não poderia ser compreendido por seres humanos que não entendem nem sequer a natureza do plano de existência imediatamente superior àquele em que, de momento, a sua natureza está situada, e ao qual está limitada.

As Estâncias apresentam, portanto, uma fórmula abstrata que se pode aplicar, *mutatis mutandis*¹²⁵, a toda evolução, isto é: à evolução de nossa pequena terra, à evolução da cadeia de planetas a que pertence a terra, à evolução do Universo solar que contém essa cadeia, e assim sucessivamente, em escala ascendente, até que a mente fica perplexa e exausta pelo esforço.

As sete Estâncias dadas neste volume representam os sete termos desta fórmula abstrata. Elas se referem às sete grandes etapas do processo evolutivo, e as descrevem. Estas etapas são mencionadas nos Puranas como as “Sete Criações”, e na Bíblia como os “Dias da Criação.”

000000

A Primeira Estância descreve o estado do TODO UNO durante o Pralaya, antes da primeira vibração da manifestação que volta a despertar.

Basta uma breve reflexão para perceber que um tal estado pode ser apenas simbolizado. Descrevê-lo é impossível. Além disso, pode-se simbolizá-lo usando apenas negações, já que, como ele é o próprio estado do Absoluto, não pode ter nenhum dos atributos específicos que empregamos para descrever objetos de maneira afirmativa. Por isso, só se pode sugerir este estado recorrendo às negações dos atributos mais abstratos, que os seres humanos sentem, mais do que compreendem, e que são os limites mais remotos alcançáveis pelo seu poder de percepção.

Para a mente ocidental, o estágio descrito na Estância II é tão idêntico ao mencionado na primeira Estância que para expressar a ideia da sua diferença se precisaria escrever um tratado. Portanto, convém deixá-lo a cargo da intuição e das faculdades superiores do leitor, pelas quais entenderá, até onde puder, o significado das frases alegóricas empregadas. Em verdade, deve-se ter presente que todas estas Estâncias falam mais às faculdades internas do que à compreensão convencional do cérebro físico.

¹²⁵ “Mutatis Mutandis” (latim), isto é, com as adaptações necessárias. (Nota do Tradutor)

A Estância III descreve o Redespertar do Universo para a vida, depois do Pralaya. Ela retrata o surgimento das “Mônadas”, quando elas abandonam o seu estado de absorção dentro do UNO; é o primeiro estágio e também o mais elevado na formação dos “Mundos”, pois o termo *Mônada* pode ser aplicado igualmente ao mais vasto Sistema Solar e ao mais diminuto átomo.

A Estância IV mostra a diferenciação do “Germe” do Universo na hierarquia setenária de Poderes Divinos conscientes, que são as manifestações ativas da Energia Suprema Única. Eles são os construtores, aqueles que dão forma, e em última instância os criadores de todo o Universo manifestado, apenas na acepção em que o termo “Criador” é compreensível. Eles orientam e guiam o Universo. Eles são os Seres inteligentes que ajustam e controlam a evolução, expressando, em si mesmos, aquelas manifestações da LEI UNA que conhecemos como “As Leis da Natureza.”

Em geral, eles são conhecidos como Dhyán Chohans, embora, na Doutrina Secreta, cada um dos seus vários grupos tenha sua própria designação.

Esta etapa da evolução é mencionada na mitologia hindu como a “Criação” dos Deuses.

Na Estância V é descrito o processo da formação do mundo: primeiro, a Matéria Cósmica difusa, depois, o “remoinho” ígneo, a primeira etapa na formação de uma nebulosa. Essa nebulosa se condensa e, depois de passar através de várias transformações, forma um Universo Solar, uma cadeia planetária, ou um único planeta, conforme o caso.

A Estância VI trata das etapas subsequentes na formação de um “Mundo”, que fazem o processo evolutivo de tal mundo descer até a seu quarto grande período, que corresponde ao período em que vivemos atualmente.

A Estância VII continua a história, descrevendo a descida da vida até a aparição do Homem. Assim termina o primeiro Livro de A Doutrina Secreta.

O desenvolvimento do “Homem” desde a sua primeira aparição sobre a terra, nesta Ronda, até o estado que ele ocupa agora, irá constituir o tema do livro II.

0000000000000000

Nota

As Estâncias que são a tese de cada seção estão apresentadas na sua tradução moderna, pois seria pior que inútil tornar o tema ainda mais difícil introduzindo a fraseologia arcaica do original, cujas palavras e cujo estilo são enigmáticos. São

dados trechos das traduções chinesa, tibetana e sânscrita dos Comentários originais em Senzar, e de comentários sobre o Livro de DZYAN. É a primeira vez que este material é traduzido para um idioma europeu. É quase desnecessário afirmar que aqui se introduzem apenas partes das sete Estâncias. Se elas fossem publicadas na íntegra, ninguém as compreenderia, exceto alguns poucos ocultistas de alto nível. Tampouco há necessidade de dizer ao leitor que a autora, ou melhor, a humilde redatora, não entende melhor do que a maior parte dos profanos estas passagens proibidas. Para facilitar a leitura e para evitar a frequente referência a notas de pé de página, decidiu-se que seria melhor unir os textos e os comentários, usando os termos sânscritos e tibetanos mais adequados, sempre que estes não podem ser evitados - em lugar dos termos originais. Especialmente porque tais nomes são todos sinônimos aceitos, enquanto que os originais em Senzar se empregam entre um Mestre e seus chelas (discípulos.)

Assim, se fôssemos traduzir o primeiro versículo usando só os substantivos e os termos técnicos tal como se empregam em uma das versões tibetana e senzar, teríamos:

“Tho-ag em Zhi-gyu dormiu sete Khorlo. Zodmanas zhiba. Todo Nyug seio. Konch-hog não; Thyan-Kam não; Lha-Chohan não; Tenbrel Chugnyi não; Dharmakaya cessado; Tgenchang não se tinha convertido em; Barnang e Ssa em Ngovonyidj; só Tho-og Yinsin na noite de Sun-chan e Yong-grub (Paranishpanna), etc., etc.” Tudo isso soaria como mero *abracadabra*.

Como esta obra foi escrita para instruir os estudantes do Ocultismo, e não para benefício dos filólogos, evitaremos sempre que for possível os termos estranhos. Mantemos apenas os termos intraduzíveis, que não podem ser compreendidos sem a explicação do seu significado. Mas todos estes termos são apresentados na sua forma sânscrita. Não é necessário lembrar ao leitor que estas palavras são em quase todos os casos desenvolvimentos mais recentes do sânscrito, e pertencem à Quinta Raça-Raiz. A raça atlante não falava o sânscrito que se conhece atualmente, e a maioria dos termos filosóficos usados nos sistemas indianos posteriores ao período do Mahabharata não estão nos Vedas, nem podem ser encontrados nas Estâncias originais, mas só os seus equivalentes são encontrados. O leitor que não é teosofista é convidado mais uma vez a considerar tudo o que se segue como uma história de fadas, se quiser; no melhor dos casos, como uma especulação de *sonhadores*, ainda não demonstrada e, na pior possibilidade, como mais uma hipótese entre as muitas hipóteses científicas, passadas, presentes e futuras, algumas já destruídas, e outras que estão desvanecendo. Esta hipótese não é de modo algum pior do que muitas das assim chamadas teorias científicas; e em cada caso ela é mais filosófica e mais provável.

Tendo em vista a necessidade de numerosos comentários e explicações, as referências das notas de pé de página são dadas da forma usual, enquanto as frases a serem comentadas são dadas com números. Mais material será encontrado nos

capítulos sobre Simbolismo na Parte II, assim como na Parte III, e eles em muitos casos terão mais informação do que o texto principal. ¹²⁶

Volume I, Parte I. Evolução Cósmica

Sete Estâncias

Traduzidas com Comentários

do

Livro Secreto de Dzyan.

“Nãõ havia coisa alguma; o céu claro e distante
Nãõ existia, nem havia o amplo telhado celestial, espalhado ao alto.
O que é que encobria tudo? O que o abrigava? O que o ocultava?
Seria o insondável abismo das águas?
Nãõ havia a morte - porém nada havia de imortal.
Nãõ existia diferença entre o dia e a noite;
Só Aquilo que é Uno respirava sem respirar, sozinho,
E desde então nada jamais existiu fora Daquilo.
Havia escuridão, e no início tudo estava velado
Em trevas profundas -; um oceano sem luz.
O germe ainda coberto pela casca
Despertou, como natureza una, - devido ao intenso calor.
.....
Quem sabe o segredo? Quem o proclamou aqui?
De onde veio, de onde veio - esta criação múltipla?
Os próprios Deuses só passaram a existir mais tarde -.
Quem sabe de onde surgiu, esta grande criação?
Aquilo, de onde veio esta grande criação,

¹²⁶ Aqui termina o Proêmio. (Nota do Tradutor)

1. Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a eterna origem ¹²⁹ havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.
2. O tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração.
3. A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-Hi para contê-la.
4. Os sete caminhos para a bem-aventurança não existiam. As grandes causas do sofrimento não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas.
5. Só a escuridão enchia o todo ilimitado, porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda e para a sua peregrinação por ela.
6. Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir, e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna, para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada.
7. As causas da existência haviam sido afastadas; o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser.
8. Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo olho aberto de Dangma.
9. Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo estava em Paramartha e a grande roda era Anupadaka?

ESTÂNCIA II

1. Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico? Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna dos Ah-Hi. Os que produzem a forma a partir da não-forma - a raiz do mundo - a Devamatri e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser.
2. Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som, nada exceto a incessante respiração eterna que não tem consciência de si mesma.
3. A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe; a Matripadma ainda não havia inchado.

¹²⁹ Em inglês, “eternal parent”. A palavra “parent” significa “pai, mãe, causa, matriz ou origem”. (Nota do Tradutor)

4.O coração dela ainda não se abriu para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro.

5.Os sete filhos ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão.

6.Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no pensamento Divino, e no seio Divino.

ESTÂNCIA III

1. A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.

2.A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira sobre as águas adormecidas da vida

3.A escuridão irradia a luz, e a luz lança um raio solitário na profundidade da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno, que se condensa no ovo do mundo.

4.Então o três cai no quatro. A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. O ovo luminoso, que é três em si mesmo, coagula e espalha, em coalhos ¹³⁰ brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida.

5.A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeaoohoo é um.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.

7.Observa, ó Lanu! O filho radiante dos dois, a glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, Filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes águas escuras. É Oeaoohoo, o mais jovem, o * * *. Ele brilha como o filho; é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria; O Um é Quatro, e o Quatro toma para si o Três ¹³¹, e a União produz o Sapta, no qual o sete se torna o Tridasa (ou as

¹³⁰ Coalhos ou coágulos. (Nota do Tradutor)

¹³¹ Na tradução do sânscrito para o inglês os números são dados em sânscrito transliterado, Eka, Chatur, etc., etc. Considerou-se melhor colocá-los aqui em inglês. (Nota de H. P. Blavatsky)

hostes e as multidões). Observa como ele ergue o véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos, e transforma o mais elevado num mar de fogo que não tem praias, e faz com que o único manifestado se transforme nas grandes águas.

8. Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro.

9. A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe.

10. O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao espírito - a luz da escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à matéria, o seu aspecto sombrio; e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat.

11. Ele se expande quando a respiração do fogo está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe o toca. Então os filhos se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do grande dia, e formando outra vez uma unidade com ela; quando ele está esfriando, ele se torna radiante, e os filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.

12. Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um deles é uma parte da rede. Refletindo, como espelhos, o “Senhor que Existe Por Si Mesmo”, cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.

ESTÂNCIA IV

1 Filhos da Terra, escutem vocês, aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número, saído do não-número.

2. Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais

3. Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez; o um do ovo, o seis, e o cinco. E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total. E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, os arupa, os rupa e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos pais sagrados dentro do quatro sagrado.

4. Este foi o exército da voz - a mãe divina dos sete. As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete. Estas “centelhas” são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oeahoo, que é:

5. “Escuridão”, o que não tem limite, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhavat: -

I. O Adi-Sanat, o número, porque ele é um.

II. A voz do Senhor Svabhavat, os números, porque ele é um e nove.

III. O “quadrado sem forma”.

E estes três, situados dentro do **O**, são o quatro sagrado; e os dez são o universo arupa. Neste ponto vêm os “filhos”, os sete lutadores, o um, o oitavo é deixado de fora, e a sua respiração, que é a produtora-da-luz.

6. E então o segundo grupo de sete, que são os *Lipikas*, produzidos pelos três. O filho rejeitado é um. Os Filhos-sóis são inúmeros.

ESTÂNCIA V

1. Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo.

2. Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade. O Dzyu se torna Fohat. O filho veloz dos filhos Divinos, cujos filhos serão os *Lipikas*, distribui mensagens circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro. Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo; ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo. Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas, e se une a elas.

3. Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes, e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.

4. Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa; um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os *Lipikas* na roda do meio. Eles dizem: Isto é bom, o primeiro mundo divino está pronto, o primeiro agora é o segundo. Então o “Divino Arupa” lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka, a primeira veste de Anupadaka.

5. Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados e seus exércitos.

6. Os *Lipikas* traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro, do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo. Este é o anel chamado “Não-Passem”, para aqueles que descem e que sobem. E também para aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia “Estejam-Conosco”. Assim foram formados o Rupa e o Arupa. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As rodas observam o anel

ESTÂNCIA VI

1. Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento - Kwan-Yin - a “tríplice” de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-yin-Tien, e tendo Fohat, a Respiração dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior, a forma ilusória de Sien-Tchang e os Sete Elementos: ¹³²

2. O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros Laya, contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia “Estejam-Conosco”, e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam Tsien-Tchan junto com os Germes dos Elementos.

3. Dos Sete - o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um Tsan revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte. Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra.

4. Ele as constrói à semelhança de rodas mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis.

Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria. Assim age Fohat desde um crepúsculo a outro, durante sete eternidades.

5. Na quarta vez, é dito aos filhos que criem suas imagens. Um terço se recusa a fazê-lo - dois terços obedecem.

¹³² O verso um da Estância VI é muito mais recente que as outras estâncias, embora ainda assim seja muito antigo. O texto antigo deste verso usa termos inteiramente desconhecidos para os Orientalistas e não seria compreensível de modo algum para o estudante. (Nota de H.P. Blavatsky)

A maldição é pronunciada; eles vão nascer na quarta, irão sofrer e causar sofrimento; esta é a primeira guerra.

6. As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima As ovas da mãe enchem o todo. Batalhas eram travadas entre os Criadores e os Destruidores, e batalhas eram travadas por causa do espaço; a velocidade aparecia e reaparecia continuamente.

7. Faz os teus cálculos, Lanu, se queres saber qual é a idade da tua pequena roda. O quarto raio dela é a nossa mãe. Chega até o quarto “Fruto” do quarto caminho de conhecimento que leva ao Nirvana, e então tu irás compreender, porque tu verás.

ESTÂNCIA VII

1. Observa o começo da vida sensível sem forma.

Primeiro o Divino, o um que surge da Mãe-Espírito; depois, o Espiritual; os três que surgem do um, os quatro do um, e os cinco, dos quais surgem os três, os cinco e os sete.

São eles que são tu, eu, e ele, ó Lanu. Eles cuidam de ti e da tua Mãe-Terra.

2. O raio uno multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo da forma. Através dos inúmeros raios surge o raio da vida, o um, assim como o fio que passa por muitas contas.

3. Quando o um se torna dois, aparece o tríplice, e os três são um; e este é o nosso fio, ó Lanu, o coração do homem-planta chamado Saptasarma.

4. É a raiz que nunca morre; a chama de três línguas, das quatro mechas. As mechas são as centelhas que atraem da chama de três línguas projetada pelos sete – a sua chama - os raios e centelhas de uma lua refletida nas águas correntes de todos os rios da Terra.

5. A centelha pende da chama pelo mais fino fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maya. Ela pára no primeiro, e é um metal e uma pedra; passa para o segundo e veja - uma planta; a planta atravessa sete mudanças e se torna um animal sagrado. Dos atributos combinados destes, é formado Manu, o pensador. Quem o forma? As sete vidas, e a vida una. Quem o completa? O Lha quántuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma.

6. Desde o primeiro a nascer, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna a cada mudança mais forte e radiante. A luz do sol da manhã se transformou na glória do meio-dia.

7. Esta é a tua roda atual, disse a Chama à Centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti, e tu és o meu Vahan até o dia “Estejam-

Conosco”, quando tu te tornarás outra vez eu mesma e outros, e serás tu mesma e eu. Então os construtores, tendo colocado sua primeira vestimenta, descem sobre a Terra radiante e reinam sobre os homens - que são eles próprios.

Assim termina esta parte da narrativa arcaica, obscura, confusa, quase incompreensível. Será feita agora uma tentativa de lançar luz sobre sua obscuridade, e mostrar o significado que há debaixo da sua aparente FALTA DE SENTIDO.

COMENTÁRIOS

SOBRE AS SETE ESTÂNCIAS E OS SEUS TERMOS, DE ACORDO COM SUA NUMERAÇÃO, EM ESTÂNCIAS E VERSOS.¹³³

ESTÂNCIA I

1. Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a Eterna Origem (o Espaço) havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.

O “Espaço Original” é a causa eterna, sempre presente, de tudo -; a causa da incompreensível DIVINDADE, cujas “vestes invisíveis” são a raiz mística de toda matéria, e também do Universo. O Espaço é *a única coisa eterna* que podemos imaginar com facilidade. É imóvel em seu caráter abstrato, e não é influenciado nem pela presença nem pela ausência em si de um Universo objetivo. Ele não tem dimensões, em todos os sentidos, e é autoexistente. O Espírito é a primeira diferenciação DAQUILO, da causa sem causa que dá origem tanto ao Espírito como à Matéria. Segundo ensina o Catecismo Oculto, o Espaço não é nem um vazio ilimitado nem uma plenitude condicionada, mas as duas coisas. Ele sempre existiu e sempre existirá. (Veja os primeiros parágrafos do Proêmio¹³⁴.)

¹³³ O leitor deve levar em conta o fato de que nos Comentários a transcrição das Estâncias não é necessariamente literal em relação à primeira vez em que elas são apresentadas na presente obra. Esta divergência pode ser incômoda para o leitor, mas torna mais visível um fato da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las, provavelmente porque o ensinamento oculto é multidimensional e não pode ser reduzido linear e uniformemente às palavras e expressões de um idioma convencional. (Nota do Tradutor)

¹³⁴ Página 2 e seguintes do Proêmio, na edição original em inglês (Theosophy Company). (Nota do Tradutor)

Assim, as “Vestes” significam o nùmeno da Matéria Còsmica indiferenciada. Não se trata da matéria como nós a conhecemos, mas da essência espiritual da matéria, que é co-eterna e existe em unidade com o Espaço no seu sentido abstrato. A matéria-raiz também é a origem das propriedades sutis invisíveis, presentes na matéria visível. Ela é a alma, digamos assim, do Espírito UNO e infinito. Os hindus a chamam de Mulaprakriti, e dizem que ela é a substância primordial, isto é, a base do Upadhi ou veículo de todo fenômeno, seja físico, mental ou psíquico.¹³⁵ Ela é a fonte de onde o Akasha se irradia.

(a) A expressão “sete eternidades” se refere a éons ou períodos. A palavra “eternidade”, tal como entendida na teologia cristã, não tem qualquer significado no contexto asiático, exceto quando significa a existência UNA. A ideia de uma eternidade ilimitada, ou de uma eternidade apenas no futuro, não passa de um equívoco.¹³⁶ Tais noções não existem nem poderiam existir na metafísica filosófica, e eram desconhecidas até o surgimento do cristianismo eclesiástico. As Sete Eternidades referidas são os sete períodos, ou um período passando durante sua duração por sete períodos de um Manvântara, e estendendo-se por todo um Maha-Kalpa ou “Grande Era” - 100 anos de Brahmâ - o que completa um total de 311.040.000.000.000 de anos. Cada ano de Brahmâ contém 360 “dias” e o mesmo número de “noites” de Brahmâ (períodos calculados pelo Chandrayana ou ano lunar), e cada “Dia de Brahmâ” consiste de 4.320.000.000 de anos mortais. Estas “Eternidades” são objeto dos cálculos mais secretos, nos quais, para chegar ao verdadeiro total, cada cifra deve ser 7^x (sete à potência x), sendo que x varia de acordo com a natureza do ciclo no mundo subjetivo ou no mundo real; e cada cifra ou número se relaciona com, ou representa, todos os diferentes ciclos, desde o maior até o menor - no mundo objetivo ou irreal - devendo ser necessariamente um múltiplo de sete. A chave disso não pode ser dada, porque nela está o mistério dos cálculos esotéricos, que, do ponto de vista dos cálculos convencionais, não faz sentido. “O número sete”, diz a Kabala, “é o grande número dos Mistérios Divinos”; o número dez é o do conhecimento humano total (a década pitagórica); o número 1.000 é o número dez à terceira potência, e portanto o número 7.000 é também simbólico. Na Doutrina Secreta o algarismo e o número 4 são o símbolo masculino só no plano mais alto de abstração; no plano da matéria o três é o masculino e o

¹³⁵ “Psíquico”; embora o termo seja usado de modo muito amplo por diferentes autores, em Blavatsky ele geralmente significa “relativo ao eu inferior, especialmente às funções sensitivas deste nível ilusório de consciência”. (Nota do Tradutor)

¹³⁶ O livro II, capítulo VIII do Vishnu Purana afirma: “Imortalidade significa existir até o final do Kalpa”; e Wilson, o tradutor, destaca em uma nota de pé de página: “Isto, de acordo com os Vedas, é o único significado da ideia de imortalidade (ou eternidade) dos deuses; eles perecem ao final da dissolução universal (ou Pralaya).” E a filosofia esotérica afirma: “Eles não ‘perecem’, mas são *reabsorvidos*.” (Nota de H.P. Blavatsky)

quatro o feminino; o vertical e o horizontal no quarto estágio do simbolismo, quando os símbolos se tornam símbolos dos poderes reprodutivos no plano físico.

ESTÂNCIA I - Continuação.

2.O Tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração. (a)

(a) O tempo é apenas uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos pela duração eterna. O tempo não existe onde não haja uma consciência em que a ilusão possa ser percebida; ele “fica adormecido”. O presente é apenas uma linha matemática que divide aquela parte da duração eterna que chamamos de futuro, daquela parte que chamamos de passado. Nada na terra tem real duração, porque nada permanece sem mudar. Nada permanece igual, nem sequer durante uma bilionésima parte de um segundo. A sensação que temos da realidade da divisão do “tempo” conhecido como presente surge do caráter vago daquele vislumbre momentâneo, ou daquela sucessão de vislumbres, de coisas que os nossos sentidos nos transmitem, à medida que as coisas da região de ideais que chamamos de futuro passam para a região de memórias, que chamamos de passado. Do mesmo modo, experimentamos a sensação de duração no caso de uma faísca elétrica instantânea, devido à impressão vaga e contínua na retina. A pessoa real ou coisa real não consiste apenas do que é visto em qualquer momento particular, mas é composta da soma de todas as suas condições variadas e mutáveis, desde a sua aparição na forma material até a sua desaparecimento da terra. São estas “somatotalis” que existem desde a eternidade no “futuro”, e passam gradualmente pela matéria, para existir na eternidade do “passado”. Ninguém poderia dizer que uma barra de metal jogada no mar começou a existir quando deixou o ar, e deixou de existir quando entrou na água; ou que a barra em si mesma consistia apenas daquela seção transversal que em determinado momento coincidiu com o plano matemático que separa, e ao mesmo tempo comunica, a atmosfera e o oceano. A mesma ideia é válida para pessoas e coisas que, enquanto se transferem daquilo que existe para aquilo que existiu, e do futuro para o passado, apresentam momentaneamente aos nossos sentidos de certo modo uma seção transversal dos seus seres totais, à medida que passam pelo tempo e pelo espaço (como matéria) no seu caminho desde uma eternidade para a outra. Estas duas eternidades constituem a “duração”, a única instância em que qualquer coisa tem real existência, e nós saberíamos disso, se os nossos sentidos pudessem perceber o processo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

3. A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-hi (seres celestiais) para contê-la (e portanto para manifestá-la). (a)

(a) *Mente* é um nome dado à soma dos estados de Consciência agrupados em torno das noções de Pensamento, Vontade e Sentimento. Durante o sono profundo, a ideação cessa no plano físico, e a memória está em suspensão temporária. Assim,

durante algum tempo “a mente não existe”, porque o órgão através do qual o Eu Superior ¹³⁷ manifesta ideação e memória no plano material deixou temporariamente de funcionar. Um númeno só pode tornar-se um fenômeno, em qualquer plano de existência, manifestando-se naquele plano através de uma base ou veículo apropriado. Durante a longa noite de descanso que é chamada de Pralaya, quando todas as existências são dissolvidas, a “MENTE UNIVERSAL” continua sendo uma possibilidade permanente de ação mental, ou ela permanece como aquele pensamento abstrato e absoluto do qual a mente é a manifestação concreta e relativa. Os Ah-Hi (Dhyan-Chohans) são as hostes coletivas de seres espirituais - as Hostes Angélicas do cristianismo, os Elohim e “Mensageiros” dos judeus -, e constituem o veículo da manifestação do pensamento e da vontade divinos ou universais. Eles são as Forças Inteligentes que dão à Natureza e aplicam nela as suas “leis”, enquanto eles próprios atuam de acordo com leis impostas a eles de modo similar por Poderes ainda mais altos; mas eles não são “personificações” dos poderes da Natureza, como alguns pensam erradamente. Esta hierarquia de Seres espirituais, através da qual a Mente Universal entra em ação, é como um exército - uma “Hoste”, verdadeiramente - através da qual o poder de luta de uma nação se manifesta, e que é composta do corpo do exército, de divisões, brigadas, regimentos, e assim sucessivamente, cada um com sua individualidade ou vida separada, e a sua limitada liberdade de ação e suas responsabilidades delimitadas; cada um fazendo parte de uma individualidade maior, à qual os seus próprios interesses estão subordinados, e cada um contendo individualidades menores em si mesmo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

4. Os sete caminhos para a bem-aventurança (Moksha ¹³⁸ ou Nirvana) não existiam (a). As grandes causas do sofrimento (Nidana ¹³⁹ e Maya) não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas (b).

(a) Há sete “Caminhos” ou “modos de chegar” até a bem-aventurança da Não-Existência, que é o absoluto Ser, a absoluta Existência e a absoluta Consciência. Eles não existiam, porque o Universo estava, ainda vazio, e existia apenas no Pensamento Divino. Porque é

¹³⁷ Eu Superior; “Ego” no original em inglês; *verdadeiro eu*, por oposição ao eu inferior e ilusório. (Nota do Tradutor)

¹³⁸ Nippang na China; Neibban na Birmânia (Mianmar); ou Moksha na Índia. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹³⁹ Os “12” Nidanas (em tibetano, Ten-brel Chu-nyi), principal causa da existência, são efeitos causados por uma concatenação de causas produzidas (ver Comentário II). (Nota de H.P. Blavatsky)

(b) Os doze Nidanas ou causas da existência. Cada um deles é o efeito da sua causa anterior, e é uma causa, também, do seu sucessor; a soma total dos Nidanas está baseada nas quatro verdades, uma doutrina especialmente característica do Sistema Hinayana.¹⁴⁰ Eles pertencem à teoria da corrente da lei concatenada que produz mérito e demérito, e finalmente coloca o Carma em completo funcionamento. Estão baseados na grande verdade de que a reencarnação deve ser temida, já que a encarnação neste mundo apenas deixa como legado para o homem mais sofrimento, dor e miséria; nem a própria Morte é capaz de libertar o homem do sofrimento, já que a morte é apenas a porta através da qual ele passa para outra vida na terra depois de um pequeno descanso no seu limiar - o Devachan. O Sistema Hinayana, ou Escola do “Pequeno Veículo”, é de origem muito antiga; enquanto o Mahayana pertence a um período posterior, tendo surgido após a morte do Buddha. No entanto os princípios deste último são tão velhos quanto as montanhas que abrigam estas escolas desde tempos imemoriais, e as escolas Hinayana e Mahayana (esta última, o “Grande Veículo”) ensinam ambas a mesma doutrina, na realidade. *Yana*, ou Veículo (em sânscrito, *Vahan*) é uma expressão mística. Os dois “veículos” ensinam que o homem pode escapar do sofrimento das reencarnações e mesmo da falsa bem-aventurança do Devachan, obtendo a Sabedoria e o Conhecimento que são indispensáveis para afastar os frutos da Ilusão e da Ignorância.

Maya ou Ilusão é um elemento que faz parte de todas as coisas finitas, porque tudo o que existe só tem uma realidade relativa, e não absoluta. A aparência que o número oculto assume para o observador depende do poder de cognição que ele possui. Para o olhar destreinado do selvagem, uma pintura é a princípio uma confusão sem significado combinando linhas e borrões de cores, enquanto um olhar educado vê instantaneamente um rosto ou uma paisagem. Nada é permanente exceto a existência una, oculta e absoluta, que contém em si mesma os números de todas as realidades. As existências que pertencem a cada plano do ser, até os mais elevados Dhyanchohans, são, conforme o grau, da mesma natureza que as sombras lançadas por uma lanterna mágica sobre uma tela sem cor; mas todas as coisas são relativamente reais, porque o conhecedor também é um reflexo, e as coisas conhecidas são, portanto, tão reais para ele como ele próprio é. A realidade que as coisas possuem, seja ela qual for, deve ser procurada nas coisas antes ou depois que elas tenham passado como um raio pelo mundo material, mas nós não podemos conhecer este tipo de existência diretamente, enquanto tivermos instrumentos sensoriais que trazem apenas a existência material para o campo da nossa consciência. Seja qual for o plano em que a nossa consciência possa estar atuando, tanto nós como as coisas que pertencem àquele plano são, de momento, nossas únicas realidades. À medida que nos erguemos na escala do desenvolvimento, percebemos que durante os estágios pelos quais já passamos nós confundimos sombras com realidades, e o progresso para o alto feito pelo eu superior consiste em uma série de despertamentos sucessivos. Cada avanço traz consigo a ideia de que agora, finalmente, alcançamos a “realidade”; mas só quando tivermos chegado à Consciência absoluta, e tivermos

¹⁴⁰ Veja Wassilief sobre Budismo, pp. 97-950. (Nota de H.P. Blavatsky)

unido a nossa própria consciência com ela, é que estaremos livres das ilusões produzidas por Maya.

ESTÂNCIA I - Continuação.

5. Só a escuridão enchia o todo ilimitado (a), porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda ¹⁴¹ e para a sua peregrinação por ela (b).

(a) “A escuridão é Pai-Mãe; a luz é o filho”, diz um velho provérbio oriental. A luz é inconcebível exceto como algo que vem de alguma fonte que é sua causa. A fonte é desconhecida, como no caso da luz primordial, embora sua existência seja fortemente exigida pela razão e pela lógica. Assim, ela deve ser chamada por nós de “Escurecimento”, desde um ponto de vista intelectual. Quanto à luz emprestada ou secundária, seja qual for a sua fonte, ela só pode ter um caráter temporário e mayáxico. A escuridão, portanto, é a matriz eterna na qual as fontes de luz aparecem e desaparecem. Nada se acrescenta à escuridão para transformá-la em luz, ou à luz para transformá-la em escuridão, nesse nosso plano. Elas são intercambiáveis, e cientificamente a luz é apenas uma forma de escuridão e vice-versa. No entanto ambas são fenômenos do mesmo número - que é absoluta escuridão do ponto de vista da mente científica, e apenas um crepúsculo cor de cinza para a percepção do místico comum, embora seja absoluta luz para a visão espiritual do Iniciado. O grau de percepção da luz que brilha na escuridão depende da nossa capacidade de enxergar. O que é luz para nós constitui escuridão para alguns insetos, e a visão do clarividente percebe iluminação onde a visão normal só enxerga o preto. Quando todo o universo estava mergulhado no sono - depois de retornar ao seu elemento primordial único - não havia um centro de luminosidade, e a visão não percebia luz, e a escuridão preenchia necessariamente o todo ilimitado.

(b) O Pai-Mãe reúne o princípio masculino e o princípio feminino na raiz-da-natureza. São os pólos opostos que se manifestam em todas as coisas em cada plano do Cosmo; ou Espírito e Substância, em um aspecto menos alegórico. Deles resulta o Universo, ou o Filho. Eles são “outra vez Um” quando, durante a “Noite de Brahmâ”, no Pralaya, todo o Universo objetivo voltou à sua causa primordial e eterna, para reaparecer no Alvorecer seguinte, como faz periodicamente. “Karana” - a causa eterna - estava sozinha. Para colocar o fato de modo mais claro: Karana fica sozinha durante as “Noites de Brahmâ”. O Universo objetivo anterior dissolveu-se na sua causa única, primordial e eterna, e é, de certo modo, mantido em dissolução

¹⁴¹ A expressão “roda” simboliza um mundo ou globo, o que mostra que os antigos estavam conscientes de que nossa Terra é um globo que gira, e não, como alguns Padres Cristãos ensinavam, um quadrado imóvel. A “Grande Roda” é a duração do nosso Ciclo de existência, ou Maha Kalpa, isto é, a revolução completa da nossa cadeia especial de sete planetas ou Esferas desde o início até o final; as “Pequenas Rodas” significam as Rondas, também em número de sete. (Nota de H.P. Blavatsky)

no espaço, para diferenciar-se novamente e cristalizar-se outra vez no alvorecer do Manvântara seguinte, que é o começo de um novo “Dia” ou nova atividade de Brahmâ - o símbolo do Universo. Em linguagem esotérica, Brahmâ é ao mesmo tempo Pai-Mãe-Filho, ou Espírito, Alma e Corpo; cada personagem simboliza um atributo, e cada atributo ou qualidade é um fluxo gradual da Respiração Divina em sua diferenciação cíclica, de involução e de evolução. No sentido cósmico-físico, Brahmâ é o Universo, a cadeia planetária e a terra; no sentido puramente espiritual, ele é a Divindade Desconhecida, o Espírito Planetário, e o Homem, o Filho dos dois, a criatura que surge do Espírito e da Matéria, uma manifestação deles nas periódicas aparições do homem na Terra durante as “rodas”, ou Manvântaras. (Veja a Parte II do Volume I, parágrafo VII, “Dias e Noites de Brahmâ”.)¹⁴²

ESTÂNCIA I - Continuação.

6. Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir (a), e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna (b) (perfeição absoluta, Paranirvana, o que é Yong-Grüb) para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada. (c)

(a) Os sete senhores sublimes são os Sete Espíritos Criativos, os Dhyan-Chohans, que correspondem aos Elohim hebreus. Esta é a mesma hierarquia de Arcanjos à qual São Miguel, São Gabriel e outros pertencem na teogonia cristã. A diferença é que enquanto São Miguel, por exemplo, tem permissão na teologia dogmática latina para zelar por todos os promontórios e golfos, no Sistema Esotérico, os Dhyanis zelam sucessivamente por cada uma das Rondas e das grandes raças-raízes da nossa cadeia planetária. Considera-se, além disso, que eles mandam os seus Bhodisatvas, os equivalentes humanos dos Dhyani-Buddhas (sobre os quais leia mais adiante), a cada Ronda e cada Raça. Das Sete Verdades e Revelações, ou melhor, sete segredos revelados, só quatro foram transmitidos a nós, porque estamos ainda na Quarta Ronda, e o mundo também só teve quatro Buddhas, até agora. Esta é uma questão bastante complicada, e será tratada de modo mais amplo, mais adiante.

Até agora “Há apenas Quatro Verdades, e Quatro Vedas” dizem os Hindus e os Budistas. Por uma razão similar, Irineu insistiu na necessidade dos Quatro Evangelhos. Mas como cada nova raça-raiz na direção de uma Ronda deve ter a sua revelação e os seus reveladores, a próxima Ronda trará a Quinta, a seguinte trará a Sexta, e assim sucessivamente.

(b) “*Paranishpanna*” é a perfeição absoluta que todas as existências alcançam na conclusão de um grande período de atividade, ou Maha-Manvântara, e na qual elas descansam durante o período de repouso que lhe sucede. Em tibetano, seu nome é Yong-Grüb. Até a época da escola Yogacharya, a verdadeira natureza do Paranirvana era ensinada publicamente; mas desde então este ensinamento se tornou

¹⁴² Páginas 368-378 da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

inteiramente esotérico, e por isso há tantas interpretações contraditórias sobre ele. Só um verdadeiro Idealista pode entendê-lo. Tudo é visto como ideal, exceto Paranirvana, por aquele que é capaz de compreender este estado e adquirir um conhecimento de como o Não-Eu, o Vazio, e a Escuridão são Três em Um, e como só eles são autoexistentes e perfeitos. Ele é absoluto, no entanto, só num sentido relativo, porque ele deve dar lugar para uma perfeição absoluta ainda maior, de acordo com um padrão mais elevado de excelência no período seguinte de atividade - exatamente como uma flor deve deixar de ser uma flor perfeita e morrer, para transformar-se em um perfeito fruto - se pudermos usar uma expressão com certo tom irlandês.

A Doutrina Secreta ensina que há um desenvolvimento progressivo de tudo, inclusive mundos e átomos; e não é possível conceber o começo nem imaginar o final deste desenvolvimento estupendo. O nosso “Universo” é apenas um, entre um número infinito de Universos, todos eles “Filhos da Necessidade”, porque são elos na grande cadeia Cósmica de Universos, cada um situado como um efeito na relação com o seu antecessor, e sendo uma causa em relação ao seu sucessor.

A aparição e a desapareção do Universo são descritas como uma expiração e uma inspiração da “Grande Respiração”, que é eterna, e que, sendo um Movimento, é um dos três aspectos do Absoluto -; os outros dois são o Espaço Abstrato e a Duração. Quando a “Grande Respiração” é projetada, ela é chamada de Respiração Divina, e é vista como a respiração da Deidade Incognoscível - a Existência Una -, que, de certo modo, expelle um pensamento que se transforma no Cosmos. (Veja “Ísis Sem Véu”.) Assim também ocorre quando a Respiração Divina é inspirada outra vez e o Universo desaparece no seio da “Grande Mãe”, que, então, dorme “envolvida em suas vestes invisíveis”.

(c) “Aquilo que existe e no entanto não existe” é a própria Grande Respiração, da qual só podemos dizer que é a existência absoluta, mas que não podemos representar em nossa imaginação como nenhuma forma de existência que possamos distinguir da não-existência. Os três períodos - o Presente, o Passado e o Futuro - são em filosofia esotérica um tempo composto. Os três são um número composto apenas em relação ao plano dos fenômenos, mas isso não tem validade abstrata no reino dos númenos. Como dizem as Escrituras: “O tempo Passado é o tempo Presente, e também é o Futuro, que, embora ainda não tenha começado a existir, ainda assim existe”. Este é um preceito dos ensinamentos Prasanga Madhyamika, cujas doutrinas têm sido conhecidas desde que deixaram de pertencer exclusivamente às escolas esotéricas.¹⁴³ Em resumo, nossas ideias sobre o tempo e a duração derivam todas das nossas sensações, de acordo com as leis da Associação. Inevitavelmente ligadas à relatividade do conhecimento humano, estas ideias não podem existir

¹⁴³ Veja “Mani Kumbum”, o “Livro dos 10.000 Preceitos” (“Book of 10,000 Precepts”), Dzungarian. Consulte também “Der Buddhismus”, de Wassilief, pp. 327 e 357, etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

exceto na experiência do eu individual, e morrem quando a sua marcha evolutiva elimina o Maya da existência no plano dos fenômenos. O que é o Tempo, por exemplo, exceto a sucessão panorâmica dos nossos estados de consciência? Nas palavras de um Mestre, “Sinto-me até irritado ao ter que usar essas três palavras desajeitadas, passado, presente e futuro! Como conceitos miseravelmente estreitos de fases objetivas do Todo Subjetivo, elas são tão inadequadas nesse sentido quanto seria usar um machado para fazer um trabalho delicado de escultura.”¹⁴⁴ O estudante deve adquirir *Paramartha* para que não seja vítima fácil de *Samvriti* -; este é um axioma filosófico.¹⁴⁵

ESTÂNCIA I - Continuação.

7.As causas da existência haviam sido afastadas (a); o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser (b).

(a) “As causas da existência” são não só as causas físicas conhecidas pela ciência, mas as causas metafísicas, a principal das quais é o desejo de existir, resultado de Nidana e de Maya. Este desejo de uma vida sensível se mostra em tudo, desde um átomo até um sol, e é um reflexo do Pensamento Divino empurrado para a existência objetiva e transformado em uma Lei segundo a qual o Universo deve existir. De acordo com o ensinamento esotérico, a causa real deste suposto desejo, e de toda existência, permanece eternamente oculta, e as suas primeiras emanções são as mais completas abstrações que a mente pode conceber. Estas abstrações devem necessariamente ser postuladas como a causa do Universo material que se apresenta diante dos sentidos e do intelecto; e elas são subjacentes aos poderes secundários e subordinados da Natureza, os quais, uma vez antropomorfizados, têm sido adorados como Deus e como deuses pela massa popular de cada era. É impossível conceber qualquer coisa sem uma causa; a tentativa de fazer isso leva a mente a um vazio. Esta é, virtualmente, a condição à qual a mente deve chegar finalmente quando tentamos investigar a cadeia de causas e efeitos, mas tanto a ciência como a religião saltam a esta condição de vazio muito mais rapidamente do que é necessário, porque elas ignoram as abstrações metafísicas que constituem a única causa concebível das concretizações físicas. Estas abstrações se tornam cada vez mais concretas à medida que elas se aproximam do nosso plano de existência, até que finalmente se fenomenalizam na forma do Universo material, por um processo de conversão de

¹⁴⁴ Estas palavras do Mestre fazem parte de uma Carta que mais tarde foi publicada na íntegra. Trata-se da Carta 15 no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, 2001; ver p. 97. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁵ Em outras palavras: “É necessário adquirir uma verdadeira Autoconsciência para compreender *Samvriti*, ou ‘a origem da ilusão’.” *Paramartha* é sinônimo do termo sânscrito *Svasam-vedana*, ou “o reflexo que analisa a si mesmo”. Na interpretação do significado de “*Paramartha*”, há uma diferença entre os Yoga-charyas e os Madhyamikas, nenhum dos quais, no entanto, explica o sentido esotérico real e verdadeiro da expressão. Veja mais adiante o comentário do verso 9. (Nota de H.P. Blavatsky)

metafísica em física que é análogo ao modo pelo qual o vapor pode ser condensado na forma de água, e a água, transformar-se em gelo.

(b) A ideia de um Eterno Não-Ser que é o Único Ser parece um paradoxo para quem não lembra que nós limitamos nossas ideias sobre ser à nossa consciência atual da existência, e que tornamos este termo específico, ao invés de geral. Do mesmo modo, uma criança não-nascida, se pudesse pensar conforme a nossa aceção do termo, necessariamente limitaria a sua concepção de ser à vida intra-uterina, a única vida que conhece; e se a criança tentasse expressar para sua consciência a ideia de vida após o nascimento (que para ela seria a morte), ela, na ausência de dados confiáveis e de faculdades perceptivas para compreender tais dados, provavelmente iria descrever aquela vida como “Não-Ser que é Verdadeiro Ser”. No nosso caso, o Único Ser é o númeno de todos os númenos que nós sabemos que devem subjazer aos fenômenos e dar a eles qualquer sombra de realidade que eles tenham, mas que não podemos perceber atualmente porque não temos o intelecto nem os sentidos necessários para isso. Os impalpáveis átomos de ouro espalhados pela substância de uma tonelada de quartzo aurífero podem ser imperceptíveis para o olho nu do mineiro, mas ele sabe não só que eles estão lá, mas também que só eles dão ao seu quartzo qualquer valor significativo; e esta relação do ouro com o quartzo pode refletir palidamente a relação do númeno com o fenômeno. Mas o mineiro sabe que aparência o ouro terá quando tiver sido extraído do quartzo, enquanto que o mortal comum não pode ter qualquer concepção da realidade das coisas separadas da Maya que as encobre e na qual elas estão ocultas. Só o Iniciado, rico em conhecimento adquirido pelas inúmeras gerações dos seus predecessores, dirige o “Olho de Dangma”¹⁴⁶ para a essência das coisas, na qual nenhuma Maya pode ter qualquer influência. É aqui que os ensinamentos da filosofia esotérica em relação aos Nidanas e às Quatro Verdades adquirem a maior importância; mas eles são secretos.

ESTÂNCIA I - Continuação.

8. Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos (a); e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo “olho aberto”¹⁴⁷ de Dangma (b).¹⁴⁸

¹⁴⁶ Olho de Dangma; a visão de um Iniciado e Mahatma, que obteve completa sabedoria. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁷ Na Índia esta visão é chamada de “Olho de Shiva”, mas, além da grande cordilheira, ela é chamada, na fraseologia esotérica, de “olho aberto de Dangma”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁸ A palavra “Dangma” significa “uma alma purificada”, alguém que se tornou um Jivanmukta, o mais alto adepto, ou melhor, um Mahatma. O seu “olho aberto” é o olho

(a) A tendência do pensamento moderno é recorrer à ideia arcaica de uma base homogênea para coisas aparentemente muito diferentes - heterogeneidade desenvolvida a partir de homogeneidade. Biólogos estão agora pesquisando sobre um protoplasma homogêneo deles, e os químicos estão procurando pelo seu protílo¹⁴⁹, enquanto a ciência busca pela força da qual a eletricidade, o magnetismo, o calor, etc., são diferenciações. A Doutrina Secreta leva esta ideia para a região da metafísica e postula uma “Forma Única de Existência” que é a base e a fonte de todas as coisas. Mas talvez a expressão “Forma Única de Existência” não seja completamente correta. A palavra sânscrita é Prabhavapyaya, “o lugar, ou melhor, o plano, de onde emerge a originação, e no qual todas as coisas se dissolvem”, diz um comentador. Não é a “Mãe do Mundo”, tal como traduzido por Wilson (veja o Livro I do *Vishnu Purana*); porque Jagad Yoni (como demonstrado por Fitz Edward Hall) dificilmente pode ser “a Mãe do Mundo” ou “o Útero do Mundo”, na mesma medida em que é “a Causa Material do Universo”. Os comentadores dos Puranas explicam a ideia como Karana - “Causa” - mas a filosofia esotérica prefere dizer “o espírito ideal daquela causa”. No seu segundo estágio, o espírito ideal da causa é o Svabhavat do filósofo budista, a eterna causa-efeito, onipresente e no entanto abstrata, a Essência plástica autoexistente e raiz de todas as coisas, vista desde o mesmo ponto de vista dual com que o Vedantino vê Parabrahm e Mulaprakriti, dois aspectos de algo que é um. Parece realmente extraordinário encontrar grandes eruditos especulando sobre a possibilidade de que o Vedanta, e especialmente o Uttara-Mimansa, tenham sido “evocados pelos ensinamentos dos budistas”, enquanto que na verdade, ao contrário, é o budismo (de Gautama, o Buddha) que foi “evocado” e erguido inteiramente sobre a base dos princípios da Doutrina Secreta, dos quais tenta-se fazer um esquema parcial na presente obra, e sobre os quais também os Upanixades estão baseados.¹⁵⁰ O fato acima é inegável, segundo os ensinamentos de Sri Shankaracharia.¹⁵¹

interno espiritual do vidente, e a faculdade que se manifesta através dele não é a clarividência tal como se entende comumente, isto é, o poder de ver a distância, mas sim a intuição espiritual, através da qual se obtém um conhecimento direto e seguro. Esta faculdade está intimamente conectada com o “terceiro olho”, que a tradição mitológica atribui a certas raças humanas. Explicações mais completas podem ser encontradas no volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁹ Protílo; “Protyle” no original em inglês. Do grego “protos”, primeiro, e “yle”, matéria. Matéria primordial. Ver o Glossário de H. P. Blavatsky. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁰ E no entanto alguém *que pretende ter autoridade*, Sir Monier Williams, Professor Boden de Sânscrito em Oxford, recentemente negou este fato. Isso é o que ele ensinou à sua audiência, dia 4 de junho de 1888, na sua palestra anual diante do *Victoria Institute* da Grã-Bretanha; “Originalmente, o budismo voltou-se contra todo ascetismo solitário . . . para obter níveis sublimes de conhecimento. Ele *não tinha sistema oculto ou esotérico* de doutrina . . . mantido à parte dos homens comuns” (!!) E, novamente: “. . . Quando Gautama Buddha começou sua carreira, a forma *mais recente e mais inferior* de Yoga parece que era pouco conhecida.” E mais adiante, contradizendo a si mesmo, o erudito palestrante informou sua audiência de que “Ficamos sabendo através do *Lalita-Vistâra* que várias formas de tortura corporal, automaceração e austeridade eram comuns na época de

(b) O sono sem sonhos é um dos sete estados de consciência conhecidos no esoterismo oriental. Em cada um destes estados entra em ação uma parte diferente da mente; ou, como um Vedantino diria, o indivíduo é consciente em um plano diferente do seu ser. A expressão “sono sem sonhos” neste caso é aplicada alegoricamente ao Universo para simbolizar uma situação de certo modo análoga àquele estado de consciência no ser humano, o qual, não sendo lembrado durante o estado de vigília, parece um intervalo em branco, assim como o sono do sujeito mesmerizado parece para ele um período em branco e inconsciente quando ele volta à sua condição normal, embora ele tenha estado falando e atuando como faria um indivíduo consciente.

ESTÂNCIA I - Continuação.

9. Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo (a alma como base de tudo, Anima Mundi) estava em Paramartha (a) (Ser e Consciência Absolutos, que são também Não-Ser e Inconsciência Absolutos) e a grande roda era Anupadaka (b) ?

(a) Temos diante de nós aqui o tema de séculos de disputas escolásticas. Os dois termos “Alaya” e “Paramartha” têm provocado mais divisão entre escolas e fragmentação da verdade do que quaisquer outros termos místicos. Alaya é literalmente a “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ou “Alma-Superior”¹⁵² de Emerson, e de acordo com o ensinamento esotérico ela muda periodicamente sua natureza. Alaya, embora eterna e imutável em sua essência interior e nos planos que são inalcançáveis tanto por seres humanos como por Deuses Cósmicos (Dhyani Buddhas), se altera durante o período de vida ativa em relação aos planos inferiores, inclusive o nosso. Durante aquele tempo não só os Dhyani-Buddhas estão em completa unidade com Alaya, na Alma e na Essência, mas até mesmo o homem que é forte em Ioga (meditação mística) “é capaz de unir sua alma” com Alaya (Aryasanga, escola *Bumapa*). Isso não é Nirvana, mas é uma condição próxima ao

Gautama.” (!! Mas o palestrante parece ignorar completamente o fato de que este tipo de tortura e automaceração é precisamente a forma *inferior* de Yoga, *Hatha Yoga*, que era “pouco conhecida” e no entanto tão “*comum*” na época de Gautama. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵¹ É argumentado até mesmo que todas as Seis Darshanas (Escolas de filosofia) mostram traços de influência budista, tendo sido tiradas do budismo ou devido à influência dos ensinamentos gregos. (Ver Weber, Max Müller, etc.) Nós temos a impressão de que Colebrooke, “a mais alta autoridade” em tais questões, tinha esclarecido este ponto há muito tempo ao mostrar que “os Hindus foram neste caso os professores, não os alunos”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵² Alma-Superior; “Over-Soul” no original em inglês. (Nota do Tradutor)

Nirvana. Daí a discordância. Os Yogacharyas (da escola Mahayana) dizem que Alaya é a personificação do Vazio, e que, no entanto, Alaya (*Nyingpo* e *Tsang* em tibetano) também é a base de todo objeto visível ou invisível. Afirmam que, embora seja eterna e imutável em sua essência, ela se reflete em cada objeto do Universo “como a Lua em águas claras e tranquilas”. Mas outras escolas questionam a afirmação. O mesmo ocorre em relação a Paramartha. Os Yogacharyas interpretam Paramartha como aquilo que também é dependente de outras coisas (*paratantra*); e os Madhyamikas dizem que Paramartha está limitada a Paranishpanna ou perfeição absoluta; isto é, na exposição destas “duas verdades” (de um total de quatro), os Yogacharyas acreditam e sustentam que (neste plano, pelo menos) existe apenas um Samvritisatya ou verdade relativa; e os Madhyamikas ensinam que existe Paramarthasatya, a “verdade absoluta”.¹⁵³ “Nenhum Arhat, oh mendicantes, pode chegar ao conhecimento absoluto antes de alcançar a unidade com Paranirvana. *Parikalpita* e *Paratantra* são os seus dois grandes inimigos.” (Aforismos dos Bodhisatvas). *Parikalpita* (em tibetano, *Kun-ttag*) significa o erro cometido por quem é incapaz de compreender o caráter vazio e ilusório de todas as coisas; por aquele que acredita na existência de algo que não existe - por exemplo, o Não-Eu. E *Paratantra* é tudo aquilo que só existe através de uma conexão dependente ou causal, e que deve desaparecer tão logo a causa da qual surgiu é removida - por exemplo, a luz do pavio de um lampião. Destrua o pavio, e a luz desaparece.

A filosofia esotérica ensina que tudo vive e é consciente, mas não diz que toda vida e consciência são semelhantes às do ser humano, ou mesmo às dos seres animais. Vemos a vida como “a única forma de existência”, que se manifesta no que é chamado de matéria; ou, como no caso do ser humano, vida é o que nós chamamos - errando ao separar estes elementos - de Espírito, Alma e Matéria. A matéria é o veículo da manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo, em um plano mais alto, para a manifestação do espírito. Estes três formam uma trindade sintetizada pela Vida que permeia a todos eles. A ideia de vida universal é uma daquelas concepções antigas que retornam à mente humana neste século¹⁵⁴, como consequência da sua libertação da teologia antropomórfica. É verdade que a ciência se contenta com identificar ou postular os sinais da vida universal, e ainda não teve a coragem suficiente nem mesmo para sussurrar as palavras “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ! A ideia de uma “vida dos cristais”, agora algo familiar para a ciência, teria sido motivo de zombaria meio século atrás. Os botânicos estão agora procurando pelos nervos das plantas; não porque eles pensem que as plantas possam sentir ou pensar como os animais, mas porque acreditam que a existência de alguma

¹⁵³ “Paramartha” é autoconsciência em sânscrito; Svasamvedana, ou “reflexo que analisa a si mesmo”. O termo é formado por duas palavras, “parama” (acima de tudo) e “artha” (compreensão). Satya significa ser absoluto e verdadeiro, ou *Esse*. Em tibetano, Paramarthasatya é Dondampaidenpa. O oposto dessa realidade absoluta, ou realidade última, é Samvritisatya - a verdade apenas relativa. “Samvriti” significa “falsa concepção”, e é a origem do termo “ilusão”, Maya: em tibetano, Kundzabchi-denpa, “aparência criadora de ilusão”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁴ Neste século; isto é, no século 19. (Nota do Tradutor)

estrutura na vida da planta que possua uma correspondência com os nervos na vida dos animais é necessária para explicar o crescimento e a nutrição dos vegetais. É improvável que a ciência consiga negar para si própria por muito mais tempo - usando apenas termos como “força” e “energia” - o fato de que as coisas que possuem vida são coisas vivas, sejam elas átomos ou planetas.

O leitor pode perguntar: “Mas o que pensam as Escolas esotéricas internas? Quais são as doutrinas ensinadas sobre este assunto pelos ‘budistas’ esotéricos?” Para eles, “Alaya” tem um significado duplo e mesmo tríplice. No sistema Yogacharya da escola contemplativa Mahayana, Alaya é tanto a Alma Universal (Anima Mundi) como o eu superior de um Adepto avançado. “Aquele que é forte no Yoga pode viver quando quiser a sua Alaya através da meditação na verdadeira natureza da existência.” A “Alaya tem uma existência eterna absoluta”, diz Aryasanga, o rival de Nagarjuna ¹⁵⁵. Em um sentido, Alaya é *Pradhana*, que o Vishnu Purana explica do seguinte modo: “aquilo que é a causa não exteriorizada é enfaticamente chamado pelos sábios mais eminentes de Pradhana, a base original que constitui Prakriti sutil, isto é, aquilo que é eterno e que ao mesmo tempo é (ou abrange) o que existe e o que não existe, ou é um mero processo.” No entanto, “Prakriti” é uma palavra incorreta, e Alaya seria uma palavra melhor, porque Prakriti não é o “incognoscível Brahma”. ¹⁵⁶ Ensinar que a Anima Mundi, a Vida Una ou “Alma Universal” foi mencionada pela primeira vez por Anaxágoras, ou durante a época dele, é um erro daqueles que nada sabem da Universalidade das doutrinas Ocultas desde o próprio berço das raças humanas, e especialmente dos eruditos que rejeitam a ideia de uma “revelação primordial”. Anaxágoras trouxe o ensinamento simplesmente para opor-se às concepções excessivamente materialistas de Demócrito sobre Cosmogonia, baseadas em sua teoria exotérica sobre átomos orientados *cegamente*. Anaxágoras de Clazômene não foi o inventor da ideia, mas apenas um propagador, como Platão também foi. Aquilo que ele chama de Inteligência do Mundo, o *nous* (νοῦς), o princípio que segundo o seu ponto de vista está absolutamente separado e livre da matéria e age deliberadamente ¹⁵⁷, era chamado de Movimento, de VIDA UNA, ou *Jivatma*, na Índia, já eras antes do ano 500 AEC. No entanto, os filósofos ários nunca atribuíram a este princípio, que consideravam infinito, a função finita de “pensar”.

¹⁵⁵ Aryasanga foi um Adepto pré-cristão e fundou uma escola esotérica budista, embora Csoma di Koros prefira colocá-lo no século sete da era cristã. Há outro Aryasanga, que viveu durante os primeiros séculos da nossa era, e o erudito húngaro provavelmente confunde os dois. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁶ “A causa íntegra que é uniforme, e que é tanto causa como efeito, e que aqueles que conhecem os princípios básicos chamam de Pradhana e de Prakriti, é o incognoscível Brahma que existia antes de tudo” (Vayu Purana). Isto é, Brahma não provoca a evolução ele próprio, nem cria, mas apenas mostra diversos aspectos de si mesmo, um dos quais é Prakriti, um aspecto de Pradhana. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁷ Isto é, com autoconsciência finita. Porque, como poderia o *absoluto* fazer uma ação deliberada exceto através de um dos seus *aspectos*, o mais alto dos quais, segundo nós conhecemos, é a consciência humana? (Nota de H. P. Blavatsky)

Isso leva o leitor naturalmente ao “Espírito Supremo” de Hegel e dos transcendentalistas alemães, formando um contraste que vale a pena assinalar. As escolas de Schelling e Fichte afastaram-se bastante da concepção antiga e primitiva de um princípio ABSOLUTO, e refletiram apenas um aspecto da ideia básica do Vedanta. Mesmo o “Geist Mais Absoluto” emitido por von Hartman ¹⁵⁸ em sua filosofia pessimista do Inconsciente, embora seja, talvez, a melhor aproximação especulativa feita por um europeu na direção das doutrinas hindus Advaitas, também fica aquém da verdade.

De acordo com Hegel, o “Inconsciente” nunca teria empreendido a tarefa vasta e laboriosa de exteriorizar o Universo se não fosse a esperança de alcançar uma clara autoconsciência. Em relação a isso, devemos levar em consideração que, ao dizer que o Espírito, que os panteístas europeus usam como equivalente a Parabrahm, é inconsciente, eles não atribuem ao termo “Espírito” - empregado apenas por falta de uma expressão melhor para simbolizar um profundo mistério - a conotação que ele normalmente carrega.

A “Consciência Absoluta” que existe “atrás” dos fenômenos, dizem eles, transcende a concepção humana e só é chamada de inconsciência pela ausência de qualquer elemento de personalidade. Incapaz de formar um só conceito exceto em termos de fenômenos empíricos, o homem - devido à própria constituição do seu ser - não consegue levantar o véu que encobre a grandiosidade do Absoluto. Só o Espírito liberto é capaz de perceber palidamente a natureza da fonte de onde o Espírito surgiu e para onde deve finalmente retornar No entanto, como até o mais alto Dhyán Chohan só pode curvar-se e admitir sua ignorância diante do mistério tremendo do Ser Absoluto, e já que, mesmo naquela culminação da existência consciente - “a fusão da consciência individual com a consciência universal”, para usar uma frase de Fichte - o Finito não pode conceber o Infinito, nem pode aplicar ao Infinito o seu próprio padrão de experiências mentais, de que modo alguém poderia afirmar que o “Inconsciente” e o Absoluto podem ter até mesmo um impulso instintivo ou uma esperança instintiva de alcançar uma clara autoconsciência? ¹⁵⁹ Um vedantino nunca admitiria esta ideia hegeliana; e o Ocultista diria que ela se aplica perfeitamente ao MAHAT desperto, a Mente Universal já projetada no mundo fenomênico como o primeiro aspecto do ABSOLUTO imutável, mas nunca ao próprio ABSOLUTO. “Espírito e Matéria, ou Purusha e Prakriti, são apenas os dois aspectos primordiais do Uno e Único”, diz um ensinamento que foi dado a nós. ¹⁶⁰

¹⁵⁸ Referência a Karl Robert Eduard von Hartman (23 de fevereiro de 1842 - 5 de junho de 1906). Autor de “The Philosophy of the Unconscious”. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁹ Veja “Handbook of the History of Philosophy”, de Schwegler, na tradução de Sterling. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶⁰ Nas linhas acima, as referências à filosofia alemã sugerem a participação de um Mestre de Sabedoria oriental na redação deste trecho da obra. H. P. Blavatsky passou algum tempo na Alemanha, e viveu na mesma região em que, poucas décadas antes, um Mestre havia

O Nous que move a matéria, a Alma que tudo anima, imanente em cada átomo, manifestado no ser humano, latente na pedra, tem vários graus de poder; e esta ideia panteísta de um Espírito-Alma geral que permeia toda a Natureza é a mais antiga de todas as noções filosóficas. Tampouco foi o conceito de Archeus uma descoberta de Paracelso, nem do seu aluno Van Helmont; pois o Archeus é “Pai-Éter”¹⁶¹, a base manifestada e fonte dos inúmeros fenômenos localizados da vida. As inúmeras especulações deste tipo são apenas variações do tema, cuja nota-chave foi soada nesta primeira Revelação. (Ver o capítulo III, “Substância Primordial e Pensamento Divino”, na Parte II do volume I da presente obra.)

(b) O termo Anupadaka, “sem pais”, sem progenitores, é uma designação mística que possui vários significados na filosofia. O nome se refere a seres celestiais, os Dhyani-Chohans ou Dhyani-Buddhas. Misticamente, eles correspondem aos Buddhas e Bodhisatvas humanos, conhecidos como “Buddhas Manushi” (ou humanos), estes últimos também são chamados de “Anupadaka”, uma vez que toda a personalidade deles está unida com a combinação dos seus sexto e sétimo princípios -, ou Atma-Buddhi e que eles se transformaram em “almas de diamante” (Vajra-sattvas)¹⁶², ou Mahatmas completos. O “Senhor Oculto” (Sangbai Dag-po), “aquele que uniu-se ao Infinito”, não pode ter progenitores porque é Autoexistente e

estado. Em 1885, H. P. B. escreveu o seguinte em carta à Sra. Patience Sinnett: “Gosto de Würzburg. É perto de Heidelberg e Nüremberg e de todos os centros em que um dos Mestres viveu, e foi Ele que aconselhou meu Mestre a me mandar para lá.” (“Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett”, T.U.P., Pasadena, California, USA, 1925 / 1973, 404 pp., ver p. 105.) Em 1880, o mesmo instrutor admitiu haver estudado em detalhe a obra do grande filósofo alemão Immanuel Kant. (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, volume I, Carta 11, p.82.) É bem conhecido em Teosofia que a filosofia do pensador alemão Arthur Schopenhauer tem muito em comum com a filosofia esotérica oriental. Veja, por exemplo, o parágrafo final da Carta 65, em “Cartas dos Mahatmas”, vol. I. (Nota do Tradutor)

¹⁶¹ “Archeus”; o termo, que deu origem à palavra “arquétipo”, significa a luz astral, ou akasha. (Nota do Tradutor)

¹⁶² Vajra - aquele que possui um diamante. Em tibetano *Dorjeseempa*. *Sempa* significa a alma. A sua qualidade adamantina se refere à sua indestrutibilidade no pós-morte. A explicação em relação a “Anupadaka”, tal como dada no *Kala Chakra*, primeira na divisão Gyu (t) do Kanjur, é semi-esotérica, e desorientou os Orientalistas induzindo-os a fazer especulações erradas sobre os Dhyani-Buddhas e os seus equivalentes terrestres, os Buddhas Manushi. O real princípio envolvido será sugerido em um volume posterior desta obra, e será bem melhor explicado no lugar certo (veja “The Mystery About Buddha” - “O Mistério de Buddha”). (Nota de H. P. Blavatsky) [**Sub-Nota do Tradutor:** O texto “The Mystery of Buddha” e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “Collected Writings of H. P. Blavatsky” (TPH). O texto específico “The Mystery of Buddha” está às pp. 388-399.]

está unido ao Espírito Universal (Svayambhu) ¹⁶³, o Svabhavat em seu aspecto mais elevado. É grande o mistério na hierarquia de Anupadaka, e o seu ponto mais alto é o Espírito-Alma universal, e o grau mais baixo o Buddha Manushi; e mesmo cada homem dotado de uma Alma é um Anupadaka em estado latente. Disso decorre a frase “o Universo era Anupadaka” -, ao falar-se do Universo como algo destituído de forma, eterno, absoluto, e anterior ao momento em que ele ganha forma, graças aos “Construtores”. (Veja o capítulo III da Parte II deste primeiro volume, “Substância Primordial e Pensamento Divino”)

ESTÂNCIA II

COMENTÁRIO

1. Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico (a)? Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna (Chohânico, Dhyani-Búddhico) dos Ah-Hi. Os que produzem a forma (rupa) a partir da não-forma (arupa) - a raiz do mundo - a Devamatri ¹⁶⁴ e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser. (b)

(a) Os “Construtores”, os “Filhos da Aurora Manvantárica”, são os verdadeiros criadores do Universo; e, nesta doutrina, que se refere ao nosso Sistema Planetário, eles, sendo os arquitetos deste sistema, também são considerados como os “Observadores” das Sete Esferas, que exotericamente são os Sete planetas, e esotericamente também as sete terras ou esferas (planetas) da nossa cadeia. A frase que abre a Estância I, ao mencionar “Sete Eternidades”, se aplica tanto ao *Maha-Kalpa* ou “a (grande) Idade de Brahmâ”, como ao *pralaya* Solar e à subsequente ressurreição do nosso Sistema Planetário em um plano mais elevado. Há muitos tipos de *pralaya* (a dissolução de algo visível), conforme será demonstrado mais adiante.

¹⁶³ Para citar novamente Hegel, que, com Schelling, praticamente aceitou a concepção panteísta dos Avatares periódicos (encarnações especiais do Espírito-do-Mundo na forma humana, tal como se vê no caso de todos os grandes reformadores religiosos) “.... a essência do homem é espírito e só abandonando a sua finitude e abandonando-se à pura autoconsciência ele consegue alcançar a verdade. Cristo-homem, como um ser humano em quem apareceu a Unidade Deus-homem (a identidade do indivíduo com a consciência universal segundo o ensinamento dos Vedantinos e de alguns Advaitas), é apresentado, em sua morte e em sua história em geral, como uma narrativa da eterna história do Espírito; uma história que cada homem tem que realizar em si mesmo, para poder existir como Espírito.” (“Philosophy of History”, tradução ao inglês de Sibree, p. 340.) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶⁴ “Mãe dos deuses”, Aditi, ou Espaço Cósmico. No Zohar, ela é chamada de Sefira, a mãe dos sefirot, e de Shekina em sua forma primordial, oculta. (Nota de H. P. Blavatsky)

(b) Paranishpanna, lembremos, é o *summum bonum* ¹⁶⁵, o Absoluto, portanto o mesmo que Paranirvana. Além de ser o estado final, Paranishpanna é aquela condição de subjetividade que não tem relação com coisa alguma, exceto a verdade única e absoluta (Para-marthasatya) no seu plano. É aquele estado que leva um ser a compreender corretamente o significado completo do Não-Ser, que, conforme explicado, é *absoluto* Ser. Mais cedo ou mais tarde, tudo o que agora *aparentemente* existe estará na realidade e de fato no estado de Paranishpanna. Mas há uma grande diferença entre uma “existência” *consciente* e uma “existência” *inconsciente*. A condição de Paranishpanna, sem Paramartha, a consciência que analisa a si mesma (Svasamvedana), não é uma bem-aventurança, mas simplesmente uma extinção (durante Sete Eternidades). Assim, uma bola de ferro colocada sob os raios ardentes do sol será aquecida, mas, ao contrário de um ser humano, não sentirá nem apreciará o calor. É apenas “com uma mente clara e não obscurecida pela existência de uma personalidade, e com a assimilação do mérito de muitas existências dedicadas ao aspecto coletivo do ser (todo o Universo vivo e sensível)”, que alguém se liberta da existência pessoal e vive uma fusão e uma unificação com o Absoluto ¹⁶⁶, continuando em plena posse de Paramartha.

ESTÂNCIA II - continuação.

2. Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som (a), nada exceto a incessante respiração eterna (Movimento) que não tem consciência de si mesma (b).

(a) A ideia de que as coisas podem deixar de existir e de que ainda assim podem SER é fundamental na psicologia do Oriente. Sob esta aparente contradição em termos há um fato da Natureza para cuja compreensão o importante é a mente e não as discussões em torno de palavras. Um exemplo bem conhecido de um paradoxo semelhante é dado por uma combinação química. A questão sobre se o hidrogênio e oxigênio deixam de existir quando se combinam para formar a água ainda permanece sujeita a discussão. Alguns argumentam que, como eles são encontrados novamente quando a água é decomposta, devem estar lá presentes o tempo todo; outros afirmam que, como eles se transformam de fato em algo totalmente diferente, devem deixar de existir como hidrogênio e oxigênio durante o tempo em que estão

¹⁶⁵ *Summum bonum*; em latim, “o mais elevado bem”. (Nota do Tradutor)

¹⁶⁶ Por isso em filosofia esotérica o Não-Ser é “ABSOLUTO Ser”. De acordo com os princípios desta filosofia, mesmo Adi-Buddha (a sabedoria primeira ou primordial) é, enquanto manifestado, em certo sentido uma ilusão, Maya; porque todos os deuses, inclusive Brahmâ, têm de morrer ao final da “Idade de Brahmâ”. Só a abstração chamada de Parabrahm - que também pode ser chamada de Ensoph, ou qualificada como o “Incognoscível” de Herbert Spencer - constitui a Realidade “Única e Absoluta”. A Existência Una e Única é ADVAITA, “sem segundo”, e todo o resto é *Maya*, segundo ensina a filosofia Advaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

combinados. Mas nenhum dos dois lados é capaz de perceber nem remotamente a real condição de uma coisa que se tornou algo diferente e, no entanto, não deixou de existir em si mesma. É correto dizer que para o oxigênio e o hidrogênio a sua existência como água pode ser um estado de Não-Ser que é “um ser mais real” do que a sua existência como gases permite; e isso pode simbolizar palidamente a condição do Universo quando ele cai no estado de sono, ou deixa de existir, durante as “Noites de Brahma” - para acordar novamente ou reaparecer quando a aurora de um novo Manvântara chamá-lo, outra vez, para o que chamamos de existência.

(b) A palavra “Respiração” é usada em relação à Existência Una apenas no que se refere ao aspecto espiritual da Cosmogonia do esoterismo Arcaico; nos outros casos, ela é substituída pelo seu equivalente no plano material - “Movimento”. O Elemento Único e Eterno, ou o veículo que contém o elemento, é o *Espaço*, destituído de dimensões em qualquer sentido da palavra, e com o qual são co-existentes a *duração* infinita, a *matéria* primordial (e portanto indestrutível), e o *movimento* - o “movimento perpétuo” e absoluto que é a “respiração” do Elemento “Único”. Esta respiração, como vimos, não pode cessar jamais, nem mesmo durante as eternidades dos Pralayas. (Veja “O Caos, Theos e o Cosmo”, na parte II deste volume).

Mas a expressão “Respiração da Existência Una” não se aplica, tampouco, à Causa *Única sem Causa* ou à “Existencialidade Total” (em contraposição ao Ser Total, que é Brahmâ, ou o Universo). Brahmâ (ou Hari), o deus de quatro faces que “realizou a Criação” depois de erguer a Terra acima das águas, é visto apenas como o instrumento, e não como a Causa ideal, conforme é colocado de modo implícito mas claro. Nenhum Orientalista, até hoje, parece ter compreendido completamente o real sentido dos versos dos Puranas que tratam da “criação”.

Neles, Brahmâ é a causa das potências que devem ser geradas, na sequência, para o trabalho de “criação”. Quando um tradutor diz: “E dele procedem as potências a serem criadas depois que elas tiverem se tornado a causa real” -, talvez fosse mais correto dizer o seguinte: “e DISSO ¹⁶⁷ procedem as potências que *irão criar*, quando *se tornarem* a causa real” (no plano da matéria). Com a exceção da causa ideal única (ela própria sem causa), não há outra origem que possa ser atribuída ao universo. “O mais valioso dos ascetas! Através da sua potência, isto é, da potência daquela causa, surgem todas as coisas criadas a partir da natureza inerente ou própria.” Na Vedanta e em Nyaya ¹⁶⁸, *nimitta* é a causa eficiente, em contraste com *upadana*, a causa material ¹⁶⁹ (e no Sankhya, *pradhana* implica as funções destes

¹⁶⁷ “ISSO” e “DISSO” são formas neutras de se mencionar Brahmâ. (Nota do Tradutor)

¹⁶⁸ *Nyaya* é um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, as seis escolas ou *Darshanas*. A *Vedanta* e a *Ioga de Patañjali* também estão entre as seis escolas, assim como o *Sankhya*, que é citado poucas palavras mais adiante. (Nota do Tradutor)

¹⁶⁹ “Causa eficiente” e “causa material”. Segundo a filosofia de Aristóteles, há quatro tipos de causas: a causa formal, a causa material, a causa eficiente, e a causa final. (Nota do Tradutor)

dois tipos de causa). Na filosofia esotérica, por outro lado, que reconcilia todos estes sistemas, e da qual a escola mais próxima é a Vedanta tal como exposta pelos Advaita-Vedantas, só se pode fazer um enfoque verbal da *upadana*¹⁷⁰. O que está nas mentes dos Vaishnavas (os Vasishta-dvaitas) como o ideal por oposição ao real - ou Parabrahm em relação a Ishvara - não tem lugar em especulações publicadas, já que mesmo aquele ideal é uma descrição ineficaz, quando aplicado àquilo que a compreensão humana, e inclusive a compreensão de um adepto, não pode conceber.

O ato de conhecer a si mesmo necessita consciência e percepção (duas funções limitadas para todos, exceto Parabrahm); necessita que o conhecedor seja um objeto de conhecimento. Daí surge “a respiração eterna que não tem consciência de si mesma”. A Infinitude não pode compreender a Finitude. O Ilimitado não pode relacionar-se com o limitado ou o condicionado. Nos ensinamentos ocultos, o MOVIMENTADOR desconhecido e incognoscível, ou Autoexistente, é a Essência divina absoluta. Deste modo, sendo Consciência *Absoluta* e Movimento *Absoluto* para os sentidos limitados de quem descreve essa realidade indescritível, ele é também inconsciência e imobilidade. A consciência concreta não pode ser atribuída à Consciência abstrata, assim como a qualidade de ser úmida não pode ser atribuída à água, porque a umidade é a característica intrínseca da água e constitui a causa da umidade em outras coisas. A consciência implica limitações e qualificações; implica algo de que se tem consciência e alguém que tem consciência de alguma coisa. Mas a Consciência Absoluta contém tanto o conhecedor como a coisa conhecida e o processo do conhecimento. Ela inclui em si mesma os três, como *um só*. Nenhum homem é consciente de outras coisas além daquela porção do seu conhecimento que vem à sua mente em qualquer ocasião específica; no entanto, a pobreza da linguagem verbal é tamanha que não temos um termo para distinguir o conhecimento no qual não se pensa ativamente, daquele conhecimento que somos incapazes de trazer até a memória. Esquecer é sinônimo de não lembrar. Deve ser incalculavelmente mais difícil encontrar termos que possam descrever os fatos metafísicos abstratos ou estabelecer diferenças e distinções entre eles. Devemos lembrar, também, que damos nomes às coisas conforme as aparências que elas assumem para nós mesmos. Chamamos a consciência absoluta de “inconsciência” porque nos parece que ela deve ser necessariamente assim, do mesmo modo como chamamos o Absoluto de “Escurecimento”, porque, para nossa compreensão finita, ele parece bastante impenetrável. No entanto reconhecemos que nossa percepção de tais coisas é muito limitada. Involuntariamente fazemos, por exemplo, uma distinção em nossas mentes entre uma consciência absoluta inconsciente, de um lado, e uma inconsciência, de outro lado, ao atribuir secretamente à primeira delas alguma qualidade indefinida que corresponde, num plano mais elevado e além daquilo que o nosso pensamento pode alcançar, ao que nós conhecemos como consciência em nós mesmos. Mas essa não é um tipo de consciência que possamos por algum esforço distinguir daquilo que para nós parece ser inconsciência.

¹⁷⁰ *Upadana* é a causa material, como foi visto poucas linhas acima. (Nota do Tradutor)

ESTÂNCIA II - continuação.

3.A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe (a); a Matripadma (mãe lótus) ainda não havia inchado ¹⁷¹ (b).

(a) O raio da “Eterna Escuridão” se transforma ao ser emitido num raio de luz ou vida resplandecente, e alcança com seu brilho o “Germe”, o ponto no Ovo do Mundo ¹⁷², representado pela matéria no seu sentido abstrato. Mas o termo “ponto” não deve ser entendido como se designasse qualquer ponto específico no Espaço, porque há um germe no centro de cada átomo, e estes, coletivamente, formam “o Germe”, ou melhor, já que nenhum pode ser visível ao nosso olhar físico, a coletividade destes germes (se o termo puder ser aplicado a algo que não tem limites e é infinito) forma o númeno da matéria eterna e indestrutível.

(b) Uma das figuras simbólicas do poder criativo dual da Natureza (matéria e força, no plano material) é *Padma*, o nenúfar da Índia. O lótus é produto do calor (fogo) e da água (vapor ou Éter). O fogo consta em todos os sistemas filosóficos e religiosos como representação do Espírito da Divindade ¹⁷³, o princípio ativo, masculino, gerador; e o Éter, ou a Alma da matéria, a luz do fogo, representa o princípio passivo, feminino, do qual todas as coisas emanaram neste Universo. Portanto, o Éter ou Água é a Mãe, e o Fogo é o Pai. Sir W. Jones (e antes dele a botânica antiga) demonstrou que as sementes do Lótus contêm - mesmo antes de germinar - folhas perfeitamente formadas, com a forma minúscula que um dia terão, quando plantas adultas: a natureza assim nos dá uma visão antecipada da sua produção . . . as sementes de todas as plantas fanerógamas trazem consigo flores que contêm um embrião da planta pronta. ¹⁷⁴ (Veja, na parte II deste volume I, “O Lótus Como um

¹⁷¹ Um termo que não é poético, mas ainda assim é correto. (Veja nota de pé de página na Estância III). (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷² “O ponto no ovo do Mundo”. A lei da analogia é útil para compreender este trecho. O ovo é como um óvulo, e podemos ler nas Cartas dos Mahatmas: “Pense no feto humano. Desde o momento da sua primeira instalação até completar o seu sétimo mês de gestação, ele repete em miniatura os ciclos mineral, vegetal e animal pelos quais passou em seus invólucros anteriores, e só durante os dois últimos meses desenvolve a sua futura entidade humana. (...) Tem razão um sábio filósofo, que confia mais em sua intuição que nos ditados da ciência moderna, ao dizer: ‘*Os estágios da existência intra-uterina do homem são um registro condensado de algumas das páginas que faltam na história da Terra*’. Assim, você deve olhar para trás e ver as entidades animais, minerais e vegetais. Você deve encarar cada entidade em seu ponto inicial na trajetória manvantárica como o átomo cósmico primordial...” (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Vol. I, p. 284). (Nota do Tradutor)

¹⁷³ Até mesmo no cristianismo. Veja, na parte II deste volume I, “Substância Primordial e Pensamento Divino”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷⁴ Gross, “The Heathen Religion”, p. 195. (Nota de H. P. Blavatsky)

Símbolo Universal”).) Isso explica a frase “a mãe ainda não havia inchado”; na simbologia antiga, a forma é normalmente sacrificada para priorizar a ideia interna ou ideia-raiz.

O Lótus ou Padma é, além disso, um símbolo muito antigo e apreciado do próprio Cosmo, e também do ser humano. As razões populares disso são, em primeiro lugar, o fato mencionado acima de que a semente do Lótus contém dentro de si uma perfeita miniatura da futura planta, o que exemplifica o processo pelo qual os protótipos espirituais de todas as coisas existem no mundo imaterial antes que as coisas se materializem na Terra. Em segundo lugar, o fato de que o Lótus cresce através da água, tem a sua raiz no Ilus¹⁷⁵, ou barro, e espalha a sua flor no ar acima. Deste modo o Lótus tipifica a vida do homem e também a vida do Cosmo, porque a Doutrina Secreta ensina que os elementos de ambos são os mesmos, e tanto o homem como o Cosmo estão evoluindo na mesma direção. A raiz do Lótus, mergulhada no barro, representa a vida material; a haste, que passa através da água, simboliza a existência no mundo astral; e a flor flutuando na água e aberta para o céu é um emblema do ser espiritual.

ESTÂNCIA II - continuação.

4.O coração dela ainda não se abriu para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro. (a)

(a) A Substância Primordial ainda não havia ido além da sua latência pré-cósmica, nem avançado na direção da objetividade diferenciada, e tampouco se transformara no invisível (para o homem, até hoje) protilo¹⁷⁶ da ciência. Mas, à medida que o tempo passa e esta Substância se torna capaz de receber a impressão fohática¹⁷⁷ do Pensamento Divino (o Logos, ou o aspecto masculino de Alaya, a Anima Mundi¹⁷⁸),

¹⁷⁵ Ilus: termo de origem grega, com o significado apontado por HPB. (Nota do Tradutor)

¹⁷⁶ Protilo: do grego, “protos”, primeiro, e “hyle”, matéria. Termo usado pelo cientista inglês William Crookes (1832-1919), para significar uma matéria primordial, sutil e indiferenciada, conceito que é teosófico. Crookes elaborou a teoria da *matéria radiante*, que levaria à descoberta do elétron em 1897. Não por casualidade, também foi membro do movimento teosófico. Seu trabalho é comentado nas Cartas dos Mahatmas. Ver *Encyclopedic Theosophical Glossary*, TUP. (Nota do Tradutor)

¹⁷⁷ “Fohática”. Como vimos no Proêmio, Fohat “... é a ‘ponte’ pela qual as ‘Ideias’ que existem no ‘Pensamento Divino’ são impressas na substância Cósmica como ‘leis da Natureza’. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação...”. (Nota do Tradutor)

¹⁷⁸ “Anima Mundi” - Alma do Mundo. (Nota do Tradutor)

o seu coração se abre. A Substância Primordial se diferencia, e os TRÊS (Pai, Mãe e Filho) passam a ser quatro. Neste ponto está a origem do duplo mistério da Trindade e da imaculada concepção. O princípio primeiro e fundamental do Ocultismo é a Unidade (ou Homogeneidade) Universal sob três aspectos. Isso levou a uma possível concepção de Divindade, que como unidade absoluta deve permanecer eternamente incompreensível para intelectos finitos. “Se tu quiseres acreditar no Poder que age dentro da raiz de uma planta, ou imaginar a sua raiz oculta sob o solo, terás que pensar na sua haste ou caule, e nas suas folhas e flores. Não poderás imaginar o seu Poder independentemente destes objetos. A vida só pode ser vista através da Árvore da Vida” (“Preceitos de Ioga”). A ideia de uma Unidade *Absoluta* seria inteiramente destruída, desde nosso ponto de vista, se não tivéssemos diante de nossos olhos algo concreto que contém aquela Unidade. E como a divindade é absoluta, ela deve ser onipresente, de modo que cada átomo A contém dentro de si. As raízes, o tronco e os seus numerosos galhos são três objetos distintos, e no entanto são um. Dizem os Cabalistas: “A Divindade é uma, porque é infinita. Ela é tríplice, porque está sempre a se manifestar.” Esta manifestação é tríplice em seus aspectos, porque são necessários, segundo Aristóteles, três princípios para que um corpo natural qualquer se torne objetivo: a necessidade, a forma e a matéria.¹⁷⁹ Necessidade, na mente do grande filósofo, significava aquilo que os Ocultistas mencionam como protótipos impressos na Luz Astral - o plano mais baixo, o mundo da Anima Mundi. A união destes três princípios depende de um quarto princípio - a VIDA que se irradia desde os níveis mais elevados do Inalcançável, para tornar-se uma essência universalmente difundida, nos planos manifestados da Existência. E este QUATERNÁRIO (Pai, Mãe, Filho, como uma UNIDADE, e um quaternário, como manifestação viva) tem sido um meio de levar até a Ideia muito antiga da Imaculada Concepção, hoje cristalizada como um dogma da Igreja Cristã, que materializou e degradou esta ideia metafísica, contrariando todo bom senso. Basta ler a Cabala e estudar os seus métodos numéricos de interpretação para descobrir a origem deste dogma. Ele é puramente astronômico, matemático, e essencialmente metafísico. O elemento Masculino na Natureza (personificado pelas divindades masculinas e os Logoi¹⁸⁰ masculinos - Viraj ou Brahmâ; Hórus, ou Osíris, etc., etc.) nasce não *de* uma fonte imaculada, personificada pela “Mãe”, mas *através* dela; porque aquele Macho, tendo uma Mãe, não pode ter um “Pai”. A Divindade abstrata

¹⁷⁹ Um vedantino da filosofia Visishtadwaita diria que, embora seja a única Realidade independente, Parabrahmam é inseparável da sua trindade. Diria que Ele é três, “Parabrahmam, Chit and Achit”, e os dois últimos são realidades dependentes, incapazes de existir em separado; ou, para torná-lo mais claro, Parabrahmam é a SUBSTÂNCIA - imutável, eterna e incognoscível - e Chit (Atma) e Achit (Anatma) são suas qualidades, assim como a forma e a cor são as qualidades de qualquer objeto. Os dois são a vestimenta, ou corpo, ou mais precisamente o atributo (Sharira) de Parabrahmam. Mas um Ocultista teria muito o que dizer contra esta argumentação, assim como o vedantino Adwaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁸⁰ Logoi - plural da palavra “Logos”, de origem grega. (Nota do Tradutor)

não tem sexo, e não é nem mesmo um Ser, mas uma Existencialidade ¹⁸¹, ou a própria Vida. Coloquemos isso na linguagem matemática do autor de “The Source of Measures” (“A Origem das Medidas”) ¹⁸². Falando da “Medida de um Homem” e do seu valor numérico (cabalístico) ele afirma que no Gênesis, capítulo IV, versículo 1, “é definida a Medida de ‘Homem igual a Jeová’, e ela é obtida da seguinte maneira: $113 \times 5 = 565$, e o valor 565 pode ser colocado sob a forma da expressão $56,5 \times 10 = 565$. Aqui o número do Homem, 113, se torna um fator de $56,5 \times 10$, e a leitura (cabalística) desta última expressão numérica é Jod, He, Vau, He, ou Jehovah, Jeová A expansão de 565 para $56,5 \times 10$ visa mostrar a emanação do princípio masculino (Jod) a partir do princípio feminino (Eva); ou, em outros termos, o nascimento de um elemento masculino a partir de uma fonte imaculada, isto é, uma concepção imaculada.”

Assim se repete na Terra o mistério que é representado no plano divino, segundo os Videntes. O “Filho” da Virgem Celestial imaculada (o protilo cósmico indiferenciado, Matéria em sua infinitude) nasce novamente na Terra como o Filho da Eva terrestre, nossa mãe Terra, e se torna a Humanidade como um todo - passado, presente e futuro - porque Jeová ou Jod-he-vau-he é andrógino, isto é, simultaneamente macho e fêmea. Acima, o Filho é todo o COSMO; abaixo, ele é A HUMANIDADE. A tríade ou triângulo se torna a Tétrade, o número sagrado dos pitagóricos, o quadrado perfeito, e um cubo de seis faces na Terra. O *Macroprosopus* (a Grande Face) é agora o *Microprosopus* (a face menor); ou, como dizem os Cabalistas, o “Ancião dos Dias” desce sobre Adão Cadmon, a quem usa como veículo para sua manifestação, e se transforma no *Tetragrammaton*. Ele é agora o “Colo de Maya”, a Grande Ilusão. Entre ele e a Realidade está ¹⁸³ a Luz Astral, a grande Enganadora dos sentidos limitados do homem, exceto quando o Conhecimento vem ajudar o ser humano através de Paramarthasatya.

ESTÂNCIA II - continuação.

5.Os sete filhos ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era pai-mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão (a).

¹⁸¹ Existencialidade: veja a nota de rodapé sobre esta palavra na primeira terça parte do Proêmio. (Nota do Tradutor)

¹⁸² Referência ao livro “Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in The Source of Measures”, by J. Ralston Skinner, 1875; Wizards Bookshelf Edition, *Secret Doctrine Reference Series*, San Diego, USA, 1982, 324 pp. plus Supplement, Appendix and Index. (Nota do Tradutor)

¹⁸³ No original em inglês, “has” ou “tem”, ao invés de “está”. Porém, HPB chamou atenção para este erro de revisão da edição em inglês e esclareceu que se trata de “está” (“lies”), em reunião com seus alunos em Londres dia 7 de fevereiro de 1889. Ver “The Secret Doctrine Commentaries” (I.S.I.S., The Netherlands, 2010, 687 pp.) pp. 150-151. O erro da edição original parece ser um pequeno exemplo do poder que Maya possui de testar os seres humanos. (Nota do Tradutor)

(a) Nas Estâncias dadas aqui, a Doutrina Secreta aborda principalmente, se não com exclusividade, o nosso Sistema Solar, e especialmente a nossa cadeia planetária. Os “sete filhos”, portanto, são os criadores da cadeia planetária. Este ensinamento será melhor explicado mais adiante. (Veja, na Parte II deste volume I, “A Teogonia dos Deuses Criadores”.)

Svabhavat, a “Essência Plástica” que preenche o Universo, é a raiz de todas as coisas. Svabhavat é, de certo modo, o aspecto budista concreto da abstração chamada de *Mulaprakriti* na filosofia hindu. É o corpo da Alma, e constitui aquilo que o Éter seria para o Akasha, pois o Akasha é o princípio que dá origem e informa o Éter. Os místicos chineses fizeram de Svabhavat um sinônimo de “ser”. No *Ekasloka-Shastra* de *Nagarjuna* (o *Lung-shu* da China), chamado pelos chineses de *Yih-shu-lu-kia-lun*, há a afirmação de que a palavra original de Yeu é “Ser” ou “Subhâva”, “a substância que dá substância a si mesma”, algo que também é explicado por ele como tendo o significado de “sem ação e com ação”, ou “a natureza que não tem natureza própria”. A palavra *Subhâva*, de onde vem *Svabhavat*, é composta de dois termos. *Su* significa “belo”, “atraente”, “bom”, enquanto *Sva* é “eu” ou “ser”. E “bhava” significa “ser” ou “estados de ser”.

ESTÂNCIA II - continuação.

6. Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no Pensamento Divino, e no Seio Divino.

O “*Pensamento Divino*” não implica a ideia de um pensador Divino. O Universo, não só em seu passado, presente e futuro - o que é uma ideia humana e finita expressada por um pensamento finito -, mas na sua totalidade, como *Sat* (termo intraduzível); e como o ser absoluto, com o Passado e o Futuro cristalizados em um eterno Presente, constitui este Pensamento em si mesmo, refletido em uma causa secundária ou manifesta. Brahma (neutro), como o *Mysterium Magnum* de Paracelso, é um mistério absoluto para a mente humana. Brahmâ, o macho-fêmea, o seu aspecto e reflexo antropomórfico de Brahma, é concebível para as percepções de fé cega, embora seja rejeitado pelo intelecto humano quando este atinge a sua maioridade. (Veja, na Parte II deste volume I, “Substância Primordial e Pensamento Divino”.)

Por isso há a afirmação de que durante o prólogo, digamos assim, do drama da Criação, ou no começo da evolução cósmica, o Universo ou o “Filho” está ainda escondido “no Pensamento Divino”, que ainda não havia penetrado “no Seio Divino”. Esta ideia, e isso deve ficar bem claro, está na origem de todas as imagens simbólicas sobre os “Filhos de Deus” nascidos de virgens imaculadas.

ESTÂNCIA III

COMENTÁRIO

1. A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. (a) A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus. (b)

(a) O uso aparentemente paradoxal da expressão “sétima eternidade”, que divide o que é indivisível, está consagrado em filosofia esotérica. Esta filosofia divide a duração ilimitada em duas partes. De um lado está um tempo incondicionalmente eterno e Universal, e de outro um tempo condicionado (*Khandakala*). Um é a abstração ou númeno do tempo infinito (*Kala*); o outro é o fenômeno que aparece periodicamente como um efeito de *Mahat* (a Inteligência Universal limitada durante o *Manvântara*). Segundo algumas escolas, *Mahat* é o “primogênito” de *Pradhana* (substância indiferenciada, ou o aspecto periódico de *Mulaprakriti*, a raiz da Natureza). *Pradhana* é chamado de *Maya*, a Ilusão. Neste aspecto, creio, o ensinamento esotérico é diferente tanto da doutrina da escola *Adwaita* como da doutrina da escola *Visishtadwaita*. O ensinamento esotérico diz que, enquanto *Mulaprakriti*, o númeno, é autoexistente e não tem qualquer origem - e é, em resumo, destituído de pais, ou seja, é *Anupadaka* (já que está em unidade com *Brahma*); *Prakriti*, seu fenômeno, é periódico e não passa de um fantasma de *Mulaprakriti*. Assim também *Mahat*, segundo os Ocultistas, é o primogênito de *Gnana* (ou *Gnose*), conhecimento, sabedoria, ou o *Logos*, e é um fantasma refletido desde o absoluto *NIRGUNA* (*Parabrahm*, a realidade una, “destituída de atributos e qualidades”, veja os *Upanixades*); enquanto que, segundo alguns vedantinos, *Mahat* é uma manifestação de *Prakriti*, ou *Matéria*.

(b) Portanto, “a última vibração da Sétima Eternidade” foi “pré-ordenada”, não por algum Deus em particular, mas em virtude da LEI eterna e imutável que provoca os grandes períodos de Atividade e Descanso, chamados, de modo tão expressivo e ao mesmo tempo tão poético, de “Dias e Noites de *Brahmâ*”. A expansão da Mãe, ocorrida “de dentro para fora”, e chamada em outro lugar de “Águas do Espaço”, de “Matriz Universal”, etc., não se refere à expansão de um pequeno centro ou foco, mas, sem referência a tamanho, limitação ou área, significa o desenvolvimento de uma subjetividade ilimitada até tornar-se uma objetividade ilimitada. “A (para nós) sempre invisível e imaterial Substância presente na eternidade lançou desde seu próprio plano a sua sombra periódica ao colo de *Maya*.” Isso implica que esta expansão, não sendo um aumento de tamanho - já que uma extensão infinita não pode crescer - foi uma mudança de estado. Ela “expandiu-se como o botão do lótus”; porque a planta do lótus existe não só como um embrião em miniatura em sua semente (uma característica física), mas também o seu protótipo está presente em forma ideal na Luz Astral desde a “Aurora” até a “Noite” durante o período *manvantárico*, como todas as outras coisas deste Universo objetivo, na verdade; desde o ser humano até qualquer coisa minúscula, desde a árvore gigantesca até a menor folha de relva.

Tudo isso, segundo ensina a Ciência oculta, é apenas o reflexo temporário, a sombra do eterno protótipo ideal existente no Pensamento Divino. Devemos lembrar novamente que a palavra “eterno” refere-se aqui apenas a um “éon”, que corresponde ao ciclo de atividade aparentemente interminável, mas ainda assim limitado, que chamamos de manvântara. Qual é o significado real e esotérico de “manvântara”, ou, mais precisamente, “Manu-Antara”? Significa, esotericamente, “entre dois Manus”, e existem 14 Manus em cada “Dia de Brahmâ”.¹⁸⁴ Um Dia de Brahmâ consiste de 1.000 conjuntos de quatro eras, ou 1000 “Grandes Eras”, Mahayugas. Analisemos agora o termo “Manu”. Os orientalistas e seus dicionários dizem que a palavra “Manu” vem da raiz “Man”¹⁸⁵, “pensar”, de onde vem a ideia de “homem pensante”. Mas esotericamente cada Manu, como protetor antropomorfizado do seu ciclo (ou Ronda) especial, é apenas a ideia personificada do “Pensamento Divino” (como o “Pimandro” hermético). Cada Manu é, portanto, o deus especial, o criador e o modelador de tudo o que aparece durante o seu próprio e respectivo ciclo de existência ou Manvântara. Fohat é o mensageiro dos Manus (ou Dhyán-Chohans), e faz com que os protótipos ideais se expandam de dentro para fora - isto é, faz com que eles atravessem gradualmente todos os planos numa escala descendente desde o númeno até o fenômeno mais inferior, para finalmente florescer no último plano e no máximo da objetividade - o ponto extremo da ilusão, a matéria mais densa.

ESTÂNCIA III - continuação.

2. A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida (simultaneamente) o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira (movimenta-se) sobre as águas adormecidas da vida. (a)

(a) Também se diz da Mônada Pitagórica que ela permanece sozinha e na escuridão, como o “germe”. A ideia de que a “respiração” da Escuridão se movimenta sobre “as águas adormecidas da vida”, que é a matéria primordial com o Espírito latente, evoca o primeiro capítulo do Gênesis. O seu original é o Narayana bramânico (aquele que se move sobre as águas), a personificação da Respiração eterna do Todo inconsciente (ou Parabrahm), dos Ocultistas orientais. As Águas da Vida, ou Caos, que no simbolismo correspondem ao princípio feminino, são o vácuo (do ponto de vista da nossa percepção mental) no qual estão o Espírito e a Matéria latentes. Foi isso que fez Demócrito afirmar, seguindo seu instrutor Leucipo, que os princípios primordiais de tudo eram átomos e um vácuo, no sentido de espaço, mas não de

¹⁸⁴ O leitor deve levar em conta, no entanto, que há diversos tipos de manvântara, e não um só. (Nota do Tradutor)

¹⁸⁵ “Man” significa “homem” em inglês; e também é a raiz da palavra “humanidade”. Além disso, a sílaba “man” sugere a palavra “mente”. “Mens” significa “mente” em latim, como vemos no ditado “*mens sana in corpore sano*”, que significa “mente sã em corpo saudável”. (Nota do Tradutor).

espaço vazio, porque “a Natureza detesta o vazio”, de acordo com os peripatéticos e com todos os filósofos antigos.

Em todas as Cosmogonias a “Água” cumpre o mesmo papel importante. Ela é a base e a fonte da existência material. Os cientistas, confundindo o nome com a coisa, definiram “água” como a combinação definida de oxigênio e hidrogênio, dando assim um significado específico a um termo usado pelos Ocultistas em um sentido genérico, e que em Cosmogonia é utilizado com um significado místico e metafísico. O gelo não é água, nem é vapor, embora todos os três tenham exatamente a mesma composição química.

ESTÂNCIA III - continuação.

3. A “escuridão” irradia a luz, e a luz lança um raio solitário nas águas, na profundidade da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno (periódico), que se condensa no ovo do mundo. (a)

(a) O “raio solitário na profundidade da mãe” pode significar que o Pensamento Divino ou a Inteligência Divina impregna o Caos. Isso, no entanto, ocorre no plano da abstração metafísica, ou, mais precisamente, no plano em que aquilo que nós chamamos de abstração metafísica é realidade. O ovo virgem é num sentido abstrato a condição-de-ovo, ou o poder de desenvolver-se através da fecundação, e é portanto eterno e sempre igual. E assim como a fecundação de um ovo ocorre antes de ele ser posto, também o germe periódico e não-eterno, que se transforma mais tarde no simbolismo do ovo do mundo, contém em si mesmo, quando emerge, “a promessa e a potência” de todo o Universo. Embora a ideia *em si mesma* seja, naturalmente, uma abstração, uma expressão simbólica, ela é um símbolo real porque sugere a noção da infinitude como círculo infinito. Ela traz para a visão mental a imagem do Cosmo emergindo do espaço ilimitado e fazendo isso no próprio espaço limitado; um Universo que é tão destituído de fronteiras em seu tamanho como na sua manifestação objetiva. A imagem de um ovo também expressa o fato ensinado em Ocultismo de que a forma primordial de tudo o que é manifestado, desde um átomo a um globo, desde um ser humano até um anjo, é esférico. Em todas as nações, a esfera tem sido o símbolo da eternidade e da infinitude - uma serpente engolindo sua própria cauda. Para compreender o seu significado, no entanto, deve-se pensar a esfera como se ela fosse vista desde o seu centro. O campo de visão ou de pensamento é como uma esfera. Os seus raios saem do nosso ser em todas as direções e vão até o espaço exterior, abrindo visões ilimitadas ao nosso redor. Ela é o círculo simbólico de Pascal e dos Cabalistas, “cujo centro está em toda parte, e cuja circunferência não está em parte alguma”, uma noção que faz parte desta imagem.

O “Ovo do Mundo” talvez seja um dos símbolos mais adotados universalmente, e é altamente sugestivo, tanto no sentido espiritual como no sentido fisiológico e cosmológico. Ele é encontrado, portanto, em todas as teogonias universais, e é

amplamente associado ao símbolo da serpente. Esta última é em toda parte, em filosofia como em simbolismo religioso, um emblema da eternidade, da infinitude, da regeneração e do rejuvenescimento, assim como da sabedoria. (Veja “A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo”, na Parte II deste Volume I.) O mistério da aparente autorregeneração e da evolução a partir do seu próprio poder criador repete, no ovo, em miniatura, o processo da evolução cósmica. O fato de que os dois processos se devem ao calor e à umidade sob o efluxo do espírito criador invisível justifica amplamente a escolha deste símbolo bastante expressivo. O “Ovo Virgem” é o símbolo microcósmico do protótipo macrocósmico - a “Mãe Virgem” - o Caos ou a Profundidade Primordial. O Criador masculino (seja qual for o nome dado a ele) surge da fêmea Virgem, a raiz imaculada que frutificou por causa do Raio. Quem, entre os que estão familiarizados com astronomia e ciências naturais, pode deixar de perceber que isso é altamente sugestivo? O Cosmos como Natureza receptiva é um ovo fecundado, e no entanto imaculado; uma vez que seja visto como infinito, ele só pode ser representado sob uma forma esferoidal. O Ovo de Ouro era rodeado por sete elementos naturais (o éter, o fogo, o ar, a água) “quatro disponíveis, três secretos”. Isso é encontrado no *Vishnu Purana*, obra em que os elementos são chamados de “envelopes” e em que um *secreto* é acrescentado: “Aham-kara”. (Veja *Vishnu Purana*, de Wilson, Livro I, p.40.) O texto original não tem “Aham-kara”: ele menciona sete elementos sem especificar os últimos três. (Veja “O Ovo do Mundo, na Parte II deste volume I.)

ESTÂNCIA III - continuação.

4.Então o três (o triângulo) cai no quatro (o quaternário). A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. (a) O ovo luminoso (Hiranyagarbha), que é três em si mesmo (as três hipóstases de Brahmâ, ou Vishnu, os três “Avasthas”), coagula e espalha, em coalhos¹⁸⁶ brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida (b).

(a) É nosso dever explicar o uso de figuras geométricas e as frequentes alusões a números em todas as escrituras antigas (veja os Puranas, os papiros egípcios, o “Livro dos Mortos”¹⁸⁷, e mesmo a Bíblia). No “Livro de Dzyan”, assim como na Cabala, há duas espécies de numerais a serem estudados: os algarismos comuns, que às vezes servem apenas para despistar, e os Números Sagrados, cujos valores são todos conhecidos pelos Ocultistas através da Iniciação. Os primeiros são apenas hieróglifos convencionais, os últimos são os símbolos básicos para tudo. Isto é, os primeiros são apenas físicos, os outros, puramente metafísicos. A relação entre os

¹⁸⁶ Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

¹⁸⁷ “Livro dos Mortos”. Esta é uma alusão ao Livro dos Mortos do Egito antigo. O chamado “Livro Tibetano dos Mortos”, ou “Bardo Thodol”, é uma obra ilegítima. Veja a propósito os artigos “Theosophy and the ‘Bardo Thodol’”, de Carlos Cardoso Aveline, e “Tibetan Book of the Dead Is Ningma”, de John Garrigues. (Nota do Tradutor)

dois grupos de numerais é semelhante á relação entre a matéria e o espírito: os polos extremos da substância ÚNICA.

Como Balzac, o Ocultista inconsciente da literatura francesa, diz em algum lugar, o Número é para a mente a mesma coisa que para a matéria: “um agente incompreensível”. (Talvez seja isso para o profano: nunca para a mente do Iniciado.) O Número, segundo pensava o grande escritor, é uma Entidade, e, ao mesmo tempo, é uma Respiração que emana do que ele chamava de Deus e nós chamamos de TODO; a respiração que podia, só ela, organizar o Cosmos físico, “onde nada obtém sua forma exceto através da Divindade, que é um efeito do Número.” É instrutivo citar as palavras de Balzac sobre este tema:

“Não é verdade que as menores criações, assim como as imensamente grandes, podem ser diferenciadas umas das outras por suas quantidades, por suas qualidades, suas dimensões, suas forças e atributos, fatores estes que são produzidos, todos, pelo NÚMERO? A infinitude dos Números é um fato comprovado para a nossa mente, mas dele nenhuma prova pode ser dada fisicamente. O matemático nos diz que a infinitude dos números existe mas não pode ser demonstrada. Deus é um número dotado de movimento, fato que é percebido mas não pode ser demonstrado. *Visto como unidade, ele começa os números, com os quais nada tem em comum* A existência do Número depende da Unidade, a qual, sem um só Número, produz eles todos

.. O quê? Sendo incapaz de medir a primeira abstração dada a você pela Divindade, ou mesmo de compreendê-la, você ainda tem esperança de submeter aos seus cálculos o mistério das Ciências Secretas que emanam daquela Divindade?

E o que você sentiria, se eu o lançasse ao abismo do MOVIMENTO, a força que organiza o Número? O que pensaria, se eu acrescentasse que o *Movimento* e o *Número*¹⁸⁸ são produzidos pela PALAVRA, a Razão Suprema dos Videntes e Profetas, os quais, nos tempos antigos, percebiam a poderosa Respiração de Deus, conforme indicado no Apocalipse?”

(b) “A essência radiante coagulou e espalhou-se pelas profundezas” do Espaço. Desde um ponto de vista astronômico, a explicação disso é fácil: trata-se da “Via Láctea”, a substância do mundo, ou a matéria primordial na sua primeira forma. É mais difícil, no entanto, explicá-la em poucas palavras, ou mesmo em poucas linhas, desde o ponto de vista da Ciência e do Simbolismo Ocultos, porque esta é a mais complicada das imagens. Ela contém em si mais de uma dúzia de significados. Para começar, todo o panteão de objetos misteriosos¹⁸⁹ dos quais cada um possui um significado Oculto definido, a partir da simbólica “agitação do oceano” provocada pelos deuses hindus. Além de *Amrita*, a água da vida ou da imortalidade,

¹⁸⁸ O Número, sim, mas o MOVIMENTO, nunca. É o MOVIMENTO que produz o Logos, a Palavra, em ocultismo. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁸⁹ As “catorze coisas preciosas”. A narrativa ou alegoria faz parte do Satapatha Brahmana e de outras escrituras. A Ciência Secreta japonesa dos místicos budistas, a *Yamabooshi*, tem “sete coisas preciosas”. Falaremos delas mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

“*Surabhi*”, a “vaca da abundância”, chamada de “fonte do leite e dos coalhos”¹⁹⁰, foi extraída deste “Mar de Leite”. Daí surge a adoração universal da vaca e do touro; ela, o poder produtivo: ele, o poder gerador da Natureza. Os dois símbolos estão ligados tanto às divindades solares como às divindades cósmicas. Como as propriedades específicas e do ponto de vista oculto das “catorze coisas preciosas” são explicadas somente na quarta iniciação, não podem ser dadas aqui; mas algo pode ser dito. O “*Satapatha Brahmana*” afirma que o bater do “Oceano de Leite”¹⁹¹ ocorreu na Satya Yuga, a primeira era logo após o “Dilúvio”. No entanto, nem o Rig-Veda nem o Manu - ambos anteriores ao “dilúvio” de Vaivasvata, o da maior parte da Quarta Raça - mencionam este dilúvio. É evidente, portanto, que o dilúvio mencionado aqui não é o “grande” dilúvio, nem o dilúvio que levou consigo Atlântida, nem mesmo o dilúvio de Noé. Este “bater” do oceano está ligado a um período anterior à formação da Terra, e se relaciona diretamente com outra lenda universal, cujas várias versões contraditórias culminaram no dogma cristão da “Guerra no Céu” e da queda dos Anjos. (Veja o volume II, e também o capítulo XII do Apocalipse.) Os Brahmanas, criticados pelos orientalistas porque suas versões sobre estes temas com frequência contradizem umas às outras, *são obras essencialmente ocultas*, e sua linguagem é usada, portanto, como forma de despistar o público mal informado. Só foi permitido que os Brahmanas permanecessem junto ao público e fossem de propriedade comum apenas porque eles eram absolutamente ininteligíveis para as massas. De outro modo teriam saído de circulação já na época de Akbar.¹⁹²

ESTÂNCIA III - continuação.

5. A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeaofoo (a) é um (b).

(a) Oeaofoo é descrito como “*Pai-Mãe dos Deuses*” nos Comentários, ou como o SEIS EM UM, ou a raiz *setenária de onde tudo surge*. Tudo depende do acento que é dado a estas sete vogais, que podem ser pronunciadas como *uma*, como três, ou como sete sílabas, acrescentando-se um “e” depois da letra “o”. Este nome místico é revelado porque sem um domínio completo da sua pronúncia tríplice ele permanece sempre sem efeito.

¹⁹⁰ Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

¹⁹¹ O bater do Oceano de Leite: a metáfora se refere ao modo como se bate o leite para produzir a manteiga, ou seja, fazer com que ele adote uma forma mais densa. Este “bater” é também chamado de “malaxar”. (Nota do Tradutor)

¹⁹² Como vimos anteriormente, Akbar foi um imperador muçulmano da Índia, que estimulava as artes, a ciência e a literatura. Reinou nos séculos 16 e 17. (Nota do Tradutor)

(b) Isso se refere à Não-Separação de tudo o que vive e existe, seja em estado ativo ou passivo. Em certo sentido, Oeaoohoo é a “Raiz Sem Raiz de Todas as Coisas”, sendo portanto um com Parabrahman; em outro sentido, ele é um nome para a VIDA UNA manifestada, a Unidade Eterna e viva. A ideia de “Raiz” significa, como foi explicado, puro conhecimento (*Sattva*)¹⁹³, a realidade eterna (*Nitya*) e incondicionada, ou SAT (Satya), quer nós a chamemos de Parabrahman ou de Mulaprakriti, porque estes são dois aspectos do UNO. A “Luz” é o mesmo Raio Espiritual Onipresente, que penetrou e agora fecundou o Ovo Divino, e faz com que a matéria cósmica comece a sua longa série de diferenciações. Os coalhos são a primeira diferenciação, e provavelmente se referem também àquela matéria cósmica que se supõe ser a origem da “Via Láctea” - a matéria que nós conhecemos. Esta “matéria”, segundo a revelação recebida dos primeiros Dhyani-Buddhas, é, durante o sono periódico do Universo, do mais alto grau de sutileza perceptível ao olhar do perfeito Bodhisatva. Esta matéria, fria e radiante¹⁹⁴, se espalha, ao primeiro despertar da movimentação cósmica, por todo o Espaço. Quando vista desde a Terra, ela aparece em enxames¹⁹⁵ e acumulações, como coalhos em leite magro. Estas são as sementes dos mundos futuros, “a substância das estrelas”.

ESTÂNCIA III - continuação.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade (Amrita)¹⁹⁶, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se

¹⁹³ O termo original para Compreensão é *Sattva*, que Shankara (acharya) chama de *antahkarana*. “Compreensão refinada”, diz ele, “por sacrifícios e outras operações santificadoras”. No *Katha*, p. 148, Shankara diz que *Sattva* significa *buddhi* - um uso comum da palavra. (“*The Bhagavatgita with The Sanatsugatiya and the Anugita*”, tradução ao inglês de Kashinath Trimbak Telang, M.A.; editado por Max Müller.) Sejam quais forem os significados que as várias escolas possam atribuir ao termo, *Sattva* é o nome dado entre os estudantes Ocultos da Escola Aryasanga à Mônada dual ou Atma-buddhi, e Atma-Buddhi neste plano corresponde a Parabrahm e Mulaprakriti no plano mais elevado. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁹⁴ “Radiante”. Temos “radical” na edição original da obra. H.P.B. assinalou o erro dos editores em reunião realizada em Londres no dia 28 de fevereiro de 1889, e cuja transcrição foi publicada. Ela esclareceu que o correto é “radiante”. Veja o volume “The Secret Doctrine Commentaries” (I.S.I.S., The Netherlands, 2010, 687 pp.), p. 236. (Nota do Tradutor)

¹⁹⁵ Enxames. E na astronomia atual temos os conceitos de “enxames de estrelas”, “enxames de galáxias, e “super-enxames de galáxias”. (Nota do Tradutor)

¹⁹⁶ Amrita é “imortalidade”. (Nota de H. P. Blavatsky)

desfez e não existiu mais ¹⁹⁷; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe (a).

(a) Como a essência da escuridão é luz absoluta, a Escuridão é encarada como a representação alegórica adequada para a condição do Universo durante o Pralaya, o período de absoluto descanso, de não-ser, do ponto de vista das nossas mentes finitas. O “fogo”, o “calor”, e o “movimento” de que se fala aqui não são, naturalmente, o fogo, o calor e o movimento da ciência física, mas as abstrações subjacentes, os númenos, ou a alma, da essência destas manifestações materiais - as “coisas em si”, que, como a ciência moderna confessa, escapam completamente aos instrumentos do laboratório, e que mesmo a mente não consegue captar, embora tampouco possa evitar a conclusão de que essas essências subjacentes devem existir. O Fogo e a Água, ou Pai ¹⁹⁸ e Mãe podem ser vistos aqui como significando o Raio divino e o Caos. “O Caos, obtendo uma capacidade de sentir a partir desta união com o Espírito, brilhou com prazer, e assim foi produzido o Protogonos (a luz primogênita)”, segundo afirma um fragmento de Hermas. Damásio ¹⁹⁹ o chama de “Dis” em sua “Teogonia” - “o que ordena todas as coisas” (Veja “Ancient Fragments”, de Cory, p. 314.)

De acordo com os ensinamentos rosacruz tal como transmitidos e explicados pelos profanos - e esta vez corretamente, ainda que apenas em parte - “a Luz e a Escuridão são idênticas em si mesmas, sendo divisíveis apenas na mente humana”. Segundo Robert Fludd, “a escuridão adotou a luz para tornar-se visível”. (*On Rosenkranz*). O Ocultismo Oriental afirma que a ESCURIDÃO é a única realidade verdadeira. Ela é a base e a origem da luz, sem a qual esta última jamais poderia manifestar-se, nem mesmo existir. A luz é matéria, e a ESCURIDÃO é o Espírito puro. Na sua base metafísica radical, a Escuridão é luz absoluta e subjetiva; enquanto que a luz, apesar de todo o seu brilho e sua glória aparentes, constitui apenas uma massa de sombras, porque nunca pode ser eterna e é simplesmente uma ilusão ou Maya.

Mesmo no Gênesis, que nega a ciência e confunde a mente, a luz é criada a partir da escuridão ²⁰⁰, “e havia escuridão sobre a face do abismo” (capítulo 1, versículo 2), e não *vice-versa*. “A vida estava nele e a vida *era a luz dos homens*.” (João, I, 4) Pode acontecer que um dia os olhos dos homens se abram e eles compreendam melhor do que hoje aquele versículo do Evangelho de João que diz: “A luz resplandece na

¹⁹⁷ Veja o primeiro comentário a esta Estância. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁹⁸ O verdadeiro nome não pode ser dado. Veja o texto “Kwan-Shi-Yin”, na Parte II deste volume I. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁹⁹ Damásio - Filósofo neoplatônico nascido em torno de 458 da era cristã. Ensinou em Atenas. (Nota do Tradutor)

²⁰⁰ Gênesis, 1:3-4, afirma: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez a separação entre a luz e as trevas.” (Nota do Tradutor)

escuridão, e a escuridão não a compreende”.²⁰¹ A humanidade verá então que a palavra “escuridão” não se aplica à visão espiritual do ser humano, mas à “Escuridão” absoluta, que não compreende a luz transitória, não pode ter uma visão cognitiva dela, por mais transcendente que ela seja para a visão dos humanos. *Demon est Deus inversus*. O demônio é agora chamado de Escuridão pela Igreja, enquanto que na Bíblia ele é chamado de “Filho de Deus” (veja o livro de Jó), a clara estrela da madrugada, Lúcifer (leia Isaías). Há toda uma filosofia dogmática atrás do fato de que o primeiro Arcaño, surgido das profundezas do Caos, foi chamado de Lux (Lucifer), o “Filho Luminoso da Manhã”, isto é, da aurora manvantárica. Ele foi transformado pela igreja em Lúcifer ou Satã, porque ele era mais elevado e mais velho que Jeová, e tinha que ser sacrificado no surgimento do novo dogma. (Veja o Volume II)

ESTÂNCIA III - continuação.

7.Observa, ó Lanu!²⁰² **O filho radiante dos dois, a Glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes Águas Escuras. É Oeaoohoo, o mais jovem, o * * * (que agora conheces como Kwan-Shai-Yin - ver Comentário) (a). Ele brilha como o SOL**²⁰³. **Ele é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria. O Eka é Chatur (quatro), e o Chatur toma para si o Três, e a União produz o Sapta (sete), no qual está o sete que se torna o Tridasa**²⁰⁴ (os três vezes dez)²⁰⁵, **as hostes e as multidões. (b)**

²⁰¹ João, I, 5. (Nota do Tradutor)

²⁰² Um Lanu é um estudante, um chela que estuda Esoterismo prático. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁰³ O leitor deve levar em conta que a transcrição das Estâncias e de seus Versos feita em meio aos Comentários não é necessariamente igual ao texto das Estâncias apresentado antes. Há com frequência diferenças e elas podem ser significativas. Este verso número 7, por exemplo, está todo ele bastante distinto. Na transcrição completa e sem comentários das Estâncias feita mais acima neste volume I, temos neste ponto (p. 29 do original em inglês): “Ele brilha como o filho”. Porém, na presente página, em que o verso é transcrito junto a seus comentários, temos “Ele brilha como o Sol” (p. 71 do original em inglês). As palavras “Filho” e “Sol” possuem grafia e som parecidos em inglês: “Son” e “Sun”. Não por acaso, na mística cristã, o “filho de Deus” é como um “Sol”. (Nota do Tradutor).

²⁰⁴ A palavra “Tri-dasa” ou três vezes dez (30) se refere às divindades védicas, em números redondos, ou, mais precisamente, 33 - um número sagrado. Tais deuses são os 12 Adityas, os 8 Vasus, os 11 Rudras e os 2 Aswins, os filhos gêmeos do Sol e do Céu. Este é o número original do Panteão hindu, que enumera 33 “crores” (ou 330 milhões) de deuses e deusas. (Nota de H. P. Blavatsky)

Observa como ele ergue o Véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande Ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos (*as estrelas*), e transforma o mais elevado (*o espaço*) num Mar de Fogo que não tem praias, e faz com que o Único (*elemento*) manifestado se transforme nas Grandes Águas. (c)

(a) O “Espaço Claro, filho do Espaço Escuro” corresponde ao Raio que caiu quando houve a primeira vibração da nova “Aurora” nas grandes profundezas cósmicas, de onde ele emerge outra vez diferenciado como Oeahoo, o mais jovem (a “nova VIDA”), para tornar-se, no fim do seu ciclo vital, o germe de todas as coisas. Ele é “o homem Incorpóreo que contém em si mesmo a Ideia divina”, ou o gerador de Luz e de Vida, para usar uma expressão de Fílon de Alexandria. Ele é chamado de “Dragão Resplandecente da Sabedoria” porque, em primeiro lugar, ele é aquilo que os filósofos gregos chamavam de Logos, o Verbum do Pensamento Divino; e, em segundo lugar, porque para a filosofia esotérica esta primeira manifestação, sendo a síntese ou o agregado da Sabedoria Universal, Oeahoo, “o Filho do Filho”, contém em si as Sete Hostes Criadoras (os Sefirot) e é, portanto, a essência da Sabedoria manifestada. “Aquele que é banhado pela luz de Oeahoo nunca será enganado pelo véu de Maya.”

Kwan-Shai-Yin é idêntico e equivalente a *Avalokiteshwara* (termo sânscrito), e como tal é uma divindade andrógina, como o Tetragrammaton e todos os Logoi ²⁰⁶ da antiguidade. Só algumas seitas da China dão forma humana a Kwan-Shai-Yin, e o apresentam com características femininas. ²⁰⁷ Ao assumir aspecto feminino ele se

²⁰⁵ Na nota anterior, sobre *Tridasa*, HPB menciona os “Aswins” ou “Ashvins”, dois Kumaras da mitologia védica. Estes deuses andam pelo cosmo a cavalo (isto é, possuem veículos físicos), e simbolizam a aurora e o anoitecer. (Nota do Tradutor)

²⁰⁶ Assim, todos os deuses mais elevados da antiguidade são “Filhos da Mãe”, antes de se tornarem “Filhos do Pai”. Os Logoi, como Júpiter ou Zeus, filho de Cronos-Saturno, “Tempo Infinito” (ou Kala), eram representados em sua origem como machos-fêmeas. Afirma-se de Zeus que ele era “a bela Virgem”, e Vênus aparece com barba. Apolo é originalmente bissexual, assim como Brahma-Vach em Manu e nos Puranas. Osíris é intercambiável com Ísis, e Hórus é dos dois sexos. Finalmente, no Apocalipse, a visão de São João sobre o Logos, que agora é associada a Jesus, é hermafrodita, porque a figura é descrita como tendo peitos de mulher. O mesmo ocorre com Tetragrammaton = Jehovah. Mas existem dois Avalokiteshwaras no Esoterismo: o primeiro e o segundo Logos. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁰⁷ Nenhum símbolo religioso pode evitar profanação ou ridicularização em nossos dias de política e de ciência. No sul da Índia, a autora viu um nativo convertido ao catolicismo fazendo homenagens e oferendas diante de uma estátua de Jesus vestido com roupas de mulher e com um anel em seu nariz. Ao perguntar o significado daquilo, foi-nos dito que se tratava de Jesus e Maria combinados em uma só figura, e que isso era feito com a permissão dos padres, porque o zeloso recém-convertido não tinha dinheiro para comprar duas estátuas - ou “ídolos”, para usar o termo muito adequado empregado por uma testemunha, também

torna Kwan-Yin, a deusa da compaixão, conhecida como “a voz divina”.²⁰⁸ Esta última é a divindade protetora do Tibete e da ilha de Putuo, na China, onde há grande número de monastérios dedicados a estas duas divindades.²⁰⁹ (Veja a Parte II do volume I, “Sobre Kwan-Shai-Yin e Kwan-Yin”.)

(b) O “Dragão da Sabedoria” é o Um, o “Eka” (sânscrito) ou Saka. É curioso o fato de que o nome de Jeová em hebraico também significa Um, Echod. “Seu nome é Echod”, dizem os Rabinos. Os filólogos deveriam decidir qual dos dois deriva do outro, linguisticamente e simbolicamente: a fonte não será o sânscrito? O “Um” e o Dragão são expressões usadas pelos antigos em relação aos seus respectivos Logoi. Jeová - esotericamente (como Elohim) - é também a serpente ou Dragão que tentou Eva, e o “Dragão” é um velho símbolo da “Luz Astral” (o Princípio Primordial), “que é a Sabedoria do Caos”. A filosofia arcaica não reconhece nem o Bem nem o Mal como um poder fundamental ou independente, mas os vê como princípios que emergem do TODO Absoluto (a eterna Perfeição Universal), e percorrem o curso natural de evolução até a pura Luz, se condensam gradualmente em formas, fazendo surgir assim a Matéria ou o Mal. Coube aos primeiros e ignorantes pais da cristandade degradar a ideia altamente filosófica e científica desta imagem simbólica (o Dragão) até transformá-la na superstição absurda chamada de “Diabo”. Tiraram a ideia dos zoroastristas mais recentes, que viam diabos ou o Mal nos Devas hindus, e a palavra Mal tornou-se então através de uma dupla transmutação o Diabo em todas as línguas (Diabolos, Diable, Diavolo, Teufel). Mas os pagãos sempre preservaram um discernimento filosófico em seus símbolos. O símbolo primitivo da serpente representava a Sabedoria divina e a Perfeição, e sempre significou a Regeneração psíquica e a Imortalidade. Assim, Hermes qualificou a serpente como o mais espiritual de todos os seres; Moisés, iniciado na sabedoria de Hermes, fez o mesmo no Gênesis; a Serpente Gnóstica tem as sete vogais sobre sua cabeça e é um emblema das sete hierarquias dos Criadores Setenários ou Planetários. Por isso temos também a serpente hindu Sessa ou Ananta, “o Infinito”, um nome de Vishnu, cujo primeiro Vahan ou veículo nas águas primordiais é esta serpente.²¹⁰ No entanto

hindu mas não convertida ao catolicismo. O gesto parecerá uma blasfêmia para um cristão dogmático, mas o teosofista e o ocultista devem reconhecer que há uma lógica na atitude do hindu convertido. O Cristo esotérico na *Gnose* é naturalmente destituído de sexo, mas na *teologia* exotérica ele é macho e fêmea. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁰⁸ A *Sofia* gnóstica, “Sabedoria”, que é também “A Mãe” do Ogdoad (Aditi, em certo sentido, com seus oito filhos), é o Espírito Santo e o Criador de tudo, como nos sistemas antigos. O “pai” é uma invenção muito posterior. O primeiro Logos manifestado era em todos os lugares feminino - a mãe dos sete poderes planetários. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁰⁹ Veja “Chinese Buddhism”, do Rev. J. C. Ekins, que sempre fornece fatos corretos, embora as suas conclusões sejam frequentemente errôneas. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹⁰ Assim como os *logoi* e as Hierarquias de Poderes, no entanto, as “Serpentes” devem ser diferenciadas uma da outra. Sessa ou Ananta, “o veículo de Vishnu”, é uma abstração alegórica simbolizando o Tempo infinito no Espaço, que contém o germe e que lança de si

todos eles estabelecem uma diferença entre a boa e a má Serpente (a Luz Astral dos Cabalistas), sendo a primeira a expressão da Sabedoria divina na região do Espiritual, e a segunda, o Mal, no plano da matéria.²¹¹ Jesus aceitou a serpente como um sinônimo de Sabedoria, e isso faz parte do seu ensinamento: “sejam sábios como as serpentes”²¹², diz ele. “No começo, antes que a Mãe se tornasse Pai-Mãe, o Dragão de fogo se movimentava sozinho pelas infinitudes” (*Livro de Sarparajni*). O Brahmana Aitareya chama a Terra de Sarparajni, “a Rainha Serpente”, “Mãe de tudo o que se movimenta”. Antes que o nosso globo adotasse a forma de um ovo (e antes que o Universo fizesse o mesmo) “uma longa trilha de pó cósmico (ou névoa de fogo) se movimentava e contorcia como uma serpente no Espaço.” O “Espírito de Deus se movimentando no Caos” era simbolizado em todas as nações como tendo a forma de uma serpente ígnea, que lançava com sua respiração fogo e luz sobre as águas primordiais, até que terminava de incubar a matéria cósmica e fazia com que ela assumisse a forma de anel, com sua cauda em sua boca, o que simboliza não só a Eternidade e Infinitude, mas também a forma globular de todos os corpos formados dentro do universo a partir daquela névoa de fogo. O Universo, tanto como a Terra e o Ser Humano, lança de si periodicamente, como uma serpente, suas velhas peles, e adota novas peles depois de um período de descanso. A serpente seguramente não é uma imagem menos graciosa ou poética que a lagarta e a crisálida, das quais surge a borboleta, o símbolo grego da Psiquê, a alma humana. O “Dragão” era também o símbolo do Logos entre os egípcios, e entre os gnósticos. No “Livro de Hermes”, Pimandro, o mais velho e mais espiritual dos Logoi do Continente Ocidental, aparece diante de Hermes na forma de um Dragão Ígneo feito de “Luz, Fogo e Chama.” Pimandro, o “Pensamento Divino” personificado, diz: “A Luz sou eu, eu sou o *Nous* (a mente ou Manu), eu sou teu Deus, e sou muito mais velho que o princípio humano que escapa da sombra (a ‘*Escuridão*’ ou Divindade oculta). Eu sou o germe do pensamento, a *Palavra* resplandecente, o *Filho* de Deus. Assim tudo o que vê e escuta em ti é o *Verbum* do Mestre, é o Pensamento (*Mahat*) que é Deus, o Pai.²¹³ O Oceano celeste, o Éter é a *Respiração* do Pai, o princípio que

periodicamente a florescência deste germe, o Universo *manifestado*; enquanto que a *Ofis* gnóstica continha o mesmo tríplice simbolismo nas suas sete vogais, como o *Oeahoo* de uma, três e sete sílabas da doutrina arcaica; isto é, o Logos Uno Imanifestado, o Segundo manifestado, o triângulo manifestando-se no Quaternário ou Tetragrammaton, e os raios deste último no plano material. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹¹ A Luz Astral ou Éter dos antigos pagãos (porque o nome Luz Astral é bastante moderno) é Espírito-Matéria. Começando com o plano puramente espiritual, a Luz Astral se torna mais densa à medida que desce até tornar-se *Maya* ou a serpente tentadora e ardilosa em nosso plano. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹² Mateus, 10: 16. (Nota do Tradutor)

²¹³ A expressão “Deus, o Pai” se refere indiscutivelmente ao sétimo princípio no Homem e no Cosmos. Este princípio é inseparável em sua essência e natureza do sétimo princípio cósmico. Em certo sentido, é o Logos dos gregos e o Avalokiteshwara dos budistas esotéricos. (Nota de H. P. Blavatsky)

dá vida, a Mãe, o Espírito Santo, . . . porque eles não estão separados, e a união deles é a VIDA.”

Aqui encontramos o eco inconfundível da Doutrina Secreta Arcaica, tal como ela é exposta atualmente. Só que esta última não coloca à frente da Evolução da Vida “o Pai”, que vem em terceiro lugar e é o “Filho da Mãe”, mas sim “A Eterna e Incessante Respiração do TODO”. O *Mahat* (a Compreensão, a Mente Universal, o Pensamento, etc.), antes de manifestar-se como Brahmâ ou Shiva ²¹⁴, aparece como Vishnu, diz o *Sankhya Sara* (p.16); portanto *Mahat* tem vários aspectos, assim como tem o *logos*. *Mahat* é chamado de *O Senhor* na *Primeira* Criação, e é, neste sentido, o Conhecimento Universal ou *Pensamento Divino*; mas “Aquele *Mahat* que foi produzido pela primeira vez é (mais tarde) chamado *Egoísmo*, quando nasceu como um “Eu”, e esta é considerada a *segunda* Criação” (*Anugita*, capítulo XXVI). E o tradutor (um brâmane erudito e capacitado, e não um orientalista europeu) explica em uma nota de pé de página (6), isto é, “quando *Mahat* se transforma no sentimento de autoconsciência - eu -, então ele assume o nome de *Egoísmo*”, o que, traduzido para a nossa fraseologia esotérica, significa: “quando *Mahat* é transformado no *Manas* ²¹⁵ humano (ou mesmo no *Manas* dos deuses finitos) e alcança a condição de *egoidade*” ²¹⁶. O motivo pelo qual ele é chamado de *Mahat* da *segunda* Criação (ou da *nona*, a Criação do *Kumara* na obra *Vishnu Purana*) será explicado no volume II. O “Mar de Fogo” é, então, a Luz Super-Astral (isto é, numenal), a primeira radiação da *Raiz*, *Mulaprakriti*, a Substância Cósmica indiferenciada, que se transforma em *Matéria Astral*. Também é chamada de “Serpente Ígnea”, como indicamos acima. Se o estudante levar em consideração que existe apenas um Único Elemento Universal, que é infinito, que não nasceu e não morrerá jamais, e que todo o resto, no mundo dos fenômenos, são apenas aspectos diferenciados e variações (correlações, como são chamadas agora) daquele Um, desde os efeitos Cósmicos até os efeitos microcósmicos, e desde os seres super-humanos até os seres humanos e sub-humanos, a totalidade, enfim, da existência objetiva, então a primeira e principal dificuldade desaparecerá e a Cosmologia Oculta poderá ser compreendida. ²¹⁷ Todos os cabalistas e ocultistas, orientais e ocidentais, reconhecem: **a)** a identidade de “Pai-

²¹⁴ Como vimos no Proêmio, *Brahma*, neutro, é o Universo oculto e imanifestado; e *Brahmâ* é o manifestado, o Criador, masculino-feminino. (Nota do Tradutor)

²¹⁵ *Manas*: a Mente. (Nota do Tradutor)

²¹⁶ *Egoidade*: *Aham-ship* no original em inglês. *Aham* indica “eu”, e o sufixo “ship” significa um estado ou condição. Ou seja, “estado em que há um sentido de eu”, *egoidade*. (Nota do Tradutor)

²¹⁷ Na teogonia do Egito e da Índia, havia uma divindade *oculta*, o UM, e o deus criador, andrógino. Assim, *Shoo* é o deus da criação e Osíris é, na sua forma primária original, o “deus cujo nome é desconhecido”. (Veja *Abydos*, de Mariette-Bey, vol. II, p. 63, e vol. III, pp. 413, 414, número 1122.) (Nota de H. P. Blavatsky, com dados bibliográficos ligeiramente ampliados graças à edição da presente obra preparada por Boris de Zirkoff)

Mãe” com o *Éter* primordial ou *Akasha* (Luz Astral) ²¹⁸; e **b**) a sua homogeneidade antes da evolução do “Filho”, cosmicamente *Fohat*, porque *Fohat* é a eletricidade cósmica. “Fohat endurece e espalha os sete irmãos” (Livro III, Dzryan); o que significa que a Entidade Elétrica primordial - já que os Ocultistas Orientais insistem em que a Eletricidade é uma Entidade - eletrifica a substância primordial transformando-a em vida e separa esta substância ou matéria pré-genética em átomos, os quais, por sua vez, são a fonte de toda vida e de toda consciência. “Existe um *agente único* universal de todas as formas e da vida, e ele é chamado de *Od* ²¹⁹, *Ob* e *Aour*; é ativo e passivo, como o dia e a noite; é a primeira luz da Criação” (Eliphas Levi, “Cabala”): - a primeira Luz dos Elohim primordiais - do Adão, “macho e fêmea”, ou, em linguagem científica, ELETRICIDADE E VIDA.

(c) Os antigos o representavam com uma serpente, porque “Fohat sibila enquanto desliza para lá e para cá (em ziguezague). A Cabala o representa com a letra hebraica Teth **ת**, cujo símbolo, a serpente, cumpria um papel tão central nos Mistérios. O seu valor universal é nove, porque é a nona letra do alfabeto e a nona porta dos cinquenta portais ou portões que levam aos mistérios ocultos do ser. É o agente mágico por excelência, e designa na filosofia hermética “a Vida transmitida à matéria primordial”, a essência que compõe todas as coisas, e o espírito que determina a forma delas. Mas há duas ou três operações herméticas secretas, uma das quais espiritual, as outras duas relacionadas à matéria, e unidas para sempre. “Separe a terra do fogo, o sutil do sólido aquilo que sobe da terra para o céu e desce de novo do céu para a terra. Isso (a luz sutil) é a força mais forte de toda força, porque vence qualquer coisa sutil e penetra em todos os sólidos. O mundo foi formado assim.” (*Hermes*) ²²⁰

Não foi só Zeno, o fundador do estoicismo, que ensinou sobre a evolução do Universo e disse que a sua substância primária é transferida do estado de fogo para o estado de ar, depois para o estado de água, etc. Heráclito de Éfeso afirmava que o princípio único subjacente a todos os fenômenos da Natureza é o fogo. A inteligência que movimentava o Universo é fogo, e fogo é inteligência. E embora Anaxímenes tenha dito o mesmo em relação ao ar, e Tales de Mileto (600 anos antes

²¹⁸ Veja a próxima nota. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹⁹ *Od* é a pura Luz que distribui a vida, ou fluido magnético; *Ob* é o mensageiro da morte usado pelos feiticeiros, o nefasto *mau fluído*; *Aour* é a síntese dos dois, a Luz Astral propriamente dita. Será que os filólogos podem dizer por que *Od* - um termo usado por Reichenbach para denominar o fluido vital - é também uma palavra tibetana que significa luz, claridade, radiância? O termo também significa “céu” em um sentido oculto. De onde vem a raiz da palavra? No entanto o *Akasha* não corresponde exatamente ao *Éter*, e é muito mais elevado que este último, conforme será demonstrado. (Nota de H. P. Blavatsky)

²²⁰ Esta é uma versão da Tábua de Esmeralda. Outra versão, apresentada por HPB em “Ísis Sem Véu”, é reproduzida no texto “A Tábua de Esmeralda”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo está disponível em www.FilosofiaEsoterica.com e seus websites associados.

da era cristã) em relação à água, a Doutrina Esotérica reconcilia todos estes filósofos ao mostrar que embora cada um deles estivesse certo, nenhum dos seus sistemas filosóficos era completo.

ESTÂNCIA III - continuação.

8. Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro.(a)

(a) A resposta à primeira pergunta é sugerida pela segunda pergunta, que é feita pelo instrutor como modo de responder ao aluno, e contém em uma só frase uma das verdades mais essenciais da filosofia oculta. Ela indica a existência de coisas imperceptíveis para os nossos sentidos físicos e que são de uma importância muito maior, e mais reais e mais permanentes, que as coisas que apelam a estes sentidos. Antes que o Lanu possa ter esperança de compreender o problema transcendental e metafísico contido na primeira questão, ele deve ser capaz de responder a segunda. A própria resposta que ele der à segunda pergunta colocará ao alcance dele os elementos necessários para uma resposta correta à primeira.

No Comentário em sânscrito a esta estância, são muitos os termos usados para designar o Princípio oculto e não-revelado. No manuscrito mais antigo da literatura indiana, esta Divindade Não-Revelada e Abstrata não tem nome. É geralmente chamada de “*Aquilo*” (*Tad* em sânscrito), e significa tudo o que existiu, existe ou existirá, ou que pode ser percebido como tal pela mente humana.

Entre as diversas designações - que são dadas, naturalmente, apenas em filosofia esotérica e incluem expressões como “*Escuridão Insondável*”, “*Redemoinho de Vento*”, etc. - são também usadas as palavras “*Isso do Kalahansa, o Kala-ham-sa*”, e mesmo “*Kali Hamsa*” (cisne preto). Aqui o *m* e o *n* são convertíveis, e ambos soam como o *an* e o *am* nasais em francês, ou ainda como o *en* e o *em* (*Ennui, Embarras*, etc.). Como no caso da Bíblia hebraica, um grande número de nomes sagrados misteriosos em sânscrito soam ao ouvido profano como uma palavra comum e frequentemente vulgar, porque está ocultada de modo anagramático ou de alguma outra maneira. Isso é exatamente o que ocorre com a palavra *Hansa* ou, esotericamente, “*hamsa*”. *Hamsa* é igual a *a-ham-sa*, três palavras que significam “*eu sou ele*”, e que divididas ainda de outro modo significarão *So-ham* (“*ele [é] eu*”). *Soham* é o mesmo que *Sah*, “*ele*”, e *aham* é “*eu*” ou “*eu sou ele*”. Nesta ideia - para aquele que compreende a linguagem divina - está contido o mistério universal, a doutrina da identidade do ser humano essencial com a essência divina. Por isso há o símbolo e a alegoria de *Kalahansa* (ou *hamsa*), assim como o nome dado a Brahma neutro (e mais adiante ao Brahmâ masculino), que é “*Hansa-Vahana*” ou “*aquele que usa Hansa como seu veículo*”. A mesma palavra pode ser lida como “*Kalahansa*”, ou “*eu sou eu*” na eternidade do tempo, em resposta à expressão bíblica, ou melhor, zoroastriana, “*eu sou o que sou*”. A mesma doutrina é encontrada na Cabala,

conforme o testemunho do trecho reproduzido a seguir, de um manuscrito inédito do Sr. S. Liddell McGregor Mathers, o erudito cabalista:

“Os três pronomes א ם ה, ה ת א, ם ן א, Hoa, Atah, Ani, ou Ele, Tu, Eu, são usados na Cabala Hebraica para simbolizar as ideias de Macroprosopus e Microprosopus. Hoa, ‘Ele’, é aplicado ao Macroprosopus oculto e ocultado; Atah, ‘Tu’, ao Microprosopus; e Ani, ‘Eu’, a este último quando Ele é representado como falando. (Veja *Lesser Holy Assembly*, pp. 204 e seguintes). Deve-se levar em conta que cada um destes nomes consiste de três letras, das quais a letra Aleph, א, A, forma o final da palavra Hoa, e o começo de Atah e Ani, como se fosse o elo de ligação entre elas. Mas א é o símbolo da Unidade e conseqüentemente da Ideia invariável do Divino operando através de todos estes fatores. Atrás do א no nome Hoa estão as letras ם e ה, símbolos dos números Seis e Cinco, o Macho e a Fêmea, o Hexagrama e o Pentagrama. E os números destas três palavras, Hoa Atah Ani, são 12, 406, e 61, que são resgatados nos números-chave 3, 10 e 7, na Cabala das Nove Câmaras, que é uma forma da regra exegética de Temura.”²²¹

Seria inútil tentar explicar por completo o mistério. Os materialistas e os cientistas modernos nunca o entenderão, já que para obter uma clara percepção dele é preciso em primeiro lugar admitir o postulado de uma Divindade na Natureza que é universalmente difundida, onipresente, e eterna; em segundo lugar, é necessário haver explorado o mistério da eletricidade em sua verdadeira essência; e, em terceiro lugar, é necessário ver o ser humano como o símbolo setenário, no plano terrestre, da única grande UNIDADE (o Logos), que é Ela Própria a palavra de sete vogais, a Respiração, cristalizada na PALAVRA.²²² Aquele que acredita em tudo isso tem também de acreditar na combinação múltipla dos sete planetas do Ocultismo e da Cabala, com os doze signos zodiacais; e atribuir, como nós fazemos, a cada planeta e a cada constelação uma influência que, nas palavras de Ely Star (um ocultista francês), “é própria sua, sendo benéfica ou maléfica”²²³ conforme o espírito

²²¹ *Temura* é um dos três métodos antigos usados pelos cabalistas para alterar a sequência e combinação de palavras e frases na Bíblia, de modo a descobrir o seu significado esotérico. Os outros dois métodos são a Gematria e o Notarikon. (Nota do Tradutor)

²²² Isso é também similar à doutrina de Fichte e dos panteístas alemães. Fichte reverencia Jesus como o grande instrutor que ensinou a unidade do espírito do ser humano com o Deus-Espírito (na doutrina Advaita), ou Princípio Universal. É difícil encontrar na metafísica ocidental uma só especulação que não tenha sido antecipada pela filosofia Arcaica Oriental. Desde Kant até Herbert Spencer, tudo são ecos mais ou menos distorcidos das doutrinas gerais das filosofias Dvaita, Advaita e Vedanta. (Nota de H. P. Blavatsky)

²²³ “Benéfica ou maléfica”. As palavras são do ocultista francês citado por HPB. Desde um ponto de vista mais preciso, a influência de um planeta ou constelação sobre o ser humano

planetário que o governa [ou a governa], e que, por sua vez, é capaz de influenciar os seres humanos e as coisas que se encontram em harmonia com ele e com os quais ele tem alguma afinidade.” Por estas razões, e já que poucos acreditam no que foi mencionado acima, tudo o que pode ser dito agora é que nos vários casos o símbolo de Hansa (seja “Eu”, “Ele”, Ganso ou Cisne) é um símbolo importante, representando, por exemplo, a Sabedoria Divina, a Sabedoria na escuridão que fica além do alcance dos homens. Para todos os efeitos exotéricos, Hansa, como todos os hindus sabem, é um pássaro lendário que, quando recebeu como alimento leite misturado com água (na alegoria) separou os dois, bebendo o leite e deixando de lado a água, e demonstrou assim uma sabedoria inerente: o leite representa o espírito, e a água, a matéria.

O fato de que esta alegoria é muito antiga e data do período mais arcaico fica demonstrado pela menção (no Bhagavata Purana) de uma certa casta chamada de “Hamsa” ou “Hansa”, que era a “única casta” *por excelência*; porque muito tempo atrás, nos registros pouco nítidos de um passado esquecido, havia entre os hindus “um Veda, uma Divindade, e uma Casta”. Existe também uma cordilheira, nos Himalayas, que é descrita nos livros antigos como situada ao norte do Monte Meru e cujo nome é “Hamsa”. Ela está ligada a episódios que pertencem à história dos mistérios e das iniciações religiosas. A ideia segundo a qual Kala-Hansa é o suposto veículo de Brahmâ-Prajapati, que aparece nos textos e traduções exotéricos dos orientistas, é completamente errada. Brahma, o neutro, é chamado por eles de Kala-Hansa, e Brahmâ, o masculino, é chamado de Hansa-Vahana, porque na verdade “seu veículo ou Vahan é um cisne ou ganso (veja o “Hindu Classical Dictionary”). Este é um comentário puramente exotérico. Esotericamente, e do ponto de vista lógico, se Brahma, o infinito, é como os orientistas afirmam, isto é, coerente com os textos vedantas e uma divindade abstrata que não pode ser de modo algum descrita com características humanas, e se é alegado ainda que Brahma é chamado de Kala-Hansa, então de que modo ele poderia jamais tornar-se o Vahan de Brahmâ, o deus manifestado e finito? Ocorre precisamente o contrário. O “Cisne ou Ganso” (Hansa) é o símbolo daquela divindade masculina ou temporária, assim como ele, a emanção do Raio primordial, é descrito como servindo de veículo para aquele Raio divino, que de outra maneira não poderia manifestar-se no Universo, já que é, como numa antífrase, ele próprio uma emanção da “Escuridão”, pelo menos para o nosso intelecto. É Brahmâ, então que corresponde a Kala-Hansa, e o Raio a Hansa-Vahana.

não é benéfica ou maléfica, mas, sim, cômoda ou incômoda, fácil ou difícil, estável ou desafiante. As influências difíceis trazem provações e testes perigosos, mas cujas lições são valiosas e mesmo indispensáveis ao aprendizado humano. As influências fáceis ou harmônicas, por sua vez, podem levar a um marasmo evolutivo. Portanto, é filosoficamente pouco exato chamar as influências planetárias de *maléficas ou benéficas*. Sobre Bem e Mal, veja a Carta 88 em “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, volume II. (Nota do Tradutor)

Quanto ao estranho símbolo escolhido, ele é igualmente sugestivo. A sua verdadeira importância mística é a ideia de uma matriz universal, representada pelas águas primordiais do “profundo”, ou a abertura para a recepção e depois para a saída do único raio (o Logos) que contém em si os outros sete raios ou poderes procriativos (os logoi ou construtores). Disso surge a escolha pelos Rosacruz do pássaro aquático - seja cisne ou pelicano ²²⁴ -, com sete filhotes, como um símbolo modificado e adaptado à religião de cada país. En-Soph é chamado de “Alma Ígnea do Pelicano” no Livro dos Números ²²⁵. (Veja a Parte II deste volume I, item V, “A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos”). En-Soph aparece em cada Manvântara como Narayan, ou Swayambhuva (o Autoexistente), e penetra no Ovo do Mundo, emergindo dele no final da incubação divina como Brahmâ ou Prajapati, um progenitor do futuro Universo, no qual ele se transforma ao expandir-se. Ele é Purusha (espírito), mas ele também é Prakriti (matéria). Portanto, só depois de dividir-se em duas metades - Brahmâ-vach (a fêmea) e Brahmâ-Viraj (o macho) - é que Prajapati se torna Brahmâ. ²²⁶

ESTÂNCIA III - continuação.

9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe (Caos). (a)

(a) Devemos lembrar que as palavras “Luz”, “Fogo” e “Chama”, usadas nas Estâncias, têm sido adotadas pelos tradutores a partir do vocabulário dos antigos

²²⁴ Que o gênero do pássaro seja *cygnus*, *anser* ou *pelecanus* não importa. É um pássaro aquático flutuando ou movendo-se sobre as águas como o Espírito, e depois surgindo dessas águas para fazer com que outros seres nasçam. A verdadeira importância do símbolo do Grau Dezoito da Rosacruz é precisamente este, embora tenha sido poetizado mais adiante e transformado no sentimento materno do Pelicano que oferece seu peito para alimentar sete filhotes com seu próprio sangue. (Nota de H. P. Blavatsky)

²²⁵ A razão por que Moisés proíbe comer carne de pelicano e de cisne, classificando os dois animais como aves impuras, e permite comer “locustídeos, besouros, e os gafanhotos segundo sua espécie” (Levítico XI, e Deuterônimo, XIV) é puramente fisiológica, e se relaciona com a simbologia mística até onde se refere à palavra “impura”, como qualquer outra palavra, não deve ser entendida literalmente, já que tem sentido esotérico como todo o resto, e pode também significar “sagrado”, ou não. É um modo de despistar, e tem uma relação muito sugestiva com certas superstições. O povo russo, por exemplo, não usa pombos como alimento, não porque ele seja “impuro”, mas porque considera-se que o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba. (Nota de H. P. Blavatsky)

²²⁶ Em “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento, SP, quatro volumes), HPB apresenta uma comparação detalhada dos sistemas cosmológicos Judaico-Caldeu, de um lado, e Hindu, de outro. Veja as pp. 223 e seguintes do volume III. À p. 238 fica claro que, assim como o Brahmâ oriental, o Jehovah judaico é masculino e feminino. (Nota do Tradutor)

“filósofos do Fogo”²²⁷, para representar melhor o significado dos termos e símbolos arcaicos empregados no original. De outra maneira, eles teriam permanecido completamente ininteligíveis para o leitor europeu.²²⁸ Mas para um leitor do Oculto os termos usados serão suficientemente claros.

Todas estas ideias - “Luz”, “Chama”, “Quente”, “Frio”, “Calor”, “Água” e “águas da vida” - são, em nosso plano, os filhos ou, como um físico moderno diria, as correlações da ELETRICIDADE. É uma palavra forte e um símbolo ainda mais poderoso! É o gerador sagrado de uma família não menos divina, feita de fogo - o criador, preservador e destruidor -; de luz - a essência de nossos ancestrais divinos -; e de Chama - a Alma das coisas. A Eletricidade, a Vida UNA no degrau superior do Ser, e o Fluído Astral, o Athanor dos Alquimistas, no degrau mais inferior; DEUS e o DEMÔNIO, o BEM e o MAL . . .

Então, por que a Luz é chamada de “chama fria” nas Estâncias? Porque na ordem da evolução cósmica (tal como é ensinado pelo Ocultista) a energia que coloca a matéria em ação depois da sua primeira formação como átomos é gerada em nosso plano por calor cósmico; e porque o Cosmos, no sentido de matéria dissociada, não existia antes daquele período. A primeira matéria primordial, eterna e simultânea com Espaço, “que não tem nem um começo nem um final”, não é “quente nem fria mas tem a sua própria natureza especial”, diz o Comentário (Livro II)²²⁹. Calor e frio são qualidades relativas e pertencem aos reinos dos mundos manifestados, todos os quais procedem do *Hyle* manifestado, o qual, no seu aspecto absolutamente latente, é designado como “a Virgem fria”, e quando despertado para a vida, como “Mãe”. Os mitos cosmogônicos antigos do Ocidente afirmam que no início havia apenas uma neblina fria que era o Pai, e um lodo prolífico (a Mãe, Ilus ou Hyle), de onde rastejou a cobra matéria do Mundo (“Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, Volume I, p. 217). A matéria primordial, então, antes de emergir do plano que nunca se manifesta e acordar para as vibrações da ação sob o impulso de Fohat, é apenas um “Resplendor frio, sem cor, sem forma, sem gosto, e destituído de qualquer qualidade

²²⁷ Não se trata dos alquimistas medievais, mas dos Magos e adoradores do fogo, dos quais os Rosacruz ou filósofos *através do fogo*, sucessores dos teurgistas, adquiriram todas as suas ideias em relação ao Fogo como elemento místico e divino. (Nota de H. P. Blavatsky)

²²⁸ “Leitor europeu” - isto é, o leitor ocidental. A atual civilização é de origem europeia, sendo filha de civilizações orientais. Nas “Cartas dos Mahatmas” (veja por exemplo as linhas finais da Carta 24, volume I) os Mestres dos Himalaias que colaboraram na produção de “A Doutrina Secreta” com frequência se referem aos cidadãos dos países ocidentais usando o mesmo termo que empregam para designar os cidadãos europeus, “peling”. (Nota do Tradutor)

²²⁹ “Livro II”. Esta é muito provavelmente uma menção ao “Livro II” do “*Livro de Dzyan*”, obra esotérica que permanece inédita e é uma das fontes em que se baseia “A Doutrina Secreta”. Veja por exemplo a seguinte referência dada por HPB na p. 107 da presente edição: “(Livro III, Dzyan)”. (Nota do Tradutor)

ou aspecto.” Assim também são os primeiros a nascerem dela, os “quatro filhos”, “que são Um e se tornam Sete” - as entidades por cujas qualificações e nomes os antigos Ocultistas Orientais chamavam os quatro dos sete “centros de Forças” primordiais, ou átomos. Estes centros se desenvolveram mais tarde nos grandes “Elementos” Cósmicos, agora divididos nos setenta ou setenta e dois sub-elementos conhecidos pela ciência. As quatro naturezas primordiais dos primeiros Dhyan-Chohans são (por falta de nomes melhores) a “Akáshica”, a “Etérea”, “a Aquática” e a “Ígnea”. Elas correspondem na terminologia do ocultismo prático às definições científicas dos gases, que são, para transmitir uma ideia que é clara tanto para os ocultistas quanto para os leigos, parahidrogênicos ²³⁰, paraoxigênicos, oxihidrogênicos, e ozônicos, ou talvez Nitr-ozônicos. Estas forças ou gases (em Ocultismo, substâncias acima do mundo sensorial, embora feitas de átomos) são mais eficazes e ativas quando se energizam no plano da matéria mais densamente diferenciada. ²³¹ Estas forças são tanto eletropositivas como eletronegativas.

ESTÂNCIA III - continuação.

10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao Espírito (*Purusha*) - a luz da escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à matéria (*Prakriti*), o seu aspecto sombrio (*do espírito*); e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat (*a*).

(*a*) Está escrito no Mandukya (Mundaka) Upanixade: “Assim como a aranha lança sua teia e a recolhe de volta, assim como as ervas brotam no solo . . . assim também o Universo surge daquele que não decai” (I.i.7). Brahmâ, como “o germe da Escuridão desconhecida”, é o material do qual tudo surge e se desenvolve, “assim como a teia da aranha, como a espuma da água”, etc. Isso é claro e verdadeiro, se Brahmâ, o “Criador”, é um termo derivado da raiz *brih*, que significa aumentar ou expandir. Brahmâ “expande” e se torna o Universo, tecido com sua própria substância.

Esta mesma ideia foi belamente colocada por Goethe, que escreveu:

²³⁰ *παρὰ*, “além”, fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

²³¹ Cada um deles e muitos outros são provavelmente elos perdidos da Química. Eles são conhecidos por outros nomes em Alquimia e por parte dos Ocultistas que usam poderes fenomenais. É ao combinar e recombinar de certa maneira (ou ao dissociar) os “Elementos” por meio do fogo astral que os maiores fenômenos são realizados. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Assim, eu trabalho no tear extraordinário do Tempo,
E teço para Deus a vestimenta com a qual você O vê.”

ESTÂNCIA III - continuação.

11. Ele (a Teia) se expande quando a respiração do fogo (o Pai) está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe (a raiz da matéria) o toca. Então os filhos (os Elementos, com seus respectivos Poderes, ou Inteligências) se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do “grande dia”, e formando outra vez uma unidade com ela. Quando ele (a Teia) está esfriando, ele se torna radiante, seus filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.(a)

(a) A ideia da expansão do Universo sob a respiração do FOGO é bastante sugestiva quando a relacionamos com o período de “neblina ígnea” do qual a ciência moderna fala com tanta frequência, e do qual sabe na realidade tão pouco.²³²

Um grande calor quebra os elementos componentes e reduz os corpos celestes ao seu elemento único primordial, segundo explica o comentário. Uma vez desintegrado e de volta ao seu componente primário por ter caído no campo de atração e no alcance de um foco ou centro de calor (energia), dos quais muitos são arrastados numa e noutra direção no espaço, um corpo, esteja ele vivo ou morto, será vaporizado e mantido “no seio da Mãe” até que Fohat, reunindo alguns dos aglomerados de matéria cósmica (nébulas) dê a ele um impulso que o coloque novamente em movimento, e desenvolva o calor necessário, deixando então que ele avance em seu próprio crescimento.

²³² A metáfora mais recente do “Big-Bang” também procura descrever a expansão do Universo desde o plano sutil para o plano denso. Um cientista convencional poderia alegar que o Big-Bang é muito diferente da abordagem de “A Doutrina Secreta” porque ocorreu (do ponto de vista cronológico) em uma fração quase incomparavelmente pequena de um segundo. A isso o teosofista responderá perguntando em primeiro lugar quem *estava lá com um relógio de precisão para medir o tempo em frações de segundo* do tempo do pequeno planeta “Terra”. Ou seja, o teosofista perguntará até que ponto o tempo terrestre de hoje pode medir o “tempo” transcorrido durante *o nascimento do Espaço-Tempo*, que é o Universo. Em seguida, o estudante de teosofia lembrará o cientista de que aquela “fração quase incomparavelmente pequena de um segundo” era também *todo o tempo que havia*, no instante do chamado Big-Bang. Aquela “fração de segundo” era portanto também incomparavelmente extensa como “porção de tempo”, e continha em si longas eras. (Nota do Tradutor)

A expansão e contração da Teia - isto é, dos átomos ou substância do mundo - expressa aqui o movimento de pulsação; porque é a contração e expansão regulares do Oceano infinito e sem praias daquilo que podemos chamar de númeno da matéria emanada por Svabhavat, que causa a vibração universal dos átomos. Mas o fato sugere algo mais. Também demonstra que os antigos estavam familiarizados com aquilo que agora é o quebra-cabeça de muitos cientistas e especialmente dos astrônomos: a causa da primeira ignição da matéria ou substância do mundo, o paradoxo do calor produzido pela contração resfriadora e outros enigmas cósmicos semelhantes. A alusão indica inequivocamente que os antigos tinham conhecimento de tais fenômenos. “Há calor interno e calor externo em cada átomo”, diz o manuscrito dos Comentários, ao qual a autora teve acesso; “a respiração do Pai (ou Espírito) e a respiração (ou calor) da Mãe (matéria)” e o manuscrito dá explicações mostrando que a teoria moderna da extinção dos fogos solares pela perda de calor através de radiação é errônea.²³³ A ideia é falsa até mesmo segundo os próprios cientistas admitem. Conforme o professor Newcomb destaca (“Popular Astronomy”, pp. 506-508)²³⁴, “ao perder calor, um corpo gasoso se contrai, e o calor gerado pela contração excede o calor que o corpo gasoso perdeu, provocando a contração.” Este paradoxo, de que um corpo se torna mais quente na medida em que a contração produzida pelo seu próprio esfriamento é maior, levou a longas discussões. Argumentou-se que o superávit de calor é perdido por radiação, e supor que a temperatura não cai na mesma medida em que ocorre a redução de volume sob uma pressão constante seria anular a lei de Charles (Teoria Nebular, Winchell). É verdade que a contração produz calor. Mas a contração (provocada por esfriamento) é incapaz de produzir a quantidade de calor que existe em qualquer momento na massa, ou mesmo de manter um corpo em uma temperatura constante, etc. O professor Winchell tenta reconciliar o paradoxo - que só é paradoxo na aparência, conforme Homer Lane comprovou - sugerindo a existência de “algo além do calor”. “Não será possível”, pergunta ele, “que haja simplesmente uma repulsão entre as moléculas, que varia segundo alguma lei da distância?” Mas mesmo isso será reconhecido como irreconciliável, a menos que este “algo além do calor” seja rotulado como “Calor sem Causa”, a “Respiração do Fogo”, a Força todo-criativa somada à INTELIGÊNCIA ABSOLUTA, que a ciência física dificilmente aceitará.

Seja como for, a leitura desta Estância mostra que, apesar da sua linguagem arcaica, ela é mais científica do que a própria ciência moderna.

²³³ Através desta frase HPB deixa claro que os manuscritos dos Comentários esotéricos às Estâncias de Dzyan, em que ela se baseia para escrever, não são todos antigos. Isso é dito por ela de modo mais direto em uma nota de rodapé à página 97 da edição original em inglês. As Estâncias de Dzyan recebem comentários antigos e modernos na literatura oriental de uso restrito aos Iniciados. (Nota do Tradutor)

²³⁴ Edição de 1878, segundo acrescenta Boris de Zirkoff em sua edição de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

ESTÂNCIA III - continuação.

12. Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um deles é uma parte da Rede (o Universo). Refletindo, como espelhos, o “Senhor que Existe Por Si Mesmo” (a Luz Primordial), cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.²³⁵ . . .

“Fohat endurece os átomos”, isto é, coloca energia no interior deles; Fohat espalha os átomos ou matéria primordial. “Ele se espalha enquanto espalha matéria pelos átomos.” (Do manuscrito dos Comentários.)

É através de Fohat que as ideias da Mente Universal são impressas na matéria. Pode-se alcançar uma vaga ideia da natureza de Fohat através da expressão “Eletricidade Cósmica”, que é aplicada a ele algumas vezes. Mas neste caso, além das propriedades da eletricidade que são normalmente conhecidas, deve-se atribuir a Fohat mais algumas, inclusive a inteligência. Cabe registrar que a ciência moderna chegou à conclusão de que toda atividade cerebral é assistida por fenômenos elétricos. (Para mais detalhes em relação a “Fohat”, veja a Estância V e seus Comentários.)

ESTÂNCIA IV COMENTÁRIO

1. Filhos da Terra, escutem vocês, aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. (a) Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número, saído do não-número. (b)

(a) Estas expressões, “Filhos do Fogo”, “Filhos da Névoa Ígnea” e termos similares, requerem uma explicação. Estão ligadas a um grande mistério universal e primordial, que não é fácil tornar compreensível. Há uma passagem no *Bhagavad Gita* (capítulo 8) em que Krishna, falando de modo simbólico e *esotérico*, diz:

“Direi as ocasiões em que os devotos que partem (desta vida) fazem isso para nunca voltar (sem ter nunca mais que renascer) ou para voltar (renascer). O Fogo, a Chama, o dia, a quinzena luminosa (afortunada)²³⁶, os seis meses do solstício do

²³⁵ Isso é afirmado no sentido de que a chama de um fogo não tem fim, e as luzes de todo o Universo poderiam ser acesas em uma só vela sem que a luz dela ficasse diminuída. (Nota de H. P. Blavatsky)

Norte: partindo (morrendo) nestas condições, aqueles que conhecem o Brahman (Iogues) vão para o Brahman. Fumaça, noite, a quinzena escura (desafortunada), os seis meses do solstício do Sul: (morrendo) nestas condições, o devoto vai para a luz lunar (ou mansão da luz astral, também) e retorna (renasce). Afirma-se que estes dois caminhos, claro e escuro, são eternos neste mundo (ou grande kalpa, 'Era'). Através de um deles o homem nunca voltará, através do outro, ele voltará.”

Estes termos, “Fogo”, “Chama”, “Dia”, “quinzena luminosa”, assim como “Fumaça”, “Noite” e assim sucessivamente, que se referem ao final do caminho lunar, são incompreensíveis sem um conhecimento esotérico. Estes são *todos nomes de várias divindades* que presidem os Poderes Cosmo-psíquicos. Nós falamos com frequência da Hierarquia de “Chamas” (ver o volume II da presente obra), dos “Filhos do Fogo”, etc. Segundo o maior mestre esotérico da Índia, Shankaracharia, o *fogo* simboliza uma divindade que preside o Tempo (kala). O eficiente tradutor do Bhagavad Gita, Kashinâth Trimbak Telang, M. A., de Mumbai ²³⁷, confessa não ter uma noção clara do significado destes versos (p. 81, nota de rodapé). Eles parecem, ao contrário, muito claros para quem conhece a doutrina oculta. Estes versos estão ligados ao sentido místico dos símbolos solares e lunares: os Pitris são divindades *lunares* e são nossos ancestrais, porque eles *criaram o homem físico*. Os Agnishwatha, os Kumaras (os sete sábios místicos), são divindades solares, embora os mencionados mais acima sejam Pitris também; os Kumaras são os “formadores do homem *interno*”. (Veja o volume II.) Eles são:

“Os Filhos do Fogo” - porque são os primeiros Seres (na Doutrina Secreta eles são chamados de “Mentes”) saídos do Fogo Primordial. “O Senhor é um Fogo que consome” (Deuteronomio, 4, 24); “O Senhor (Cristos) se manifestará com os anjos do seu poder em chama de fogo” (2 Tessalonicenses, 1, 7-8); O Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos como línguas de fogo (Atos, 2: 3); Vishnu retornará em *Kalki*, o Cavalo Branco, na condição de último avatar, em meio a fogo e chamas; e *Sosiosh* ²³⁸ virá igualmente cavalgando um Cavalo Branco, em um “tornado de fogo”. “Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco, e o seu cavaleiro se chama o Verbo de Deus” (Apocalipse, 19: 11-13); os seus olhos são chama de fogo. O Fogo é a forma mais pura de Éter, e por isso não é considerado matéria, mas constitui a unidade do Éter - a segunda divindade manifestada - em sua universalidade. Mas há dois “Fogos”: os ensinamentos Ocultos fazem uma distinção entre eles. O primeiro é o Fogo puro, *sem Forma e invisível*, oculto no *Sol Central Espiritual*. Afirma-se que

²³⁶ Alusão simbólica ao ciclo lunar, durante metade do qual a luz da lua cresce de intensidade. (Nota do Tradutor)

²³⁷ No original, *Bombay* (*Bombaim* em português), o nome antigo da cidade. O mesmo tradutor traduziu *Anugita*, que HPB cita algumas linhas mais adiante. (Nota do Tradutor)

²³⁸ Sosioh; profeta de Ormus no zoroastrismo; libertador do mundo; símbolo de um fluir de energias divinas nos corações humanos que se atribui ao fim do ciclo atual. (“Dictionary of All Scriptures & Myths”, G. A. Gaskell). (Nota do Tradutor)

ele é “tríplice” (metafisicamente), enquanto o Fogo do Cosmos manifestado é setenário em todo o Universo e em nosso sistema solar. “O fogo ou conhecimento queima todas as ações no plano da ilusão”, diz o comentário. “Portanto, aqueles que o adquiriram e se emanciparam são chamados de ‘Fogos’.” Falando dos *sete* sentidos simbolizados como *Hotris*, sacerdotes, o brâmane diz em *Anugita*: “Assim estes *sete* (sete sentidos; cheiro e gosto, e cor, e som, etc., etc.) são as causas da emancipação”; e o comentador acrescenta: “É destes sete que o Ser deve emancipar-se. O ‘Eu’ (que é destituído de qualidades) deve ser o eu superior e não o brâmane que fala.” (*Anugita*, “Sacred Books of the East”, ed. by Max Müller, vol. VIII, p. 278.)²³⁹

(b) A expressão “tudo é um número, saído do não-número” está relacionada com aquele princípio universal e filosófico explicado pouco acima, na Estância III, comentário 4. Aquilo que é absoluto é naturalmente o Não-Número; mas no seu significado posterior ele é aplicado tanto no Espaço como no Tempo. Como resultado, não só todo aumento de tempo é parte de um aumento mais amplo - até a duração mais indefinidamente prolongada que o intelecto humano possa conceber -, mas, também, qualquer coisa que pertença ao mundo manifestado terá de ser pensada como parte de um todo maior: o todo acumulado é o Único Universo manifestado que sai do Absoluto ou imanifestado, chamado de Não-Ser ou “Não-Número” para distingui-lo do SER ou “Único Número”.

ESTÂNCIA IV - continuação.

2. Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais. (a)

(a) Isso é explicado no volume II, e este nome, “Chama Primordial”, corrobora o que foi afirmado no primeiro parágrafo no Comentário anterior sobre a Estância IV.

A diferença entre o “Primordial” e os sete Construtores subsequentes é que o Primordial é o Raio e a emanção direta do primeiro “Quatro Sagrado”, a *Tétrade*²⁴⁰, isto é, o Um eternamente Autoexistente (Eterno em *Essência*, tenhamos isso claro, e não em sua manifestação, e diferente do UM universal). Latente durante o Pralaya e ativo durante o Manvântara, o “Primordial” surge do “Pai-Mãe” (Espírito-Hyle ou *Ilus*); enquanto o outro Quaternário manifestado e o Sete surgem somente da Mãe. Esta última é a imaculada Virgem-Mãe, que é influenciada - não impregnada - pelo MISTÉRIO Universal quando ela emerge do seu estado de Laya ou condição

²³⁹ A obra *Anugita* foi editada também por Wizards Bookshelf, USA, em 1981. Os *sete sentidos* que *Anugita* menciona são, além dos cinco sentidos físicos, o *pensamento* e a *compreensão*. (Nota do Tradutor)

²⁴⁰ Tétrade: *Tetraktis*, no original. (Nota do Tradutor)

indiferenciada. Na realidade, eles são todos um, é claro; mas os seus aspectos nos vários planos de consciência são diferentes. (Veja a Parte II deste Volume I, “A Teogonia dos Deuses Criadores”.)

O primeiro “Primordial” reúne os Seres mais altos na Escala da Existência. Eles são os Arcanjos do Cristianismo, aqueles que se recusam - como o Miguel dos cristãos e os “filhos mais velhos nascidos da Mente” de Brahmâ (Veddhas) - a criar, ou mais precisamente a multiplicar.

ESTÂNCIA IV - continuação.

3. Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez (*Dhyán Chohans*); o um do ovo, o seis, e o cinco.(a) E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total.(b) E estas são as essências, as chamadas, os elementos, os construtores, os números, os arupa (*sem forma*), os rupa (*com corpos*) e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos Pais Sagrados (*os Pitris*) (c) dentro do Quatro Sagrado.²⁴¹

(a) Isso se relaciona com a Ciência sagrada dos Numerais: tão sagrada, na verdade, e tão importante no estudo de Ocultismo, que o assunto dificilmente pode ser esboçado, mesmo em uma obra tão larga como esta. É sobre a base das Hierarquias e dos números corretos destes Seres (para nós) invisíveis exceto em ocasiões muito raras, que o mistério do Universo inteiro se apoia. Os *Kumaras*, por exemplo, são chamados de “Os Quatro” embora na verdade sejam sete, porque Sanaka, Sananda, Sanatana e Sanat-Kumara são os principais Vaidhatra (nome patronímico ²⁴² deles), já que surgem do “mistério quádruplo”. Para tornar o tema todo mais claro devemos usar como ilustração princípios bramânicos, que são mais conhecidos de alguns dos nossos leitores.

De acordo com o Manu, Hiranyagarbha é Brahmâ, o primeiro ser masculino formado pela imperceptível CAUSA Sem Causa em um “Ovo Dourado tão resplandecente como o Sol”, conforme o *Hindu Classical Dictionary*.

²⁴¹ O 4 é representado nos numerais Ocultos pela Tétrade, o Quadrado Sagrado ou Perfeito. Trata-se de um Número Sagrado para os místicos de todas as raças e nações. Tem o mesmo significado para o bramanismo, o budismo, a cabala e os sistemas numéricos egípcio, caldeu e outros. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁴² Nome patronímico - no sentido convencional, sobrenome de família, especialmente sobrenome paterno. Neste caso, a palavra não deve ser interpretada no sentido literal. (Nota do Tradutor)

“Hiranyagarbha” significa Ventre ou Ovo “Dourado” ou, mais precisamente, “Resplandecente”. O significado não combina bem com o adjetivo “masculino”. Seguramente o significado esotérico da frase é bastante claro. No Rig Veda está dito: “AQUILO, o único Senhor de todos os seres o princípio animador único de deuses e homens”, ergueu-se, no começo, no Ventre Dourado, Hiranyagarbha, que é o Ovo do Mundo ou a esfera do nosso Universo. Este Ser é seguramente andrógino, e a alegoria de Brahmâ dividindo-se em duas metades e recriando a si mesmo como Viraj em uma das suas metades (a feminina Vach ²⁴³) é uma comprovação disso.

As palavras “O Um do Ovo, o Seis e o Cinco” formam o número 1065, o valor do primogênito (mais tarde o Brahmâ-Prajapati masculino e feminino), que responde aos números 7, e 14, e 21, respectivamente. Os Prajapati são, como os Sefiotes, apenas sete, incluindo a Sefira sintética da tríade da qual eles surgem. Assim, de Hiranyagarbha ou Prajapati, o *triuno* (a Trimurti védica primordial, Agni, Vayu, e Surya), emanam os outros sete, ou dez, se separarmos os primeiros três que existem em um, e um nos três. Todos eles, além disso, estão incluídos no único e “supremo” Parama, chamado de Guhya ou “segredo”, e de Sarvatma, a Super-Alma. “Os sete Senhores do Ser estão ocultos em Sarvatma como pensamentos em um cérebro.” O mesmo ocorre com os Sefiotes. Eles são sete, quando contamos desde a Tríade superior encabeçada por Keter - ou dez, exotericamente. No Mahabharata, os Prajapati são 21 em número, ou dez, seis e cinco (1065), três vezes sete.²⁴⁴

(b) “O Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco” (em sua totalidade - duas vezes sete) representam o 31415 - a hierarquia numérica dos Dhyán Chohans de vários tipos, e do mundo interior ou circunscrito.²⁴⁵ Quando colocados na fronteira do grande círculo do “Não-Passem” (veja a Estância V) chamado também de Dhyánipasa, “a corda dos Anjos”, a “corda” que separa o cosmos fenomênico do cosmos numenal

²⁴³ *Vach* - do sânscrito: som, voz, palavra, “Verbo”, veículo do pensamento divino. O Universo é uma manifestação de Vach. (*Encyclopedic Theosophical Glossary*.) (Nota do Tradutor)

²⁴⁴ Na Cabala os mesmos números representam Jeová, isto é, 1065, já que os valores numéricos das três letras que compõem o seu nome - Jod, Vau e duas vezes He -, são respectivamente 10 (י), 6 (ו) e 5 (ה) ou, novamente, três vezes sete, 21. “O Dez é a Mãe da Alma, porque a Vida e a Luz estão unidas nele”, diz Hermes. “Porque o número um nasce do Espírito e o número dez da matéria (o caos, o feminino); a unidade fez o dez, e o dez, a unidade” (*O Livro das Chaves*). Através da Temura, o método anagramático da Cabala, e do conhecimento de 1065 (21), pode ser obtido um conhecimento universal em relação ao Cosmos e seus mistérios (Rabino Yogel). Os rabinos consideram os números 10, 6 e 5 como os mais sagrados entre todos. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁴⁵ Um cabalista norte-americano descobriu recentemente que o mesmo número é válido para os Elohim. Este dado veio desde os Caldeus para os judeus. Veja “Hebrew Metrology”, na revista maçônica (*Masonic Review*) de Julho de 1885, McMillan Lodge, número 141. (Nota de H. P. Blavatsky)

(que não está ao alcance da nossa atual consciência objetiva); este número, quando não é ampliado por permutação e expansão, é sempre 31415 anagramaticamente e cabalisticamente, e é tanto o número do círculo quanto o da Suástica mística ²⁴⁶, o duas vezes sete renovado; porque, seja qual for a maneira como os dois conjuntos de números sejam contados, quando são somados separadamente, um número depois do outro, seja da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, eles sempre somam catorze. Matematicamente, representam o famoso cálculo segundo o qual a razão entre o diâmetro e a circunferência de um círculo é a de 1 para 3,1415, ou o valor do π (*pi*), como é conhecida esta razão. O símbolo π é sempre usado em fórmulas matemáticas para expressar este fato. Este conjunto de números deve ter o mesmo significado, já que o 1 : 314,159 , e depois novamente 1 : 3 : 1,415,927 são trabalhados nos cálculos secretos de modo a expressar os vários ciclos e eras do “primogênito”, ou 311.040.000.000.000 com frações, e de modo a produzir o mesmo 13,415 por um processo que não abordaremos no momento. E pode ser demonstrado que o Sr. Ralston Skinner, autor de *The Source of Measures (A Origem das Medidas)*, lê a palavra hebraica *Alhim* com os mesmos valores numéricos, omitindo, como foi dito, os zeros e por permutação, 13,415: já que א (a) é 1; ב (1) é 3 (ou 30); ה (h) é 5; י (i) 1 para 10; e מ (m) é 4 (40), e anagramaticamente é 31,415 segundo explicado por ele.

Assim, enquanto no mundo metafísico o círculo com um Ponto central em si não tem número e é chamado de Anupadaka (sem pais e sem números) - não podendo ser sujeito a cálculos - no mundo manifestado o Ovo ou Círculo do mundo é circunscrito dentro dos grupos chamados de a Linha, o Triângulo, o Pentagrama, a segunda Linha e o Cubo (ou 13514); e quando o Ponto, tendo gerado uma Linha, se transforma num diâmetro que representa o Logos Andrógino, então os números se tornam 31415, ou um triângulo, uma linha, um cubo, a segunda linha, e um pentagrama. “Quando o Filho se separa da Mãe ele se torna o Pai”; o diâmetro representa a Natureza, ou princípio feminino. Afirma-se, portanto: “No mundo do ser, o Ponto único tem como fruto a Linha - a Matriz virgem do Cosmo (o zero com forma de ovo) - e a Mãe imaculada dá à luz a forma que combina todas as formas.” Prajapati é qualificado como o primeiro macho procriador e visto como “o marido da sua Mãe”. ²⁴⁷ Isto estabelece a nota-chave para todos os filhos divinos de mães imaculadas que vêm depois. O fato é fortemente corroborado por outra circunstância: Ana (a mãe da Virgem Maria) é agora descrita pela igreja católica

²⁴⁶ *Suástica*. A suástica é um antigo símbolo sagrado do hinduísmo e do budismo, que foi distorcido pelos nazistas durante o século 20 e usado por eles enquanto promoviam crimes contra a humanidade. Veja o artigo “O Significado da Suástica”, de Joaquim Soares. Leia também os textos “A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial” e “Blavatsky, ONU e Democracia”, de Carlos Cardoso Aveline. Todos eles estão disponíveis em nossos websites associados. (Nota do Tradutor)

²⁴⁷ Encontramos a mesma expressão no Egito. A palavra *Mout* significa “Mãe”, entre outras coisas, e demonstra o personagem atribuído a esta instância divina na tríade daquele país. Ela era tanto a mãe como a esposa de Ammon, e um dos principais títulos do deus era o de “marido da sua mãe”. A deusa Mout, ou Mût, é chamada de “nossa senhora”, de “rainha do céu” e “da Terra”, e ela compartilha estes títulos com outras deusas-mães como Ísis, Hathor, etc.” (Maspero). (Nota de H.P. Blavatsky)

romana como tendo dado à luz sua filha de modo imaculado (“Maria concebida sem pecado”). O nome *Ana* é derivado do idioma caldeu, no qual significa *céu*, ou *Luz Astral*, *Anima Mundi*; de onde vem o fato de que *Anaitia*, *Devi-durga*, a esposa de Shiva, é também chamada de Annapurna, e de Kanya, a Virgem; “Uma-Kanya” é o nome esotérico dela e significa “a Virgem de luz”. A Luz Astral é um dos seus múltiplos aspectos.

(c) Os Devas, Pitris, Rishis; os Suras e os Asuras; os Daityas e Adityas; os Danavas e os Gandharvas, etc., todos têm os seus sinônimos em nossa Doutrina Secreta, assim como na Cabala e na Angeologia Hebraica; mas é inútil indicar os seus nomes antigos, porque isso apenas criaria confusão. Muitos deles também podem ser encontrados agora, mesmo na hierarquia cristã de poderes divinos e celestiais. Todos os Tronos e Domínios, Virtudes e Principados, Querubins, Serafins e demônios, os vários habitantes do Mundo Sideral, são as cópias modernas dos protótipos arcaicos. O próprio simbolismo dos seus nomes, quando transliterado e arranjado em grego e latim, é suficiente para demonstrar este fato, conforme comprovaremos em vários casos mais adiante.

Os “Animais Sagrados” são mencionados na Bíblia e na Cabala, e têm seu significado (muito profundo) mencionado na página das origens da Vida. O Sepher Jezirah afirma que “Deus gravou no Quatro Sagrado o trono da sua glória, as Ofanim ²⁴⁸ (rodas ou esferas do mundo), os serafins ²⁴⁹, os Animais Sagrados e os anjos servidores, e a partir destes três (o Ar, a Água e o Fogo ou Éter) ele formou sua habitação.” Assim, o mundo foi feito “através de três Serafins - Sefer, Safar e Sipur”, ou “através do Número, dos Números, e dos Numerados”. Com a chave astronômica estes “Animais Sagrados” se tornam os signos do Zodíaco.

ESTÂNCIA IV - continuação.

²⁴⁸ Ofanim, termo hebraico. (Nota do Tradutor)

²⁴⁹ Esta é a tradução literal das Seções IX e X: “Dez números sem o quê? Um: o espírito do Deus vivo que vive em eternidades! Voz e Espírito e Palavra, este é o Espírito Santo. Dois: Espírito que sai do Espírito. Ele definiu e esculpiu toscamente em seguida vinte e duas letras fundamentais, três Mães, sete duplos e Doze individuais, e um espírito a partir deles. Três: Água a partir do espírito: ele definiu e esculpiu toscamente o estéril e o vazio, a lama e a terra. Ele os chamou de canteiro de flores, formou-os como um muro, cobriu-os com um revestimento. Quatro: O fogo a partir da água. Ele definiu e esculpiu toscamente com isso o trono da glória e as rodas, e os serafins e os animais sagrados e os anjos servidores, e com os três Ele criou sua moradia, segundo afirma-se; Ele transforma seus anjos em espíritos e seus servidores em chamas de fogo!” As palavras acima “criou sua moradia” mostram claramente que na Cabala, assim como na Índia, a Divindade era definida como o Universo, e não era, originalmente, o Deus extra-cósmico de agora. (Nota de H. P. Blavatsky)

4. Este foi o Exército da Voz - o Setenário Divino.²⁵⁰ **As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete.**(a) Estas (“centelhas”) são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oi-Ha-Hou (a permutação do Oeaohoo). (b)²⁵¹

(a) Estes versos fazem novamente uma breve análise das Hierarquias dos Dhyan Chohans, que são chamados de Devas (deuses) na Índia e constituem os poderes inteligentes conscientes na Natureza. A esta Hierarquia correspondem os tipos reais em que a humanidade pode ser dividida; porque a humanidade, como um todo, é na verdade uma expressão material embora ainda imperfeita desta Hierarquia.

“Exército da Voz” é uma expressão intimamente ligada ao mistério do Som e da Fala, na condição de efeito e corolário da sua causa, o Pensamento Divino. Como foi belamente colocado por P. Christian, o erudito autor de “The History of Magic” e de “L’Homme Rouge des Tuileries”, as palavras faladas por, assim como o nome, de cada indivíduo determinam em grande parte o seu futuro destino. Por que motivo? Pelo seguinte:

“Quando sua Alma (mente) cria ou evoca um pensamento, o sinal representativo desta ideia é autorregistrado no fluído astral, que é o receptáculo e, de certo modo, o espelho de todas as manifestações da existência.”

“O sinal expressa a coisa: a coisa é a virtude (oculta ou invisível) do sinal.”

“Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento, e torná-lo presente: a potência magnética da fala humana é o começo de toda manifestação no Mundo Oculto. Dizer um Nome é não só definir um Ser (uma Entidade) mas também colocá-lo sob a influência e condená-lo à influência de uma ou mais potências Ocultas através da emissão da Palavra (Verbum). Para cada um de nós, as coisas são aquilo que (a Palavra) faz com que sejam, enquanto as nomeia. A Palavra (Verbum) ou a fala de todo ser humano é, de modo muito inconsciente para ele próprio, uma BÊNÇÃO ou

²⁵⁰ A transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários não é sempre literal, e às vezes difere de modo significativo da versão das mesmas Estâncias apresentada mais acima. Uma comparação mostrará ao leitor mais de uma diferença significativa entre as duas versões deste verso 4 da Estância IV. Neste ponto, por exemplo, onde se lê “Setenário Divino”, na primeira versão das sete estâncias HPB diz “a mãe divina dos sete”. Esta diferença, desconcertante para o leitor mais atento, serve, no entanto, como lembrete de um fato oculto da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las. Assim ela evitou eliminar o Mistério e não escondeu o caráter transcendente de um ensinamento multidimensional, que não pode ser reduzido às palavras e expressões de um idioma do Ocidente. (Nota do Tradutor)

²⁵¹ O significado literal da palavra, entre os Ocultistas Orientais do Norte, é um vento circular, ou redemoinho; mas, neste caso, o termo simboliza o Movimento Cósmico eterno e incessante; ou, mais precisamente, a Força que o movimenta, Força que é tacitamente aceita como a Divindade, mas nunca de modo ostensivo. É a eterna *Karana*, a Causa que atua sempre. (Nota de H. P. Blavatsky)

uma MALDIÇÃO; e por esse motivo a nossa ignorância atual em relação às propriedades ou características da IDEIA, assim como em relação às características e propriedades da MATÉRIA, é frequentemente fatal para nós.”

“Sim, os nomes (e as palavras) são BENÉFICOS ou MALÉFICOS; eles são, em certo sentido, venenosos ou curativos, conforme as influências ocultas que a Suprema Sabedoria associou aos elementos deles, isto é, às LETRAS que os compõem, e os NÚMEROS correlacionados com estas letras.”

Isso é estritamente verdadeiro e é aceito como um ensinamento esotérico por todas as Escolas Orientais de Ocultismo. No alfabeto sânscrito, assim como no alfabeto hebraico e outros, cada letra tem o seu significado oculto e sua explicação; constitui uma causa e um efeito de uma causa anterior, e uma combinação de letras frequentemente produz um efeito extremamente mágico. As vogais, especialmente, contêm as potências mais ocultas e formidáveis. Os Mantras (esotericamente mais mágicos que religiosos) são cantados pelos brâmanes, e eles fazem o mesmo com os Vedas e outras escrituras.

O “Exército da Voz” é o protótipo da “Hoste do Logos”, ou a “PALAVRA” do Sepher Jezirah, chamada na Doutrina Secreta de “o Número Único, saído do Não-Número” - o Eterno Princípio Único. A teogonia esotérica começa com o Um, manifestado, e portanto não eterno em sua presença e em seu ser, embora seja eterno em sua essência; o número dos números e dos numerados, estes últimos procedendo da Voz, a Vach feminina, Satarupa “das cem formas”, ou Natureza. É deste número 10, ou natureza criativa, a Mãe, que o universo inteiro emergiu: o algarismo oculto, ou “nada”, sempre procria e multiplica em união com a Unidade, “I”, um, ou o Espírito da Vida.

Em *Anugita* é dado o diálogo (capítulo VI, 15) entre um brâmane e sua esposa sobre a origem da Fala e as suas propriedades ocultas.²⁵² A esposa pergunta como a Fala passou a existir, e qual surgiu primeiro, a Fala ou a Mente. O brâmane diz a ela que quando o Apana (*respiração inspiracional*) se torna senhor, muda aquela inteligência que não compreende a Fala ou as Palavras e a leva para o estado de Apana, abrindo assim a mente. Então ele conta a ela uma história, um diálogo entre a Fala e a Mente.

“Ambas foram até o Eu do Ser²⁵³ (*isto é*, ao Eu Superior individual, segundo Nilakantha pensa, ou a Prajapati, de acordo com o comentador Arjuna Misra) e pediram a ele para eliminar as suas dúvidas e decidir qual delas era superior à outra. A isso o senhor respondeu: ‘A Mente é superior’. Mas a Fala argumentou com o Eu do Ser: ‘Na verdade eu é que cedo aos seus desejos’, querendo dizer que ele

²⁵² O *Anugita* faz parte do Asvamedha Parvan do “Mahabharata”. O tradutor do Bhagavad Gita, obra editada por Max Müller, vê o *Anugita* como uma continuação do Bhagavad Gita. O seu original é um dos Upanixades mais antigos. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁵³ “Eu do Ser”. No original em inglês, “Self of Being”. (Nota do Tradutor)

conseguiu o que queria através da fala. Então, novamente, o Eu disse a ela que há duas mentes, a ‘móvel’ e a ‘imóvel’. ‘A imóvel está comigo’, disse ele, ‘a móvel está sob seu domínio’ (isto é, sob controle da Fala), no plano da matéria. A este plano você é superior. Mas levando em conta que você, ó bela, veio até mim (do modo como veio, isto é, com orgulho), por este motivo, ó Sarasvati!, você nunca falará depois de uma exalação (completa).”

“A deusa da Fala” (Sarasvati, que é uma forma ou aspecto tardio de Vach, deusa também do conhecimento secreto ou Sabedoria Esotérica) “verdadeiramente ficava sempre entre o Prana e o Apana. Mas ó ser nobre! Indo com o vento Apana (o ar vital), ainda que impelido, sem o Prana (respiração expiracional), ela correu até Prajapati (Brahma) dizendo: ‘Esteja contente, ó venerável senhor!’ Então o Prana apareceu novamente, dando alimento à Fala. E, por isso, a Fala nunca toma a palavra depois de uma exalação (completa ou inspiracional). É sempre ruidosa ou sem ruído. Destas duas, a sem ruído é superior à (Fala) ruidosa A (fala) que é produzida no corpo através do Prana, e que então segue para (é transformada em) Apana, e depois, sendo assimilada com os Udana (órgãos físicos da Fala) finalmente se fixa em Samana (‘no umbigo em forma de som, como causa material de todos os mundos’, diz Arjuna Misra). Assim falava a Fala anteriormente. Por isso a Mente se distingue pelo fato de ser imóvel, e a Deusa (a Fala) pelo fato de ser móvel.”

Esta imagem simbólica está na raiz da lei Oculta, que recomenda silêncio sobre o conhecimento de certas coisas secretas e invisíveis, que são perceptíveis apenas para a mente espiritual (o sexto sentido), e que não podem ser expressas através da fala “ruidosa” ou pronunciada. Este capítulo de *Anugita*²⁵⁴ explica, segundo Arjuna Misra, o Pranayama, ou a regulação da respiração nas práticas da Ioga. Esta prática, no entanto, sem a prévia aquisição ou pelo menos completa compreensão dos dois sentidos mais elevados - dos quais há sete, conforme será demonstrado -, pertence propriamente à Ioga inferior. A chamada *Hatha* Ioga era e ainda é desaprovada pelos Arhats. Ela é prejudicial à saúde²⁵⁵ e sozinha nunca pode transformar-se em Raja Ioga. A história acima é mencionada para mostrar como os seres inteligentes, ou mais precisamente as “Inteligências”, estão inseparavelmente conectados, na metafísica dos tempos antigos, com todos os sentidos ou funções, sejam físicos ou mentais. A afirmação do Ocultismo de que há sete sentidos no homem e na natureza, assim como há sete estados de consciência, é corroborada no capítulo sete da mesma obra, sobre Pratyahara (a restrição e a regulação dos sentidos, enquanto que Pranayama é a restrição dos “ventos vitais” ou respiração). O brâmane fala sobre “a instituição dos sete Sacerdotes sacrificiais (Hotris)”. Ele diz: “O nariz e os olhos, e a língua, e a pele, e o ouvido como o quinto (ou odor, vista, paladar, tato e audição), e mente e a compreensão constituem os sete sacerdotes sacrificiais vistos

²⁵⁴ Capítulo Seis. Os comentários de Arjuna Misra fazem parte da edição de *Anugita* que HPB está citando. (Nota do Tradutor)

²⁵⁵ A Hatha Yoga praticada comumente no século 19 era inclinada a exageros e portanto prejudicial à saúde. (Nota do Tradutor)

separadamente”; os quais, “morando em um espaço pequeno, (ainda) não percebem uns aos outros”, neste plano sensorial, nenhum deles faz isso exceto a mente. Porque a mente diz: “O nariz não sente cheiro sem mim, os olhos não percebem uma cor, etc.,etc. Eu sou o eterno chefe entre todos os elementos (isto é, sentidos). Sem mim, os sentidos nunca brilham, como se fossem uma casa vazia ou como fogueiras cujas chamas estão apagadas. Sem mim, todos os seres, como combustível meio seco e meio úmido, são incapazes de perceber qualidades ou objetos mesmo enquanto os sentidos atuam intensamente.”²⁵⁶

Isso se refere, é claro, apenas à *mente que atua no plano sensorial*. A mente espiritual (a parte ou aspecto superior de MANAS *impessoal*) não toma conhecimento dos sentidos do homem físico. A extrema familiaridade dos antigos com a correlação de energias e com todos os fenômenos recentemente descobertos na área das funções e faculdades mentais e físicas pode ser constatada nos capítulos VII e VIII desta obra cujo valor em filosofia e conhecimento místico é inestimável. Veja a disputa entre os sentidos em torno da sua respectiva superioridade e o fato de que eles adotaram Brahman, o senhor de todas as criaturas. “Vocês são todos os maiores e não maiores”, ou superiores aos objetos, como A. Misra afirma, pois nenhum é independente dos outros. “Vocês todos possuem as qualidades uns dos outros. Todos são os maiores em suas próprias esferas e todos apoiam uns aos outros. Há um que não oscila (o vento vital ou respiração vital, a chamada ‘*inalação da Ioga*’, que é a respiração do UM ou do EU Superior). Este é o (ou o meu) EU em si mesmo, acumulado em várias (formas).”

Esta Respiração, Voz, Eu ou “Vento” (*pneuma?*) é a Síntese dos Sete Sentidos, *numenalmente* todas as divindades menores; e, esotericamente, o *setenário* e o “Exército da VOZ”.

(b) A seguir vemos a matéria Cósmica espalhando-se e transformando-se nos elementos, agrupados nos quatro elementos físicos dentro do quinto elemento - o Éter, o tecido interno do Akasha, a Anima Mundi ou Mãe do Cosmos. “Pontos, Linhas, Triângulos, Cubos, Círculos”, e finalmente “Esferas” - por quê, ou como? Porque, diz o Comentário, esta é a primeira lei da Natureza, e porque a Natureza geometriza universalmente em todas as suas manifestações. Há uma lei inerente, não só na matéria primordial, mas também na matéria manifestada do nosso plano fenomênico, pela qual a Natureza correlaciona as suas formas geométricas e, mais tarde, os seus elementos compostos; e nisso não há lugar para acasos ou acontecimentos ao azar. Uma lei fundamental do Ocultismo afirma que não existe descanso ou ausência de movimento na Natureza.²⁵⁷ Aquilo que parece ser um

²⁵⁶ Isso mostra que os metafísicos modernos, inclusive todos os Hegels, Berkeleys, [Arthur] Schopenhauers, [Karl Robert Eduard von] Hartmanns, e Herbert Spencers presentes e passados, e mesmo os modernos Hylo-Idealistas, não são melhores que os modestos copistas da antiguidade remota. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁵⁷ É o conhecimento desta lei que permite e ajuda o Arhat a usar os seus *Siddhis*, ou vários fenômenos tais como a desintegração da matéria e o transporte de objetos de um lugar para outro. (Nota de H.P. Blavatsky)

repouso é apenas a mudança desde uma forma para outra; a mudança de substância acontece passo a passo com a mudança de forma - segundo aprendemos no estudo da Física Oculta, que parece ter antecipado em muito a descoberta da “conservação da matéria”²⁵⁸. Diz o antigo Comentário²⁵⁹ à Estância IV:

*“A Mãe é o ígneo Peixe da Vida. Ela espalha as suas ovas, e a Respiração (o Movimento) as aquece e as anima. Os grãos (das ovas) são atraídos em seguida uns pelos outros e formam os coágulos no Oceano (do Espaço). Os aglomerados maiores se reúnem e recebem mais ovas - em pontos, triângulos e cubos de fogo, que amadurecem; e, no momento previamente determinado, alguns dos aglomerados se separam e adotam uma forma esférica, processo que efetuam apenas quando não sofrem interferência por parte dos outros. Depois disso, a lei número * * * entra em operação. O Movimento (a Respiração) se torna o Redemoinho e os coloca em rotação.”*²⁶⁰

ESTÂNCIA IV - continuação.

5. que é: -

“Escuridão”, o que não tem limite, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhavat: o

O (por x, quantidade desconhecida) :

I.O Adi-Sanat, o Número, porque ele é Um. (a)

²⁵⁸ “Conservação da matéria” - referência à Lei de Lavoisier, segundo a qual “na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”. (Nota do Tradutor)

²⁵⁹ Estes são Comentários antigos combinados com glossários modernos destas Estâncias, já que os Comentários em sua linguagem simbólica são normalmente tão difíceis de entender quanto as próprias Estâncias. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁶⁰ Em um trabalho científico polêmico, “The Modern Genesis”, o autor, o Rev. W. B. Slaughter, critica a posição assumida pelos astrônomos e pergunta: “Lamentamos que os advogados desta teoria (nebular) não tenham entrado mais profundamente na discussão (do começo da rotação). Ninguém tem a bondade de partilhar conosco a sua explicação racional. Como pode o processo de esfriamento e de contração da massa provocar nela um movimento rotativo?” A questão é amplamente tratada nos Adendos (Parte Três do Vol. I). A ciência materialista jamais poderá resolvê-la. “O movimento é eterno no imanifestado e periódico no manifestado”, diz um ensinamento Oculto. É “quando o calor causado pela descida da CHAMA até a matéria primordial faz com que suas partículas se movimentem que o movimento se torna um redemoinho”. Uma gota de um líquido assume a forma esférica devido ao fato de que os seus átomos se movimentam em torno de si mesmos em sua essência última, inextricável, e numenal; inextricável para a ciência física, pelo menos. (Nota de H. P. Blavatsky)

II.A Voz da Palavra, Svabhat, os Números, porque ele é Um e Nove.

III.O “Quadrado sem Forma”. (*Arupa*.)

E estes três, situados dentro do  (*círculo ilimitado*) (*b*), são o quatro sagrado; e os dez são o Universo *Arupa* (*subjetivo, sem forma*). Neste ponto vêm os “Filhos”, os sete Lutadores, o Um, o oitavo é deixado de fora (*c*), e a sua Respiração, que é a produtora-da-luz (*Bhaskara*). (*d*) ²⁶¹

(*a*) “Adi-Sanat”, traduzido literalmente, é o Primeiro ou “primitivo” antigo, cujo nome identifica os termos cabalísticos “Ancião dos Dias” e “Idoso Sagrado” (Sefira e Adão Cadmon) com Brahma, o Criador, chamado também de *Sanat* entre outros nomes e títulos.

Svabhat é a essência mística, a raiz plástica da Natureza física - “Números” quando manifestada; o Número, na sua Unidade de Substância, no plano mais elevado. O nome é usado no budismo e constitui um sinônimo para a Anima-Mundi quádrupla, o “Mundo Arquetípico” dos cabalistas, de onde procedem os mundos “Criativo, Formativo e Material”; as Centelhas ou Faíscas - os vários outros mundos contidos nestes três. Os Mundos estão todos sujeitos a Governantes e Regentes - chamados de Rishis e Pitris pelos hindus, de Anjos pelos judeus e cristãos, e de Deuses, pelos antigos em geral.

(*b*)  Isso significa que o “Círculo Ilimitado” (Zero) se torna um número só quando um dos nove algarismos o precede, manifestando assim o seu valor e sua potência; a Palavra ou Logos, em união com a VOZ e o Espírito ²⁶² (a expressão e fonte da Consciência), representam os nove algarismos e formam assim, com o Zero, a Década que contém em si todo o Universo. A tríade forma dentro do círculo a Tétrade ou Quatro Sagrado. O Quadrado dentro do Círculo é o mais potente de todos os números mágicos.

²⁶¹ Como registramos em nota anterior, a transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários a elas não é sempre literal e às vezes difere fortemente da versão das Estâncias apresentada logo após o Proêmio. Neste verso 5 da Estância IV, a diferença é particularmente forte e uma comparação vale a pena. (Nota do Tradutor)

²⁶² A expressão “em união com o Espírito e a Voz” se refere ao Pensamento Abstrato e à Voz Concreta, ou a manifestação do Espírito, o efeito da Causa. Adão Cadmon ou Tetragrammaton é o Logos, na Cabala; portanto, esta tríade corresponde na Cabala ao triângulo mais elevado, formado por Kether, Chochmah e Binah, no qual Binah é ao mesmo tempo uma potência feminina e o Jeová masculino, e possui a mesma natureza de Chochmah, ou sabedoria masculina. (Nota de H. P. Blavatsky)

(c) O “Rejeitado” é o Sol do nosso sistema. A versão exotérica é encontrada nas Escrituras Sâncritas mais antigas. No Rig Veda, Aditi, “O Ilimitado”, o Espaço infinito, traduzido pelo Sr. Max Müller como sendo “o infinito visível a olho nu (!), a extensão sem fim situada além da Terra, além das nuvens, além do céu”, é o equivalente da “Mãe-Espaço”, contemporânea da “Ecuridão”. Ela é chamada corretamente de “Mãe dos Deuses”, DEVA-MATRI, porque é da sua matriz cósmica que nasceram todos os corpos celestes do nosso sistema, o Sol e os planetas. Ela é descrita alegoricamente do seguinte modo: “Oito Filhos nasceram do corpo de Aditi; ela aproximou-se dos deuses com sete, mas lançou fora o oitavo, Martanda”, nosso sol. Os sete filhos chamados de Aditya são, cósmica e astronomicamente, os sete planetas; e o fato de que o Sol foi excluído do conjunto mostra claramente que os hindus conheciam um sétimo planeta, sem chamá-lo de Urano.²⁶³ Mas esotérica e teologicamente, digamos assim, os Adityas são, em seus significados primitivos mais antigos, os oito, e também os doze grandes deuses do panteão hindu. “Os Sete permitem aos mortais verem as suas moradas, mas se revelam apenas para os Arhats”, diz um antigo provérbio; e a expressão “as suas moradas” significa neste contexto “os seus planetas”. O Comentário dá uma alegoria e explica:

“Oito casas foram construídas pela Mãe. Oito casas para os seus Oito Filhos Divinos: quatro grandes, e quatro pequenas. Oito sóis brilhantes, de acordo com as idades e os méritos deles. Bal-ilu (Martanda) não ficou satisfeito, embora sua casa fosse a maior. Ele começou (a trabalhar) como fazem os elefantes enormes. Ele respirou absorvendo (trazendo para si) os ares vitais dos seus irmãos. Ele tentou devorá-los. Os quatro maiores se afastaram: para longe, para o limite do reino deles.²⁶⁴ Eles não foram roubados (afetados), e se riram. ‘Faça o pior que puder, Senhor, mas não poderá atingir-nos’. Porém o menor deles chorou. Eles reclamaram para a Mãe. Ela exilou Bal-ilu para o centro do Reino dela, de onde ele não poderia mais mover-se. (Desde então) ele (apenas) olha e ameaça. Ele os persegue, girando lentamente em torno de si mesmo. Eles afastam-se rapidamente

²⁶³ A Doutrina Secreta ensina que o Sol é uma estrela central e não um planeta. No entanto, os Antigos conheciam e adoravam sete grandes deuses, fora o Sol e a Terra. Qual era aquele “Deus Misterioso” que eles colocavam de lado? Naturalmente não era Urano, descoberto apenas em 1781 por Herschel. Mas não poderia ser Urano, sob outro nome? Diz o autor de “Maçonnerie Oculte”: “Como as ciências ocultas descobriram por cálculos astronômicos que o número dos planetas deve ser sete, os antigos foram levados a introduzir o Sol na escala das harmonias celestiais, fazendo com que ele ocupasse o lugar vago. Deste modo, sempre que eles percebiam uma influência que não pertencia a nenhum dos planetas, eles a atribuíam ao Sol. O erro parece importante, mas não tinha importância em termos práticos, se os antigos substituíam Urano pelo Sol, que é uma Estrela central relativamente imóvel, girando apenas em torno do seu eixo e regulando o tempo e as medidas; e que não pode ser afastada das suas funções.” ... A nomenclatura dos dias da semana é, portanto, falha. “O Domingo, *Sun-day*, Dia do Sol, deveria ser o Dia de Urano, *Uran-day*”, diz o erudito escritor, Ragon. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁶⁴ O sistema planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

*dele, e ele segue de longe a direção em que seus irmãos se movimentam no caminho que rodeia as casas deles.*²⁶⁵ *Desde aquele dia ele se alimenta com o suor do corpo da Mãe. Ele se preenche com a respiração e os rejeitos dela. Portanto, ela o rejeitou.*”

Assim, como o “Filho rejeitado” é o nosso Sol, fica evidente que, conforme foi mostrado acima, a expressão “Filhos-Sóis” não se refere apenas aos nossos planetas, mas aos corpos celestes em geral.²⁶⁶ *Surya*²⁶⁷ é em si mesmo apenas um reflexo do Sol central espiritual, e constitui o protótipo de todos os corpos que surgiram depois dele. Nos Vedas, ele é chamado de *Loka-Chakshuh*, “o olho do Mundo” (do nosso mundo planetário)²⁶⁸, e é uma das três divindades principais. Ele é chamado tanto de *Filho de Dyaus* quanto de *Filho de Aditi*, porque não é feita diferença alguma em relação ao significado esotérico. Assim, afirma-se que ele é puxado por sete cavalos, e também que é puxado por um cavalo que possui sete cabeças. A primeira imagem se refere aos seus sete planetas; a segunda imagem se refere à origem comum deles, a partir do Elemento Cósmico Único. Este “Elemento Único” é chamado simbolicamente de “Fogo”. Os Vedas (e também o *Aitareya-Brahmana* de Haug, ver p. 01) ensinam que “o fogo é verdadeiramente todas as divindades”. (Veja Narada em *Anugita*.)

O significado da alegoria é claro, porque temos as explicações do Comentário de Dzyan e também da ciência moderna a seu respeito, embora as duas sejam diferentes em mais de um detalhe. A Doutrina Oculta rejeita a hipótese, nascida da Teoria Nebular, segundo a qual os (sete) grandes planetas surgiram da massa central do Sol; pelo menos ela não surgiu desse nosso Sol visível. A primeira condensação da matéria cósmica aconteceu naturalmente em torno de um núcleo central, o Sol progenitor; mas o nosso Sol, segundo afirma o ensinamento, apenas afastou-se antes que todos os outros, à medida que a massa em rotação se contraía, e é portanto o seu irmão maior e mais velho, não o seu pai. Os oito Adityas, “os deuses”, são todos formados a partir da substância eterna (matéria cometária²⁶⁹ - a Mãe), ou

²⁶⁵ A astronomia ensina que “o Sol gira sobre o seu eixo sempre na mesma direção em que os planetas giram em suas respectivas órbitas”. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁶⁶ Veja o item 6 da Estância IV, que diz: “O filho rejeitado é um. Os Filhos-sóis são inúmeros.” (Nota do Tradutor)

²⁶⁷ “Surya”: o nosso Sol. (Nota do Tradutor)

²⁶⁸ Veja a propósito a obra “A Visão de Deus”, de Nicolau de Cusa. Sob o verniz cristão, o Cardeal de Cusa foi um pitagórico e um ocultista, segundo Helena Blavatsky; e neste livro Cusa aborda o sol como representando “a visão do absoluto”. Veja a edição portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, 242 pp., Lisboa, 1998. Por outro lado, a imagem do “olho que tudo vê” pertence também à tradição maçônica. (Nota do Tradutor)

²⁶⁹ Esta Essência de matéria Cometária, segundo ensina a Ciência Oculta, é totalmente diferente de qualquer característica física ou química conhecida pela ciência moderna. Ela é homogênea na sua forma primitiva, que vai além dos sistemas solares, e se diferencia inteiramente quando atravessa a fronteira da região da nossa Terra, já que a sua substância é

“Substância-do-Mundo”, que é tanto o quinto como o sexto princípio CÓSMICOS, o Upadhi ou base da Alma Universal, assim como, no ser humano, o Microcosmo, Manas ²⁷⁰, é o Upadhi de Buddhi. ²⁷¹

(d) Há um poema inteiro dedicado às batalhas pré-genéticas travadas pelos planetas em crescimento antes da formação final do Cosmo. Isso explica as posições aparentemente desarmônicas dos sistemas de vários planetas. O plano dos satélites de alguns deles (Netuno e Urano, por exemplo, dos quais se afirma que os antigos nada sabiam) está fortemente inclinado para um lado, o que dá a eles a aparência de um movimento retrógrado. Estes planetas são chamados de guerreiros, e de Arquitetos, e são vistos pela Igreja Romana como líderes das Hostes celestiais, o que confirma as tradições mencionadas. Tendo surgido do Espaço Cósmico antes da formação final dos protótipos ²⁷² e da anulação da nébula planetária, o Sol, diz o ensinamento, colocou nas profundezas da sua massa toda a vitalidade cósmica que pôde, ameaçando absorver os seus “irmãos” mais frágeis antes que a lei da atração e da repulsão fosse finalmente ajustada; depois disso ele começou a alimentar-se “do suor e dos rejeitos da Mãe”; em outras palavras, daqueles aspectos do Éter (“a respiração da Alma Universal”) cuja existência e constituição a ciência até agora absolutamente desconhece. Uma teoria deste tipo foi proposta por Sir William Grove (veja “Correlation of the Physical Forces”, 1843, p. 81; e “Address to the British Association”, 1866). Ele afirmou que os sistemas “estão mudando gradualmente devido a acréscimos ou subtrações atmosféricas, ou aumentos e diminuições causados por substâncias nebulares” e também que “o Sol pode condensar matéria gasosa à medida que ele viaja pelo Espaço e assim calor pode ser produzido”. O ensinamento arcaico parece bastante científico, mesmo nos tempos atuais. ²⁷³ O senhor W. Mattieu Williams sugeriu que a matéria difusa ou Éter, que recebe as radiações caloríficas do Universo, é atraída por elas até a profundidade da massa solar. Sendo expelido de lá o Éter que havia sido previamente condensado e

influenciada pelas atmosferas dos planetas e pela matéria já composta da substância interplanetária, que só é heterogênea em nosso mundo manifestado. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷⁰ Manas, o princípio mental, ou alma humana. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷¹ Buddhi, a alma divina. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷² Protótipos. No original em inglês, “primaries”. Levando em conta o uso do termo “primaries” por parte de HPB neste contexto e em outros lugares, deduzimos que o seu significado é o de “protótipo, modelo, tipo”, ou mesmo de “hierarquias” e “inteligências”. As hierarquias divinas produzem os protótipos e zelam por eles ao longo dos períodos de manifestação e descanso do universo. (Nota do Tradutor)

²⁷³ Há ideias muito semelhantes em “The Fuel of the Sun”, do Sr. Mattieu Williams; em “On the Conservation of Solar Energy”, do Dr. C. William Siemens (“Nature”, XV, pp. 400-444, March 9, 1882), e também no “Address of the President of the Geological Society”, do Dr. P. Martin Duncan (London, May 1877). (Nota de H. P. Blavatsky)

termicamente esgotado, ele fica comprimido e perde seu calor, sendo afastado em um estado rarefeito e frio, até absorver um novo suprimento de calor, que o cientista supõe ser assim novamente concentrado e redistribuído pelos Sóis do Universo.²⁷⁴

A ideia está tão próxima dos ensinamentos Ocultos quanto a ciência jamais imaginou; porque o Ocultismo explica isso pela “respiração morta” dada de volta por Martanda e pelo fato de que Martanda se alimenta com “o suor e os rejeitos” da “Mãe Espaço”. Aquilo que só poderia afetar muito pouco Netuno²⁷⁵, Saturno e Júpiter teria matado “Casas” comparativamente pequenas como Mercúrio, Vênus e Marte. Como Urano só foi descoberto nas décadas finais do século 18, o nome do quarto planeta mencionado na alegoria deve permanecer um mistério para nós, por enquanto.

Afirma-se que a “Respiração” dos “sete” é “Bhaskara” (produtora de luz), porque eles (os planetas) foram todos cometas e sóis em sua origem. Eles evoluem transformando-se em vida Manvantárica a partir do Caos primordial (agora o númeno da nébulas indivisíveis) através da agregação e da acumulação das diferenciações primárias da matéria eterna, segundo a bela expressão no Comentário: “Assim os Filhos da Luz se vestiram com o tecido da Escuridão.” Eles são chamados alegoricamente de “Caracóis Celestes” por causa das suas INTELIGÊNCIAS (para nós) sem forma, que habitam, invisíveis, as suas casas estelares e planetárias, e porque, de certo modo, eles carregam suas casas consigo em suas órbitas, assim como fazem os caracóis. A doutrina da origem comum de todos os corpos e planetas celestes foi, como podemos ver, inculcada pelos astrônomos antigos, antes de Kepler, Newton, Leibniz, Kant, Herschel e Laplace. O calor (ou Respiração), a atração e a repulsão, são os três grandes fatores do Movimento, e são as condições sob as quais todos os membros desta família primitiva nascem, se desenvolvem e morrem, para renascer de novo após uma “Noite de Brahmâ”, durante a qual a matéria eterna recai periodicamente em seu estado primário indiferenciado. O físico moderno não consegue ter uma ideia da natureza dos gases mais rarefeitos. Sendo no início Centros de Força, as centelhas invisíveis dos átomos primordiais se diferenciam em moléculas e passam gradualmente à objetividade, tornando-se Sóis, gasosos, radiantes e cósmicos: o “Redemoinho” (ou movimento) único finalmente dá impulso à forma e ao movimento inicial, de um modo que é regulado e sustentado pelas incessantes Respirações, os Dhyán-Chohans.

²⁷⁴ Veja “Comparative Geology”, de Alexander Winchell, LL.D., p. 56. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷⁵ Quando falamos de Netuno, não o fazemos como Ocultista, mas como alguém da Europa. O verdadeiro Ocultista Oriental dirá que, embora ainda haja muitos planetas não descobertos em nosso sistema solar, Netuno não pertence a ele. Apesar da aparente conexão de Netuno com o nosso sol e da influência do nosso sol sobre ele, esta ligação é imaginária, *mayávica*, dizem eles. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA IV - continuação.

6. E então o Segundo grupo de Sete, que são os *Lipikas*, produzidos pelos Três (a *Palavra*, a *Voz* e o *Espírito*). O Filho rejeitado é um. Os Filhos-Sóis são inúmeros.

A expressão “os *Lipi-kas*”, derivada do termo *Lipi*, “escrever”, significa literalmente “os escribas”.²⁷⁶ Misticamente, estes Seres Divinos estão conectados com o Carma, a Lei da Retribuição, porque são os Registradores ou Historiadores que imprimem nas (para nós) invisíveis tabuletas²⁷⁷ da Luz Astral, “a grande galeria de imagens da eternidade”, um registro fiel de cada ação, e mesmo de cada pensamento do homem, de tudo o que foi, é, ou será, no Universo fenomênico. Como foi dito em *Ísis Sem Véu*, esta tela divina, situada fora do campo de visão, é o LIVRO DA VIDA. Como são os *Lipikas* que a partir da Mente Universal passiva projetam na objetividade o plano ideal do universo, com base no qual os “Construtores” reconstruem o Cosmos após cada Pralaya, são eles que trabalham em paralelo com os Sete Anjos da Presença, que os cristãos reconhecem como os Sete “Espíritos Planetários” ou “Espíritos das Estrelas”; porque são eles os escrivães da Ideação Eterna, que foi chamada por Platão de “Pensamento Divino”.²⁷⁸ A ideia do Registro Eterno não é um sonho fantástico, porque temos os mesmos registros no mundo da matéria densa. “Uma sombra nunca cai sobre um muro sem deixar nele um traço permanente que pode ser transformado em visível pela realização de alguns processos”, diz o Dr. Draper. (.....) “Os retratos de nossos amigos e as imagens da natureza podem estar fora do alcance da superfície sensível do olho, mas estão prontos a aparecer tão logo os processos adequados de revelação sejam usados. Um espectro é ocultado em uma

²⁷⁶ Estes são os quatro “Imortais” mencionados no *Atharva Veda* como os “Vigilantes” ou Guardiães dos quatro cantos do céu. (Veja o capítulo lxxvi, pp. 1-4 e seguintes.) (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷⁷ Tabuletas. No original, “tablets”; tabuletas, placas, chapas, lâminas, blocos. (Nota do Tradutor)

²⁷⁸ Um Mestre de Sabedoria escreveu: “Por incontáveis gerações os adeptos vêm construindo um templo de rochas imperecíveis, uma Torre gigantesca de PENSAMENTO INFINITO, onde o Titã morava, e onde, se for necessário, voltará a morar solitário, saindo dela somente no final de cada ciclo, para convidar os eleitos da humanidade a cooperarem com ele e o auxiliarem por sua vez a iluminar o homem supersticioso. E continuaremos nesse nosso trabalho periódico; e não deixaremos de lado as nossas intenções filantrópicas até aquele dia em que os alicerces de um novo continente de pensamento estejam tão firmemente consolidados que nenhuma opressão ou maldade ignorante, guiada pelos Irmãos das Sombras, possa prevalecer.” (Carta 18, p. 129, no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília). (Nota do Tradutor)

superfície de prata ou vidro até que, através da necromancia, fazemos com que ele venha para o mundo visível. Nas paredes das nossas habitações mais privadas, onde pensamos que o olhar intruso não pode ter alcance e nosso ambiente particular não poderia ser invadido, lá estão os vestígios de todas as nossas ações e as silhuetas de tudo o que fizemos.”²⁷⁹ Os doutores Jevons e Babbage acreditam que cada pensamento, ao deslocar as partículas do cérebro e colocá-las em movimento, as espalha por todo o Universo. Eles pensam que “cada partícula da matéria existente deve ser um registrador de tudo o que ocorreu” (“Princípios da Ciência”, vol. II, p. 455). Assim a doutrina antiga já começou a adquirir direitos de cidadania nas especulações do mundo científico.

Os quarenta “Assessores de Justiça” que ficam na região de *Amenti*²⁸⁰ como acusadores da alma diante de *Osíris* pertencem ao mesmo tipo de divindade que os *Lipikas*, e poderiam ser comparáveis a eles, se o significado esotérico dos deuses egípcios não fosse tão desconhecido. O *Chitra-Gupta* hindu que lê o relato da vida de cada Alma em seus registros, chamados de Agra-Sandhani; os “Assessores de Justiça” que leem os seus registros a partir do coração de quem morreu, o qual se torna um livro aberto diante de Yama, Minos, Osíris ou o Carma, são todos eles cópias ou variantes dos *Lipikas* e dos seus Registros Astrais. No entanto, os *Lipi-kas* não são divindades ligadas à Morte, e sim à Vida Eterna.

Eles têm uma relação com o destino de cada ser humano e com o nascimento de cada criança, cuja vida já está traçada na Luz Astral - não de modo fatalista, mas apenas porque o futuro, como o PASSADO, está sempre vivo no PRESENTE. Também é possível afirmar que os *Lipikas* exercem uma influência sobre a Ciência do Horóscopo. Queiramos ou não, devemos admitir a legitimidade desta Ciência, porque, conforme foi observado por um estudioso moderno da Astrologia²⁸¹, “agora que a fotografia nos revelou a influência química do sistema sideral, ao fixar na chapa sensível da máquina fotográfica milhões de estrelas e planetas que até agora haviam frustrado os esforços dos mais poderosos telescópios por localizá-los, fica mais fácil entender como o nosso sistema solar pode, no momento em que nasce uma criança, influenciar o seu cérebro - até aquele momento destituído de qualquer impressão - de um modo definido e de acordo com a presença, no zênite, desta ou daquela constelação zodiacal.”²⁸²

²⁷⁹ “Conflict between Religion and Science”, Draper, pp. 132-133. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁸⁰ *Amenti*: o reino dos mortos, na mitologia egípcia. (Nota do Tradutor)

²⁸¹ Dr. Ely Star, segundo Boris de Zirkoff informa em sua edição de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

²⁸² “Les Mystères de l’Horoscope”, p. XI. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA V COMENTÁRIO

1. Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo. (a)

(a) Entre todas as Estâncias, esta talvez seja a mais difícil de explicar. A sua linguagem é compreensível apenas para quem está por completo familiarizado com as alegorias Orientais e sua fraseologia intencionalmente vaga. Surge neste ponto a pergunta: “Será que os Ocultistas acreditam em todos estes ‘Construtores’, ‘Lipikas’, e ‘Filhos da Luz’ como entidades, ou serão eles apenas imagens simbólicas?” A esta questão a resposta dada é igualmente clara: (.....)

(.....) (.....)

(A tradução prosseguirá)

000

Este ponto da obra corresponde ao **início da página 106 do volume I** da edição original em inglês.

Está incluída no texto acima, naturalmente, a tradução das 47 páginas iniciais da obra em inglês, que são contadas com algarismos romanos. As primeiras 47 páginas da edição da Theosophy Co. contêm o material anterior ao Proêmio.

Veja, a seguir, um Fragmento do Volume II da obra.

00000

AS ESTÂNCIAS DA ANTROPOGÊNESE:

O Trecho Inicial do Volume II de “A Doutrina Secreta”, pp. 15-21 na edição original em inglês

A ANTROPOGÊNESE NO VOLUME SECRETO

(Trechos Textuais) ²⁸³

I

1.O Lha que faz girar a quarta é servidor do Lha dos Sete, eles fazem a volta guiando suas carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único. Seu alento deu vida aos Sete; deu vida ao primeiro.

2.A Terra disse: - “Senhor da Face Brilhante; minha casa está vazia. envia teus filhos para povoar esta roda. Tu mandaste teus sete filhos para o Senhor da Sabedoria. Ele te vê sete vezes mais perto de si, te sente sete vezes mais. Proibiste aos teus servidores, os pequenos anéis, de pegarem tua luz e teu calor e de interceptarem a tua grande generosidade ao passar. Envia-os agora à tua serva.”

3.O “Senhor da Face Brilhante” disse: “Eu te enviarei um fogo quando teu trabalho tiver começado. Ergue tua voz até outros Lokas; pede a teu pai, o Senhor do Lótus, pelos filhos dele A tua gente estará sob a direção dos Pais. Os teus homens serão mortais. Os homens dos Senhores da Sabedoria são imortais, os Filhos Lunares, não. Pára de reclamar. Tuas sete peles ainda estão sobre ti Tu não estás pronta. Teus homens não estão prontos.”

4.Depois de grande sofrimentos ela desembarçou-se de suas três peles velhas e vestiu suas sete novas peles, e permaneceu na sua primeira.

II

5. A roda girou durante mais 300 milhões. Ela construiu rupas: pedras suaves que endureceram; plantas duras que se tornaram suaves. O visível do invisível, insetos e as vidas pequenas. Ela os sacudia do seu dorso sempre que eles devastavam a mãe. Depois de 300 milhões ela se tornou redonda. Ela se inclina sobre as suas costas, de lado Ela não queria chamar nenhum filho do Céu, não solicitava nenhum filho da Sabedoria. Ela criava do seu próprio seio. Ela produziu homens-aquáticos, terríveis e maus.

6.Ela própria criou os homens-aquáticos terríveis e maus a partir dos restos de outros, formou-os com a escória e o lodo dos seus primeiros, segundos e terceiros. Os Dhyanis vieram e olharam -; os Dhyanis vieram do claro Pai-Mãe, das regiões brancas, da moradia dos mortais imortais.

²⁸³ Apresentamos aqui apenas 49, entre centenas. Nem todos os versos são traduzidos literalmente. Às vezes, empregamos uma perífrase para que o texto seja claro e compreensível, em passagens em que uma tradução literal seria completamente ininteligível. (Nota de H. P. Blavatsky)

7.Eles ficaram descontentes. Nossa carne não está lá. Não há rupas adequados para nossos irmãos da quinta. Não há moradias para as vidas. Eles devem beber águas puras, e não turvas. Vamos secá-las.

8.As chamas vieram. Os fogos com as centelhas; os fogos da noite e os fogos do dia. Eles secaram as águas turvas e escuras. Com seu calor as extinguiram. Vieram os Lhas do Alto e os Lhamayin de Abaixo. Eles mataram as formas que tinham duas e quatro faces. Lutaram contra os homens-cabra, contra os homens com cabeça de cachorro e contra os homens com corpo de peixe.

9.A mãe-água, o grande mar, chorou. Ela ergueu-se e desapareceu na lua que a havia elevado, que lhe havia dado nascimento.

10.Quando eles foram destruídos, a Mãe-terra ficou sem nada. Ela pediu para ser secada.

III

11.O Senhor dos Senhores veio. Ele separou do corpo dela as águas, e aquilo foi o Céu acima, o primeiro Céu.

12.Os grandes Chohans chamaram os Senhores da Lua, dos corpos aéreos. “Produzam homens, homens da sua natureza, deem a eles as suas formas internas. Ela construirá a cobertura por fora. Eles serão masculino-femininos. Também Senhores da Chama.”

13.Cada um deles foi para o território que lhe foi destinado; eram sete, cada um na sua área. Os Senhores da Chama permaneceram atrás. Eles não queriam vir, não queriam criar.

IV

14.As Sete Hostes, os “Senhores Nascidos-pela-Vontade”, movidos pelo Espírito da Doação de Vida, separaram os homens de si, cada um na sua própria região.

15.Nasceram sete vezes sete Sombras de homens futuros, cada homem com sua cor e seu tipo. Cada um inferior a seu pai. Os pais, os sem ossos, não podiam dar vida a seres dotados de ossos. Seus descendentes eram Bhuta, sem forma e sem mente. Por isso eram chamados de Chhaya.

16.Como nascem os Manushya? Os Manus com mentes, como são feitos? Os pais chamaram, para ajudá-los, o seu próprio fogo, que é o fogo que queima na Terra. O Espírito da Terra chamou em sua ajuda o Fogo Solar. Com seus esforços conjuntos, estes três produziram um bom Rupa. Ele podia ficar em pé, caminhar, correr, reclinar-se, ou voar. Porém ele ainda era um Chhaya, uma sombra destituída de sentidos.

17.O Alento precisava de uma forma; os Pais a deram. O Alento precisava de um corpo denso; a Terra o moldou. O Alento necessitava do Espírito da Vida; os Lhas Solares o colocaram, com sua respiração, na sua forma. O Alento necessitava um Espelho do seu Corpo; “Nós demos a ele o nosso próprio”, disseram os Dhyanis. O Alento necessitava um Veículo de Desejos; “Ele o tem”, disse o Drenador das Águas. Mas o Alento necessita de uma mente capaz de abarcar o Universo; “Não podemos dar isso”, disseram os Pais. “Nunca tive isso”, disse o Espírito da Terra. “A Forma seria destruída se eu lhe desse a minha”, disse o Grande Fogo. O homem permaneceu sendo um Bhuta, vazio e sem sentidos. Assim os sem-ossos deram vida a aqueles que se tornaram homens com ossos na terceira.

V

18.Os primeiros eram os filhos da Ioga. Seus filhos, os filhos do Pai Amarelo e da Mãe Branca.

19.A Segunda Raça foi produto da gemação²⁸⁴ e da expansão, a assexuada que surgiu da sem-sexo.²⁸⁵ Assim, ó Lanu, surgiu a Segunda Raça.

20.Seus pais eram Autonascidos. Os Autonascidos, os Chhayas surgidos dos corpos luminosos dos Senhores, os Pais, os Filhos do Crepúsculo.

21.Quando a Raça envelheceu, as águas antigas misturaram-se com as mais recentes. Quando suas gotas ficaram turvas, elas se desfizeram e desapareceram na nova corrente, a corrente quente da vida. O externo da primeira tornou-se o interno da segunda. A velha Asa tornou-se a nova Sombra, e a Sombra da Asa.

VI

22.Então a segunda produziu os nascidos-de-Ovos, a Terceira. O suor cresceu, suas gotas cresceram, se tornaram firmes e redondas. O sol o aqueceu; a Lua o esfriou e lhe deu forma; o vento o alimentou até o seu amadurecimento. O cisne branco do firmamento estrelado protegia a grande gota. O ovo da raça futura, o Homem-cisne da terceira posterior. Primeiro, masculino-feminino, depois homem e mulher.

²⁸⁴ Gemação (“Budding” no original em inglês): Tipo de reprodução assexuada que ocorre em certos organismos e que se dá pelo surgimento de uma massa celular protuberante, que cresce e se diferencia, dando origem a um novo indivíduo. Sinônimo; brotamento. (Ver dicionário “Novo Aurélio da Língua Portuguesa”, edição 1999.) (Nota do Tradutor)

²⁸⁵ Aqui são dados o espírito e a ideia da frase, já que uma tradução verbal significaria muito pouco para o leitor. (Nota de H. P. Blavatsky)

23.Os Autonascidos eram os Chhayas: as sombras surgidas dos corpos dos Filhos do Crepúsculo.

VII

24.Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite, prontos para o renascimento, desceram. Viram as formas vis da Primeira Terceira. “Podemos escolher”, disseram os Senhores, “temos sabedoria”. Alguns entraram nos Chhayas. Alguns projetaram a centelha. Alguns postergaram até a Quarta. Com o seu próprio Rupa encheram Kama. Aqueles que entraram se tornaram Arhats. Aqueles que só receberam uma centelha permaneceram destituídos de conhecimento; a centelha queimava com pouca força. A terceira permaneceu sem mente. Os Jivas deles não estavam preparados. Estes foram colocados à parte entre os sete. Eles passaram a ter cabeças-estreitas. Os terceiros estavam prontos. “Vamos habitar estes”, disseram os Senhores da Chama.

25.Como agiram os Manâsa, os Filhos da Sabedoria? Eles rejeitaram os Autonascidos. Eles não estão prontos. Eles rejeitaram os nascidos-por-Suor. Eles não estão bem prontos. Eles não queriam entrar nos primeiros nascidos-de-Ovos.

26.Quando os nascidos-por-Suor produziram os nascidos-de-Ovos, os duplos e os poderosos, os poderosos com ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: “Agora nós vamos criar.”

27.A Terceira Raça se tornou o Vahan ²⁸⁶ dos Senhores da Sabedoria. Ela criou os “Filhos da Vontade e da Ioga”, criou-os por Kriyasakti, eles, os Pais Sagrados, os ancestrais dos Arhats.

VIII

28.Das gotas de suor, do resíduo da substância, da matéria procedente dos cadáveres dos homens e dos animais da roda anterior, e do pó jogado fora, foram produzidos os primeiros animais.

29.Animais com ossos, dragões do abismo e Sarpas ²⁸⁷ voadoras foram acrescentados aos seres que rastejam. Os que rastejam pelo solo obtiveram asas. Os aquáticos de pescoço longo foram os ancestrais das aves do ar.

²⁸⁶ *Vahan*. Do sânscrito: veículo, instrumento, aquilo que transporta algo imaterial. (Nota do Tradutor)

²⁸⁷ *Sarpas*: Do sânscrito: serpentes. (Nota do Tradutor)

30. Durante a Terceira Raça, os animais sem ossos cresceram e mudaram: eles se tornaram animais com ossos, os seus Chhayas se tornaram sólidos.

31. Os animais foram os primeiros a se separarem. Eles começaram a procriar. Também o homem duplo se separou. Ele disse: “Façamos como eles; unamo-nos e procriemos.” E assim fizeram.

32. E aqueles que não tinham centelha tomaram para si enormes fêmeas animais. Geraram raças mudas. Eles próprios eram mudos. Mas as suas línguas se soltaram. As línguas da sua prole permaneceram mudas. Procriaram monstros. Uma raça de monstros encurvados, cobertos de cabelos vermelhos, andando em quatro patas. Uma raça muda para que a vergonha não fosse narrada.

IX

33. Ao verem isso, os Lhas, que não tinham construído os homens, choraram, dizendo:

34. “Os Amanasas degradaram nossas habitações futuras. Isto é Carma. Usemos as outras habitações. Devemos ensinar-lhes melhor, para evitar que ocorra o pior.” Eles fizeram.

35. Então todos os homens foram dotados de Manas. Eles viram o pecado dos que não tinham mente.

36. A Quarta Raça desenvolveu a fala.

37. O Um se converteu em Dois; também todos os seres vivos e rastejantes que ainda eram uma unidade; peixes-pássaros gigantes e serpentes de cabeças com carapaças.

X

38. Assim, de dois em dois, nas sete regiões, a Terceira Raça deu nascimento aos homens da Quarta Raça; os deuses se converteram em não-deuses; os suras se tornaram a-suras.²⁸⁸

39. A primeira, em todas as regiões, tinha a cor da lua; a segunda era amarela como ouro; a terceira, vermelha; a quarta, castanha, que se tornou preta pelo pecado. As primeiras sete ramificações humanas eram todas da mesma cor. As sete ramificações seguintes começaram a misturar-se.

²⁸⁸ *Suras*: Do sânscrito: Deuses. *A-suras*: não-deuses. (Nota do Tradutor)

40. Assim a Quarta chegou a ser alta devido ao orgulho. Disseram: Nós somos os reis, nós somos os deuses.

41. Tomaram esposas lindas ao olhar. Esposas vindas dos que não tinham mentes, os de cabeça estreita. Criaram monstros. Demônios maldosos, masculinos e femininos, também Khado (Dakini), de mentes pequenas.

42. Construíram templos para o corpo humano. Adoraram o masculino e o feminino. Então o Terceiro Olho deixou de funcionar.

XI

43. Eles construíram cidades enormes. Construíram com terras e metais raros, e com base nos fogos expelidos, na pedra branca das montanhas e na pedra negra, eles talharam suas próprias imagens, conforme seu tamanho e semelhança, e as adoraram.

44. Construíram grandes imagens com altura de nove yatis ²⁸⁹, o tamanho dos seus corpos. Fogos internos haviam destruído a terra dos seus pais. A água ameaçava a quarta.

45. Vieram as primeiras grandes águas. Submergiram as sete grandes ilhas.

46. Todos os Sagrados foram salvos, os Não-sagrados, destruídos. Com eles, a maior parte dos animais gigantes, produzidos do suor da terra.

XII

47. Poucos homens permaneceram: alguns amarelos, alguns castanhos e pretos, alguns vermelhos permaneceram. Os de cor da lua desapareceram para sempre.

48. A quinta, produzida da estirpe Sagrada, permaneceu; ela foi governada pelos primeiros Reis divinos.

49. Quem voltou a descer, quem estabeleceu a paz com a quinta, quem a ensinou e a instruiu.

²⁸⁹ *Yati*: Do sânscrito: medida equivalente a três metros. A Quarta Raça era a raça dos gigantes humanos. (Nota do Tradutor)

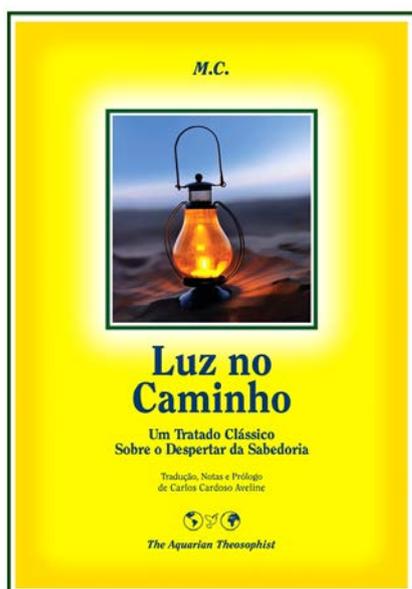
000000000000

(Final das sete estâncias da Antropogênese, que abrem o vol. II de “A Doutrina Secreta”, pp. 15-21)

(A tradução da obra prosseguirá.)

0000000000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de **“Luz no Caminho”**, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por **“The Aquarian Theosophist”**.

0000000000000000

